



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE CAVALARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**OS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO EM MISSÕES
DE RECONHECIMENTO DA *NATO RESPONSE FORCE* E
DOS *BATTLEGROUPS*.**

AUTOR: Aspirante-Aluno de Cavalaria André Lucas de Albuquerque

ORIENTADOR: Major de Infantaria Manuel Alexandre Garrinhas Carriço

Lisboa, Agosto de 2010



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE CAVALARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**OS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO EM MISSÕES
DE RECONHECIMENTO DA *NATO RESPONSE FORCE* E
DOS *BATTLEGROUPS*.**

AUTOR: Aspirante-Aluno de Cavalaria André Lucas de Albuquerque

ORIENTADOR: Major de Infantaria Manuel Alexandre Garrinhas Carriço

Lisboa, Agosto de 2010

DEDICATÓRIA

À minha Família e Amigos.

AGRADECIMENTOS

Não poderia de forma alguma desperdiçar este espaço, para deixar registado, os meus sinceros agradecimentos às pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho, em especial:

Ao Major de Infantaria Alexandre Carriço pela prontidão com que aceitou o convite de orientar este trabalho e pela disponibilidade permanente demonstrada no auxílio à condução do mesmo.

Ao Major de Cavalaria Paulo Serrano pela imediata disponibilidade com que aceitou o convite para a realização do questionário e ajuda no desenvolvimento do trabalho.

Ao Capitão de Cavalaria Fernando Cunha pela imediata disponibilidade com que aceitou o convite para a realização do questionário e da entrevista, e ajuda no desenvolvimento do trabalho.

Ao Major de Cavalaria Pedro Ferreira pelo apoio prestado no fornecimento de manuais e publicações que contribuíram bastante para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Tenente-Coronel de Cavalaria Paulo Marques pela disponibilidade com que aceitou o convite para a realização da entrevista e ajuda no desenvolvimento do trabalho.

Ao Coronel de Artilharia Rui Clero pelo apoio prestado no fornecimento de publicações que forneceram informações que contribuíram bastante para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Capitão de Cavalaria Fernando Lopes pela imediata disponibilidade com que aceitou o convite para a realização do questionário e da entrevista, e ajuda no desenvolvimento do trabalho.

Ao Major de Cavalaria Jorge Rainha pela imediata disponibilidade com que aceitou o convite para a realização da entrevista.

Ao Gabinete de Cavalaria da Academia Militar, Tenente-Coronel Paulo Ramos e Major Carlos Gabriel pela permanente disponibilidade demonstrada para a colaboração no trabalho.

Aos meus amigos e camaradas de curso pelo apoio demonstrado não só na intenção de auxílio em prol do trabalho, mas também ao longo destes anos de formação.

À minha namorada Cátia Silva pelo apoio demonstrado e pelo tempo que não lhe dediquei.

À minha família, tudo lhes devo.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS.....	viii
ÍNDICE DE QUADROS	ix
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	x
RESUMO.....	xiv
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O ESTADO DA ARTE	
1.1. O CONCEITO DE <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	5
1.1.1. A ORIGEM	5
1.1.2. DEFINIÇÃO DE <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	6
1.1.3. ESTRUTURA DE UMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	6
1.1.4. MISSÕES.....	8
1.2. O CONCEITO DE <i>BATTLEGROUPS</i>	9
1.2.1. A ORIGEM	9
1.2.2. DEFINIÇÃO DE <i>BATTLEGROUP</i> DA UNIÃO EUROPEIA	11
1.2.3. COMPOSIÇÃO TIPO DE UM <i>BATTLEGROUP</i>	11
1.2.4. MISSÕES	11
1.3. COMPARAÇÃO DA <i>NATO RESPONSE FORCE</i> E <i>BATTLEGROUPS</i>	12
1.3.1. PONTOS DIVERGENTES.....	12
1.3.2. PONTOS COMUNS.....	14
CAPÍTULO 2 - OS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS	
2.1. TIPOLOGIA DA FORÇA.....	16
2.2. CONCEITO DE EMPREGO	16
2.3. INTEGRADOS NUMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	16
2.4. INTEGRADOS NUM <i>BATTLEGROUP</i>	18
2.5. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO..	20
2.5.1. INTEGRADO NUMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	20
2.5.1.1. <i>Armoured Recce / Cavalry Company</i>	20

2.5.1.1.1. Elementos Estruturantes Necessários	20
2.5.1.1.2. Capacidades Necessárias.....	21
2.5.1.2. Medium Recce / Cavalry Company.....	22
2.5.1.2.1. Elementos Estruturantes Necessários	22
2.5.1.2.2. Capacidades Necessárias.....	22
2.5.2. INTEGRADO NUM <i>BATTLEGROUP</i>	22
2.5.2.1. Recce Unit e Recce Unit (Armoured).....	22
2.5.2.1.1. Comparação dos Atributos Necessários	22
2.5.2.1.2. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit	23
2.5.2.1.3. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit (Armoured)	23
2.5.3. APRONTAMENTO DA FORÇA	23
2.5.4. TEMPO EM <i>STAND-BY</i>	24
2.5.5. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS.....	24
2.6. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA	24
2.6.1. INTEGRADO NUMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	25
2.6.1.1. Armoured Recce / Cavalry Company.....	25
2.6.1.1.1. Elementos Estruturantes Necessários	25
2.6.1.1.2. Capacidades Necessárias.....	25
2.6.2. INTEGRADO NUM <i>BATTLEGROUP</i>	26
2.6.2.1. Recce Unit e Recce Unit (Armoured).....	26
2.6.2.1.1. Comparação dos Atributos Necessários	26
2.6.2.1.2. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit	26
2.6.2.1.3. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit (Armoured)	26
2.6.3. APRONTAMENTO DA FORÇA E TEMPO EM <i>STAND-BY</i>	27
2.6.4. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS.....	27
2.7. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA.....	27
2.7.1. INTEGRADO NUMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	28
2.7.1.1. Elementos Estruturantes Necessários	28
2.7.1.2. Capacidades Necessárias	28
2.7.2. INTEGRADO NUM <i>BATTLEGROUP</i>	29
2.7.2.1. Comparação dos Atributos Necessários	29
2.7.2.2. Capacidades Necessárias	29
2.7.3. APRONTAMENTO DA FORÇA E TEMPO EM <i>STAND-BY</i>	29
2.7.4. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS.....	30

2.8. A INTEGRAÇÃO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO NA <i>NATO RESPONSE FORCE 11</i>	30
2.8.1. ANÁLISE DA ENTREVISTA AO OFICIAL DE OPERAÇÕES DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	30
2.8.1.1. Análise das Modificações Orgânicas Efectuadas.....	31
2.8.1.2. Aprontamento da Força	32
2.8.1.3. Tempo em <i>Stand-by</i>	32
2.8.1.4. Aquisição de Equipamentos	32
2.8.1.5. Projecção da Força	33
2.9. ANÁLISE DA PROTECÇÃO E PODER DE FOGO DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO	33
2.9.1. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	33
2.9.1.1. Análise da Protecção.....	33
2.9.1.2. Análise do Poder de Fogo	34
2.9.2. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA.....	36
2.9.2.1. Análise da Protecção.....	36
2.9.2.2. Análise do Poder de Fogo	36
2.9.3. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA.....	38
2.9.3.1. Análise da Protecção.....	38
2.9.3.2. Análise do Poder de Fogo	38
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	39
VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES	39
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	44
APÊNDICES.....	47
APÊNDICE A – RESPONSABILIDADES DE COMANDO E CONTROLO DA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	48
APÊNDICE B – PROCESSO DE GERAÇÃO E ROTAÇÃO DA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	50
APÊNDICE C – TREINO E CERTIFICAÇÃO DA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	51
APÊNDICE D – PROCESSO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO E MILITAR DE UMA FORÇA DA UNIÃO EUROPEIA.....	53
APÊNDICE E – CERTIFICAÇÃO E TREINO DE UM <i>BATTLEGROUP</i>	55
APÊNDICE F – O NOVO CONCEITO DE <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	57

APÊNDICE G – ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	63
APÊNDICE H – ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE MECANIZADA.....	64
APÊNDICE I – ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA	66
APÊNDICE J – ENTREVISTA AO OFICIAL DE OPERAÇÕES DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO.....	67
 ANEXOS	
ANEXO K – ESTRUTURA DE UMA <i>NATO RESPONSE FORCE</i>	70
ANEXO L – <i>HEADLINE GOAL 2010</i>	71
ANEXO M – OS TREZE <i>BATTLEGROUPS</i> EUROPEUS INICIAIS, APROVADOS AQUANDO DA CONFERÊNCIA DE NOVEMBRO DE 2004	78
ANEXO N – ORGANIGRAMA GERAL DE UM <i>BATTLEGROUP</i> DA UNIÃO EUROPEIA.....	79
ANEXO O – CENÁRIOS POSSÍVEIS PARA A UTILIZAÇÃO DE UM <i>BATTLEGROUP</i> ..	80
ANEXO P – COMPARAÇÃO DA <i>NATO RESPONSE FORCE</i> E <i>BATTLEGROUPS</i> SEGUNDO O MODELO DE ANÁLISE DO PLANO DE OPERAÇÕES	81
ANEXO Q – ESPECTRO DE OPERAÇÕES QUE O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO PODE CONDUZIR DO ARTIGO 5º E “NÃO ARTIGO 5º”.....	82
ANEXO R – CAPACIDADES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO	83
ANEXO S – POSSIBILIDADES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO	86
ANEXO T – LIMITAÇÕES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO	88
ANEXO U – ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	89
ANEXO V – ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA	90
ANEXO W – ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA.....	91
ANEXO X – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO (<i>HEAVY – ARMoured RECCE / CAVALRY COMPANY</i>	92
ANEXO Y – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO (<i>MEDIUM – MEDIUM RECCE / CAVALRY COMPANY</i>	97
ANEXO Z – REQUISITOS DE UMA <i>RECCE UNIT</i> – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	99
ANEXO AA – REQUISITOS DE UMA <i>RECCE UNIT (ARMoured)</i> – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	101

ANEXO BB – VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO	104
ANEXO CC - CARACTERISTICAS DA BLINDAGEM DA VIATURA PANDUR II	108
ANEXO DD – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA (<i>HEAVY – ARMoured RECCE / CAVALRY COMPANY</i>)	109
ANEXO EE – REQUISITOS DE UMA RECCE UNIT – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA.....	113
ANEXO FF – REQUISITOS DE UMA <i>RECCE UNIT (ARMoured)</i> – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA.....	115
ANEXO GG – VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA.....	118
ANEXO HH – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA (<i>LIGHT – RECCE / CAVALRY COMPANY</i>)	124
ANEXO II – REQUISITOS DE UMA <i>RECCE UNIT</i> – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA	129
ANEXO JJ – VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA	131
ANEXO KK – ALTERAÇÕES ORGÂNICAS NA <i>NATO RESPONSE FORCE 11</i>	138
ANEXO LL – ESTRUTURA ORGÂNICA DA <i>MEDIUM RECCE COY (BRAGA)</i>	139
ANEXO MM – TIPOS DE MÍSSEIS <i>TUBE LAUNCHED, OPTICALLY TRACKED, WIRE COMMAND LINK</i>	142

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura C: Modelo de Certificação das forças de uma <i>NATO Response Force</i>	52
Figura D.1: Visão Geral do Processo de Planeamento Estratégico e Militar	53
Figura D.2: Processo de planeamento operacional de emprego de um <i>Battlegroup</i>	54
Figura K: Estrutura de uma <i>NATO Response Force</i>	70
Figura M: Os treze <i>Battlegroups</i> Europeus iniciais, aprovados aquando da conferência de Novembro de 2004	78
Figura N: Organigrama Geral de um <i>Battlegroup</i>	79
Figura U: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção..	89
Figura V: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada	90
Figura W: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reacção Rápida	91

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1: Tipo de força requerida tendo em conta os cinco cenários ilustrativos	18
Quadro 2.2: Resultados da avaliação do risco Operacional – <i>Recce Unit</i>	19
Quadro 2.3: Resultados da avaliação do risco Operacional – <i>Recce Unit (Armoured)</i>	19
Quadro 3.1: Lacunas do ERec da BrigInt face a uma integração numa NRF e num BG .	40
Quadro 3.2: Lacunas do ERec da BrigRR face a uma integração numa NRF e num BG	40
Quadro 3.3: Associação dos ERec com as respectivas forças da NRF e dos BG.....	43
Quadro F: Alterações na <i>NATO Response Force</i> segundo o modelo do Plano de Operações	61
Quadro O: Cenários Possíveis para a utilização de um <i>Battlegroup</i>	80
Quadro P: Comparação da <i>NATO Response Force</i> e <i>Battlegroups</i> segundo o modelo de análise do Plano de Operações	81
Quadro R: Capacidades dos Esquadrões de Reconhecimento.....	83
Quadro S: Possibilidades dos Esquadrões de Reconhecimento.....	86
Quadro T: Limitações dos Esquadrões de Reconhecimento.....	88
Quadro KK.1: Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento (BRAGA) – 15 de Fevereiro de 2006.....	138
Quadro KK.2: Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento proposto para a <i>Nato Response Force</i> 11	138
Quadro MM: Tipos de Mísseis TOW	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A

A: Air

ACO: Allied Command Operations

ACC: Air Component Command

AM: Auto-Metralhadoras

AP: Armor Piercing

APs: Allied Publications

B

BG: Battlegroups

BrigInt: Brigada de Intervenção

BrigMec: Brigada Mecanizada

BrigRR: Brigada de Reacção Rápida

C

C2: Comando e Controlo

CBRN: Chemical, Biological, Radiological and Nuclear

CC: Carro de Combate

CIMIC: civil-military co-operation

CJFSOCC: Combined Joint Force Special Operations Component Command

CJSOR: Combined Joint Statement of Requirement

CJTF: Combined Joint Task Force

CMC: Crisis Management Concept

Cmd: Comando

Cmdt: Comandante

CONOPS: Concept of Operations

CP: Conflict Prevention

CRO: Crisis Response Operations

D

E

EME: Estado Maior do Exército

EO: Evacuation Operation in a non permissive environment

EPC: Escola Prática de Cavalaria

ERA: Explosive Reactive Armour

ERec: Esquadrão de Reconhecimento

EUA: Estados Unidos da América

EU ISS: European Union Institute for Security Studies

EUMC: European Union Military Committee

EUMS: European Union Military Staff

F

FND: Forças Nacionais Destacadas

G

GAERC: General Affairs and External Relations Council

GFGC: Global Force Generation Conference

GRF: Graduated Readiness Forces

H

H: Hipóteses

HA: Assistance to Humanitarian Operations

HF: High Frequency

HQs: Head Quarters

I

IED: Improvised Explosive Device

IMD: Initiating Military Directive

INOP: Inoperacional

IRF: Immediate Response Force

ISS: Institute for Security Studies

ISTAR: Intelligence, Surveillance, Target Acquisition, and Reconnaissance

ITAS: Improved Target Acquisition System

J

JFC: Joint Force Command

JHQ: Joint Head Quarter

JLSG: Joint Logistic Support Group

JOA: Joint Operations Area

K

Kg: quilogramas

L

L: Land

LCC: Land Component Command

M

M: Maritime

m: metros

Man: Manutenção

mm: milímetros

Mort: Morteiros

m/s: metros por segundo

MP: Metralhadora Pesada

MSOs: Military Strategic Options

N

Nº: número

NAC: North Atlantic Council

NATO: North Atlantic Treaty Organization

NAMC: North Atlantic Military Committe

NBQR: Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico

NEO: Non-combatant Evacuation Operations

NRF: Nato Response Force

NSCC: NATO Special Operations Forces Coordination Centre

NTF: NATO Task Force

NTM: Notice to Move

O

OAP: Operações de Apoio à Paz

ONU: Organização das Nações Unidas

OPLAN: Operation Plan

OpPsic: Operações Psicológicas

P

Pel: Pelotão

PelRec: Pelotão de Reconhecimento

Pes: Pesados

PC 07: Progress Catalogue 2007

PCT: Posto de Comando de Tiro

PSC: Political and Security Commitee

PSYOPS: Psychological Operations

Q

QD: Questões Derivadas

QO: Quadro Orgânico

R

RC 05: Requirement Catalogue 05

RC3: Regimento de Cavalaria nº3

RC6: Regimento de Cavalaria nº6

RCIED: Remote Control Improvised Explosive Device

Reab: Reabastecimento

Rec: Reconhecimento

RFP: Response Forces Pool

RNA: Rolled Homogeneous Armour

S

SACEUR: Supreme Allied Comander Europe

San: Sanitária

SAR: Segurança da Área da Retaguarda

SCO: Strategic Command for Operations

SCT: Strategic Command for Transformation

Sec: Secção

SHAPE: Supreme Allied Commander Europe

SLM: Sistema de Lançamento de Mísseis

SOATU: Special Operations Aviation Task Units

SOF: Special Operations Forces

SOFT: Separation of Parties by Force

SOTG: Special Operations Task Group

SR: Stabilisation, Reconstruction and Military advice to third countries

STANAGs: Standardisation Agreements

T

TF: Task Force

TIA: Trabalho de Investigação Aplicada

TO: Teatro de Operações

TOA: Transfer of Authority

TOW: Tube launched, Optically tracked, Wire Command link

tpm: tiros por minuto

Tpt: Transportes

U

UE: União Europeia

UN: United Nations

V

VCB: Vigilância do Campo de Batalha

VHF: Very High Frequency

W

X

Y

Z

ZMA: Zona Militar dos Açores

ZMM: Zona Militar da Madeira

RESUMO

O tema deste trabalho de investigação prende-se com a integração dos Esquadrões de Reconhecimento em missões de reconhecimento da *North Atlantic Treaty Organization Response Force* e dos *Battlegroups* da União Europeia.

Para as forças, neste caso os Esquadrões de Reconhecimento do Exército, integrarem em missões de reconhecimento uma *North Atlantic Treaty Organization Response Force* ou um *Battlegroup*, têm de satisfazer determinados requisitos, para que sejam aceites.

O presente estudo visa assim, analisar a situação actual dos Esquadrões de Reconhecimento, face aos requisitos necessários para integrarem esse tipo de forças, identificando as limitações de cada Esquadrão de Reconhecimento.

Os resultados obtidos apontam para uma possível integração positiva dos Esquadrões de Reconhecimento nos diferentes tipos de forças de reconhecimento da *North Atlantic Treaty Organization Response Force* e dos *Battlegroups*.

PALAVRAS-CHAVE: INTEGRAÇÃO; ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO; MISSÕES; *NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION RESPONSE FORCE*; *BATTLEGROUPS*.

ABSTRACT

The theme of this research work relates to the integration of the Reconnaissance Companies on reconnaissance missions in the North Atlantic Treaty Organization Response Force and European Union's Battlegroups.

For forces, in this case the Army Reconnaissance Companies, to integrate in reconnaissance missions in a North Atlantic Treaty Organization Response Force or a Battlegroup, must meet certain requirements, so that force can be accepted.

The present study thus aims to analyze the current situation of the Reconnaissance Companies, given the requirements for this type of integrated forces, identifying the limitations of each Reconnaissance Company.

The findings point out to a possible positive integration of Reconnaissance Companies in different types of reconnaissance forces of the North Atlantic Treaty Organization Response Force and Battlegroups.

KEY WORDS: INTEGRATION; RECONNAISSANCE COMPANIES; MISSIONS; NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION RESPONSE FORCE; BATTLEGROUPS.

*"Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis."*

Bertolt Brecht

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) é parte constituinte do nono semestre da formação do aluno da Academia Militar. Está inserido no Tirocínio para Oficial de Cavalaria e destina-se a verificar e analisar a integração dos Esquadrões de Reconhecimento do Exército Português em missões de reconhecimento da *Nato Response Force* (NRF) e dos *Battlegroups* (BG).

ENQUADRAMENTO

Desde 1994 que Portugal contribui com forças militares para missões internacionais sob égide das Organizações das Nações Unidas (ONU), da União Europeia (UE) e da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO).

As forças que serão estudadas neste trabalho são as forças de reconhecimento do Exército, nomeadamente o Esquadrão de Reconhecimento (ERec) da Brigada de Intervenção (BrigInt), o ERec da Brigada Mecanizada (BrigMec) e o ERec da Brigada de Reacção Rápida (BrigRR), na perspectiva de poderem vir a integrar forças de reconhecimento da NATO (NRF) e da UE (BG).

JUSTIFICAÇÃO

Tanto as forças militares da NATO como da UE possuem forças de reconhecimento. Com a realização deste trabalho pretende-se saber se os nossos ERec estão preparados, para integrar forças de reconhecimento numa NRF ou num BG.

Pretende-se saber se o tempo em *stand-by* é uma condicionante, se são necessárias modificações orgânicas, se existe a necessidade de aquisição de novos equipamentos, e se o aprontamento é adequado para a sua integração na NRF ou BG.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA A TRATAR

Pretendemos analisar a utilização dos ERec do Exército Português em missões de Reconhecimento da NRF e dos BG e as consequentes possibilidades/limitações face aos requisitos necessários para a sua integração neste tipo de forças.

Deste modo a questão central é: “Estão os ERec Portugueses preparados para integrar as Forças de Reconhecimento da NRF e dos *Battlegroups*?”

FINALIDADE E OBJECTIVOS

Com este trabalho pretende-se saber quais as capacidades dos Esquadrões de Reconhecimento do Exército Português e se existe necessidade de se realizarem modificações para que possam ser empregues em Missões de Reconhecimento da NRF/NATO e dos BG/UE. Para os ERec integrarem neste tipo de forças existem determinados requisitos e capacidades, requeridos pela NATO e pela UE, que têm de ser

cumpridos, para que a força possa ser aceite e, se assim for determinado e necessário, ser projectada para um Teatro de Operações (TO).

De modo a responder ao problema formulado foram definidos os seguintes objectivos específicos de acordo com as partes constituintes do trabalho:

- Analisar a situação actual dos Esquadrões de Reconhecimento, face aos requisitos necessários para integrarem forças de reconhecimento da NATO (NRF) e da UE (BG);
- Identificar as limitações (equipamento / viaturas / recursos humanos) de cada ERec;
- Identificar que modificações ocorreram na integração da *Medium Recce Coy* (Braga) na NRF 11;
- Analisar a Protecção e o Poder de Fogo de cada ERec.

QUESTÕES DERIVADAS E HIPÓTESES LEVANTADAS

De acordo com o tema a tratar e com o problema que foi levantado surgem as seguintes Questões Derivadas (QD) e Hipóteses (H) cuja resposta é essencial, para obter soluções para o problema levantado.

QD 1: Os ERec conseguem cumprir os requisitos impostos pela NATO e pela UE?

H 1: Os ERec conseguem cumprir na totalidade os requisitos da NATO e da UE.

H 2: Os ERec conseguem cumprir os requisitos da NATO e da UE, no entanto apresentam algumas limitações (elementos estruturantes / atributos / capacidades).

QD 2: Será o aprontamento dos ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não que lacunas devem ser supridas?

H 3: O aprontamento dos ERec é adequado para a integração neste tipo de forças, contudo, consoante a missão, existem sempre áreas que podem ser treinadas.

H 4: O aprontamento do ERec não se adequa com a integração em NRF e em BG.

QD 3: Será o tempo em *Stand-by* uma condicionante para os nossos ERec?

H 5: O tempo em *Stand-by* não é uma condicionante, pois quando a força se encontra nesse período atingiu um nível de proficiência desejado.

H 6: O tempo em *Stand-by* é uma condicionante, pois a força pode atingir esta fase e não ser projectada.

QD 4: Será necessária a aquisição de novos equipamentos para os ERec para suprir as lacunas. Se sim de que tipo?

H 7: Existe a necessidade de aquisição de novos equipamentos, devido à falta ou necessidade de actualização dos equipamentos existentes.

H 8: Não é necessária a aquisição de novos equipamento, contudo existem ERec que apresentam lacunas em determinadas áreas.

METODOLOGIA

O presente trabalho de investigação atende à metodologia científica usada no âmbito das ciências sociais e tem como base orientadora as normas para redacção de trabalhos escritos da Academia Militar e o Guia Prático sobre Metodologia Científica da Professora Doutora Manuela Sarmento.

O método científico, utilizado em investigação científica, empregue neste trabalho foi o método dedutivo. Este método baseia-se "...num raciocínio que parte do geral para o particular." (Sarmento, 2008, p. 5).

Este TIA teve a sua génese aquando da realização de um trabalho para a unidade curricular de Tática de Cavalaria, que fez crescer o interesse sobre os ERec e a projecção de forças no âmbito da NATO e da UE, associado ao facto de os ERec do Exército Português pertencerem à Arma de Cavalaria, inculcando assim um crescente interesse pelo assunto.

O trabalho tem como base livros, manuais técnicos, endereços da Internet com publicações de organizações internacionais, doutrina nacional e internacional ligada aos ERec, entre outras referências.

Para saber-se qual o estado actual dos ERec, referente aos requisitos necessários para a sua integração em missões de reconhecimento numa NRF e num BG, foram elaborados questionários tendo como base o *Combined Joint Statement of Requirement 3.0* (CJSOR 3.0¹) (NATO) e o *Requirement Catalogue 05* (RC 05) (UE).

Foram elaboradas entrevistas, com base nas questões derivadas deste trabalho, a fim de se conseguir responder às questões levantadas neste trabalho. Tanto os questionários como as entrevistas foram realizados a militares com formação na área do reconhecimento; que desempenham funções de comando nos ERec; que participaram nos aprontamentos de um ERec, tendo em vista a sua projecção para um TO; que realizaram missões em TO internacionais; que executam treino com as forças sob o seu comando com vista a Forças Nacionais Destacadas (FND); e que detêm experiência como comandantes de unidades operacionais do Exército.

Pelas razões mencionadas as suas respostas constituem um testemunho credível na tentativa da validação das hipóteses, conseguindo-se assim responder às questões derivadas levantadas neste trabalho e por último à questão principal.

SÍNTESE DOS CAPÍTULOS

O primeiro capítulo, deste trabalho, inicia-se com um enquadramento sobre a NRF e os BG, sendo feita a sua comparação segundo o modelo de análise do plano de operações.

No segundo capítulo é realizado uma comparação dos ERec com os requisitos impostos pela NATO e pela UE, para a sua integração numa NRF ou BG, respectivamente. É analisada a integração de uma força de reconhecimento portuguesa na NRF 11, a fim de se

¹ Este CJSOR é usado actualmente pelo EME, visto ser o mais completo. Entrevista do autor com um Oficial em serviço no EME, efectuada em 01 de Março de 2010.

identificarem as alterações que tiveram de ser executadas com o intuito de cumprir os requisitos impostos. Neste capítulo é igualmente analisada a protecção e o poder de fogo dos três ERec do Exército.

O último capítulo é dedicado às conclusões e recomendações.

CAPÍTULO 1

O ESTADO DA ARTE

1.1. O CONCEITO DE *NATO RESPONSE FORCE*

1.1.1. A ORIGEM

Na preparação da Cimeira de Praga de 2002, investigadores da Universidade de Defesa Nacional dos Estados Unidos da América (EUA) introduziram a ideia de uma força conjunta com, aproximadamente, 20,000 - 25,000 militares, podendo ser projectada rapidamente para zonas de crise e terem capacidade para operarem perto das forças Armadas dos EUA. (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

Esta ideia foi adoptada pelo Secretário da Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, que apresentou, segundo Freire (2005, p. 19) "...num encontro informal dos Ministros da Defesa da NATO em Varsóvia, a 24 de Setembro de 2002", os fundamentos para a força de reacção rápida da NATO, dizendo que se a NATO não possuísse uma força que fosse rápida e ágil, com capacidade para ser projectável em dias ou semanas em vez de meses ou anos, então não teria muito para oferecer ao mundo no século XXI. (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

As nações participantes concordaram em criar a NRF para cumprir todo o leque de missões da Aliança, desde missões de evacuação de cidadãos e gestão de desastres naturais a operações do Artigo 5º, sendo uma força pronta para se mover rapidamente, sempre que necessário, havendo decisão pelo *North Atlantic Council* (NAC) (Kaitera & Ben-Ari, 2008)

A NRF possui todos os elementos necessários, incluindo meios terrestres, marítimos e aéreos. A NRF pretende ser o catalisador da contínua transformação da Aliança, para ser inter-operável com a sofisticada tecnologia das Forças Armadas dos EUA e para apoiar a implementação do incremento das capacidades definidas na Cimeira de Praga (2002)². Transformar e melhorar essas capacidades foi visto como essencial para melhorar o desempenho da Aliança em todo o espectro de missões, mas especialmente naquelas que se situassem no patamar mais elevado em termos de intensidade de conflito onde os Aliados europeus mostraram deficiências mais evidentes na campanha aérea do Kosovo em 1999. (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

Em Junho de 2004, na Cimeira da Aliança em Istambul, os dirigentes da NATO acordaram um plano mais detalhado: o número total de militares na NRF foi fixado em aproximadamente 25,000 com plena capacidade operacional, onde esta força deveria ser capaz de iniciar a sua projecção 5 dias após a ordem e possuir capacidade logística para

² "Nesta, os Estados comprometeram-se, individualmente ou em parceria, a melhorar as suas capacidades nas áreas chave das modernas operações militares com destaque para o transporte estratégico, interoperabilidade e munições "inteligentes". (Freire, 2005, p. 19).

manter operações durante 30 dias (ainda mais tempo se reabastecida). (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

Na Cimeira da NATO em Riga (Novembro de 2006) a NRF foi declarada totalmente operacional.³

1.1.2. DEFINIÇÃO DE NATO RESPONSE FORCE

O conceito NRF destina-se a gerar um pacote de forças coerente, treinado e certificado, com um elevado nível de prontidão, que será adaptado à missão atribuída. Este pacote de forças é de natureza rotacional e deve ser periodicamente assegurado pelos Estados membros da NATO, submetendo-se a treino conjunto, de maneira a satisfazer o CJSOR⁴, que estabelece as necessidades da força. Contudo podem existir circunstâncias em que algumas forças ou meios não sejam avaliados para uma operação em particular. (*North Atlantic Treaty Organization* [NATO], 2003)

“The NATO Response Force (NRF) is a highly ready and technologically advanced force made up of land, air, sea and special forces components that the Alliance can deploy quickly wherever needed”. (NATO, 2006, ¶ 2). Esta definição é utilizada por diversas fontes oficiais como é o caso da NATO e do *Allied Command Operations* (ACO).

A NRF é uma força que pode ter um prazo de prontidão para projecção entre cinco a trinta dias, após o aviso. Quando for dada a ordem para a sua projecção, a sua composição é adaptada de acordo com a operação. Será capaz de ser projectada rapidamente e operar como força inicial por trinta dias, utilizando os recursos logísticos que incorpora, ou por mais tempo se reabastecida. (NATO, 2003).

1.1.3. ESTRUTURA DE UMA NATO RESPONSE FORCE

A NRF tem de conter as capacidades, padrões e equipamentos para alcançar os resultados exigidos com eficiência máxima e o mínimo risco para o pessoal da Aliança e não-combatentes. O esforço para dotar a NRF com os recursos mais apropriados é um processo contínuo que vai melhorando as tecnologias e os requisitos através da sua reavaliação. Desta forma a NRF é um catalisador da transformação das forças da NATO. A NRF ajuda a focalizar e a acelerar as iniciativas da Aliança para melhorar e modernizar as suas capacidades militares. Além disto, conduz à interoperabilidade e proporciona um fórum de avaliação dos conceitos transformacionais. A interoperabilidade entre os vários elementos é o factor chave para maximizar a capacidade de combate e a eficácia operacional. As Nações que contribuem com forças têm de concordar com as políticas, doutrinas e normas aprovadas pela NATO. A implementação de *Standardisation Agreements* (STANAGs) e das

³ Vide <http://www.nato.int/docu/update/2006/11-november/e1129c.htm>, acedido em 02 de Fevereiro de 2010.

⁴ *“The CJSOR and the associated force generation process must provide sufficient operational flexibility and resilience to ensure the Alliance has, on hand, a credible deployable force”.* (NATO, 2003, p. 5)

Allied Publications (APs), pelas Nações contribuintes e pelos Comandos da NATO, servem de base para as directivas e normas e procedimentos dos Comandantes de forças da NATO. Feedback e lições aprendidas são as ferramentas para orientar as melhorias das normas e procedimentos existentes. (NATO, 2003).

A NRF é formada por uma componente aérea, terrestre e marítima, bem como algumas capacidades ou funções específicas. (Anexo K). As forças e as capacidades requeridas necessitam de um elevado nível de interoperabilidade, flexibilidade e treino intenso como força conjunta e combinada. (NATO, 2003). A constituição para cada uma das componentes pode ser organizada da seguinte forma:

- a. **Componente Aérea:** fornece uma rápida capacidade de projecção, como parte de uma força conjunta e/ou combinada, para conduzir as tarefas da componente aérea. O sistema de Comando e Controlo (C2) deve ser capaz de controlar cerca de 200 saídas diárias (mais as saídas de apoio). As missões para a componente aérea incluem a defesa aérea, combate aéreo ofensivo, reconhecimento aéreo, apoio aéreo próximo, aquisição de alvos, busca e salvamento em combate, aquisição de alvos, guerra electrónica, vigilância e pré-aviso aéreo, transporte aéreo táctico e reabastecimento aéreo. (NATO, 2003).
- b. **Componente Terrestre:** contem uma estrutura suficiente para permitir projectar uma unidade de escalão brigada. Deve conter uma combinação adequada de forças de combate, apoio de combate e apoio de serviços necessários para suportar toda a força. Os elementos de apoio de combate e apoio de serviços incluem: aviação, artilharia, engenharia, guerra electrónica, logística e manutenção, comunicações, defesa anti-aérea, defesa *Chemical, Biological, Radiological and Nuclear* ⁵(CBRN), transporte, capacidade *Psychological Operations* ⁶(PSYOPS), *civil-military co-operation* (CIMIC), Polícia Militar, apoio sanitário e relações públicas. (NATO, 2003)
- c. **Componente Marítima:** compreende uma força até ao nível de NATO *Task Force* (NTF), incluindo um grupo de porta-aviões, com unidades de combate associadas, com forças de superfície, submarinas, forças anfíbias, Draga-minas e navios auxiliares de apoio. As tarefas para a componente marítima incluem: escolta, guerra anti-submarina; contra medidas de minas, missões de ataque aeronaval e de assalto anfíbio. (NATO, 2003).
- d. **Funções Especialistas:** Se for necessário para a operação funções específicas, como é o caso das Operações Especiais, podem ser atribuídas à NRF. O C2 destas funções específicas pode ser integrado na força como uma componente separada ou integrar o comando de uma das três componentes. (NATO, 2003).

⁵ Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico (NBQR).

⁶ Operações Psicológicas (OpPsico).

1.1.4. MISSÕES

O *North Atlantic Military Committe* (NAMC), deixou claro que a NRF é uma força robusta, credível e de elevado grau de prontidão, com a capacidade de ser projectada rapidamente como e onde for requerido pelo NAC para participar em todo o espectro de missões da NATO. (NATO, 2003).

A NRF orienta-se pelo princípio “*first force in, first force out*”, sendo ajustada a cada missão específica e capaz de realizar uma panóplia de missões em qualquer parte do mundo. (NATO, 2003).

No conceito militar para a NRF, o NAMC, considera que as missões da NRF reflectem primariamente os requisitos para uma resposta rápida na fase inicial de uma situação de crise. (NATO, 2003). São apresentadas três situações exequíveis para o emprego da NRF, destas situações decorrem as tarefas que a força terá de realizar: (Freire, 2005).

1. Projectada como força isolada para resposta a crises, tais como:
 - a. Evacuação de Não Combatentes (Non-combatant Evacuation Operations (NEO));
 - b. Apoio a gestão de consequências (eventos CBRN ou crises humanitárias).
 - c. Operações de resposta a crises (Crisis Response Operations (CRO)), incluindo *Peacekeeping*;
 - d. Operações de Apoio ao Contra-Terrorismo;
 - e. Operações de Embargo.
2. Projectada como força inicial, para facilitar a chegada de forças subsequentes à *Joint Operations Area* (JOA) desde inicio num ambiente hostil, com ou sem apoio da nação hospedeira. (e.g. Imposição de Paz).
3. Projectada como instrumento de demonstração de força, para mostrar a vontade dos Estados-membros (operações de resposta rápida para apoio a acções diplomáticas, se necessário).

No entanto, cada situação para a qual a NRF possa ser projectada deve ser analisada pelo Comando Estratégico para as Operações o qual define o *tailoring* da força. Assim, não pode ser assumido, antes da análise e aconselhamento militar, que a NRF sozinha seja a ferramenta certa para qualquer situação. Em qualquer caso, a NRF deve ser capaz, ao mesmo tempo ou sucessivamente de conduzir as seguintes tarefas: estabelecer e garantir linhas de comunicação, terreno importante, pontos importantes e pontos de entrada como pontos de desembarque aéreo. (NATO, 2003).

No Apêndice A, B e C pode ser visto uma descrição das Responsabilidades e Comando e Controlo, do Processo de Geração e Rotação, Treino e Certificação, da NRF, respectivamente.

1.2. O CONCEITO DE *BATTLEGROUPS*

1.2.1. A ORIGEM

O início do conceito dos BG europeus surge no Conselho Europeu de Helsínquia realizado em 10 e 11 de Dezembro de 1999. Neste Conselho os Estados membros definiram o *Headline Goal 2003*, tendo como principal resultado um catálogo de forças com uma dimensão máxima de 50,000 – 60,000 homens. Dentro das obrigações do *Headline Goal*, é especificado que os Estados Membros da União Europeia devem ser capazes de fornecer “pequenos elementos de resposta rápida disponíveis e projectáveis num elevado estado de prontidão”. (Lindstrom, 2007, p. 9). Esta e outras declarações serviram de base política para a constituição dos BG. A Presidência do Conselho de Helsínquia realçou que especial atenção ia ser dada à capacidade de reacção rápida. (Lindstrom, 2007).

O conceito de pequenos elementos ou módulos de resposta rápida foi revisto na cimeira Franco - Britânica a 4 de Fevereiro de 2003 em Le Touquet. A declaração da cimeira destaca a necessidade de melhorar ainda mais as “capacidades Europeias em planeamento e projecção de forças a curto prazo, incluindo a projecção inicial de forças dentro de 5-10 dias”. (*European Union Institute for Security Studies* [EU ISS], 2003, p. 39). A realização de tal capacidade de resposta rápida foi considerada uma “prioridade Europeia e um componente essencial dos elementos de resposta rápida descritos no *Headline Goal 2010*.” (Lindstrom, 2007).

Contudo, não seria até à execução da operação militar ARTEMIS em 2003, que a viabilidade de tais capacidades foi posta em prática. Esta operação proporcionou aos decisores políticos e planificadores da UE um modelo real para futuras projecções de forças com um tempo de resposta curto. O êxito da operação, juntamente com a capacidade demonstrada de projectar forças rapidamente, deu confiança aos decisores políticos da UE, de que esta era capaz de executar missões que requeriam uma rápida projecção de forças via *Framework nation*.⁷ (Lindstrom, 2007).

O impacto positivo da operação ARTEMIS é perceptível na declaração final na cimeira Franco – Britânica realizada em Londres em 24 de Novembro de 2003. Esta declaração, que descreve caminhos para fortalecer a cooperação Europeia em matéria de segurança e defesa, observa que a “UE deve ser capaz e ter vontade de projectar uma operação autónoma no prazo de 15 dias para responder a uma crise.” (Lindstrom, 2007, p. 11). Além disso, coerentes com as experiências adquiridas através da operação ARTEMIS, as forças devem ser “Projectadas em resposta a um pedido da ONU para estabilizar uma situação, ou de outro modo satisfazer uma necessidade de curto prazo até que forças da ONU ou de

⁷ “A UE considera a *framework nation* como sendo um Estado membro ou um conjunto de Estados membros que aceitam voluntariamente um conjunto de responsabilidades específicas numa operação em que a UE exerce o controlo político. A *framework nation* providencia o OpCdr/OHQ, a estrutura principal da cadeia de comando militar, juntamente com o apoio de estado-maior, a enquadrante logística e de comunicações e informações e contribui uma parte significativa de meios e capacidades para a operação”. (Freire, 2005, p. 16 *apud* EU – *Military Rapid Response Concept*, pp. 8-9).

organizações regionais actuando sob mandato desta cheguem ou reforcem os meios no terreno”. (Lindstrom, 2007, p. 11). Esta declaração também chama *'battlegroup size forces'* a cerca de 1,500 homens de forças terrestre, oferecidos por uma nação, por um conjunto de nações ou através de um pacote de forças de uma Framework Nation. (Lindstrom, 2007).

Três meses mais tarde, em 10 de Fevereiro de 2004, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha revelam um documento como *'food for thought'*, delineando o conceito de BG. Referindo-se à operação ARTEMIS, este documento propõe que a UE, desenvolva um “número de BG suficientes para realizar operações autónomas, com um tempo curto de pré-aviso principalmente em resposta aos pedidos da Organização das Nações Unidas (ONU)”. (EU ISS, 2005, p. 10). Este documento refere que os “BG sejam compostos por 1,500 homens, incluindo também elementos de suporte apropriados (Apoio de Serviços e Apoio de Combate), com a capacidade de serem projectados em 15 dias”. (EU ISS, 2005, p. 11). Devem também ser sustentáveis para “operações iniciais de 30 dias, podendo ser alargado para, pelo menos, 120 dias”. (EU ISS, 2005, p. 13).

A proposta trilateral elaborada pela França, a Grã-Bretanha e a Alemanha, contem propostas específicas relativas a missões, projecção, sustentação e comando e controlo para um BG Europeu. Esta proposta foi positivamente aceite em 22 Março de 2004, em que participaram os Estados Membros, “apoiando favoravelmente a proposta feita por alguns Estados Membros relativamente ao conceito de BG, sendo um contributo útil para os trabalhos em curso sobre as capacidades de resposta rápida da UE e seu desenvolvimento estrutural e organizacional”. (Lindstrom, 2007, p. 12). No mesmo mês, o *European Union Military Committee* (EUMC) encarregou o *European Union Military Staff* (EUMS) para desenvolverem o Conceito de BG Europeu. (Lindstrom, 2007).

Na reunião informal dos Ministros da Defesa em 6 de Abril de 2004 em Bruxelas, foi aprovado o estabelecimento de vários BG em 2007. Na reunião do *General Affairs and External Relations Council* (GAERC), em 17 de Maio de 2004, os representantes aprovaram o *Headline Goal 2010* (Anexo L), em que os BG passaram a ser um elemento crucial, sendo inerente “a possibilidade, da UE projectar forças com elevado grau de prontidão para responder a uma crise, é um elemento chave do *Headline Goal 2010*”. (EU ISS, 2005, p. 296). Em 17 e 18 de Junho de 2004, o Conselho Europeu aprovou o *Headline Goal 2010*, dando um impulso para o futuro dos BG Europeus. O Conceito de BG da UE foi acordado pelo EUMC em 14 de Junho de 2004. Finalmente, em Novembro de 2004 os Estados Membros assumiram os compromissos iniciais para o estabelecimento dos BG Europeus. Globalmente, treze BG Europeus e suas capacidades associadas foram prometidas na conferência (Anexo M). (Lindstrom, 2007).

1.2.2. DEFINIÇÃO DE *BATTLEGROUP* DA UNIÃO EUROPEIA

Especificamente um BG da UE, “*is the minimum militarily effective, credible, rapidly deployable, coherent force package capable of stand-alone operations, or for the initial phase of larger operations*”. (Lindstrom, 2007, pp. 13-14).

Esta definição, que é frequentemente utilizada em documentos oficiais da UE, significa que os BG da UE representam o pacote mínimo e modular de uma força capaz de realizar operações de uma forma autónoma, incluindo a capacidade de contributo para uma força inicial. (Lindstrom, 2007).

1.2.3. COMPOSIÇÃO TIPO DE UM *BATTLEGROUP*

O BG da UE acordado pelos Estados Membros da UE tem uma composição genérica de aproximadamente 1,500 militares. É uma força de escalão Batalhão, baseado numa combinação de armas, com apropriado apoio de serviços e apoio de combate. O conjunto do BG da UE inclui também multiplicadores operacionais e estratégicos e pode portanto ultrapassar os 1,500 militares. (Lindstrom, 2007).

A combinação de diferentes tipos de forças permite ao BG, actuar independentemente e assumir uma panóplia de tarefas. Contudo, convém referir, que cabe aos países contribuintes decidirem a exacta composição do seu BG, tanto em termos de pessoal como de equipamento. Uma vez que não existe uma estrutura fixa de BG, os países participantes têm uma maior flexibilidade quanto à constituição e características que o BG deve possuir. (Lindstrom, 2007) (Ver Anexo N).

1.2.4. MISSÕES

Um BG deve ter capacidade para responder com rapidez e eficazmente às Missões de *Petersberg* (enumeradas no Artigo 17º do Tratado da União Europeia) bem como, às missões identificadas na Estratégia Europeia de Segurança. A combinação deste leque de missões é consistente com os objectivos identificados pelo GAERC, na reunião de 17 de Maio de 2004. As missões identificadas na Estratégia Europeia de Segurança são: “*Joint disarmament operations; support for 3rd countries in combating terrorism and Security Sector Reform (SSR) operations as part of broader institution building*”. (Lindstrom, 2007, p. 17). As Missões de *Petersberg* são as seguintes: missões humanitárias ou de evacuação dos cidadãos nacionais; missões de manutenção da paz e as missões de forças de combate para a gestão das crises, incluindo operações de restabelecimento da paz. (Lindstrom, 2007, p. 17).

Orientações adicionais sobre o tipo de potencial que o BG deve possuir para cumprir as missões atribuídas, podem provir dos cinco cenários ilustrativos, utilizados para o RC 05. (Lindstrom, 2007, p. 17).

Os cinco cenários ilustrativos utilizados durante o desenvolvimento do RC 05 são baseados no Catálogo 02 do *Helsinki Headline Goal*, tendo também em conta as novas tarefas decorrentes da Estratégia Europeia de Segurança e do *Headline Goal 2010*. No Anexo O encontra-se uma tabela com os cinco cenários ilustrativos, que são: *Separation of Parties by Force*⁸ (SOPF); *Stabilisation, Reconstruction and Military advice to third countries*⁹ (SR); *Conflict Prevention*¹⁰ (CP); *Evacuation Operation in a non permissive environment*¹¹ (EO); *Assistance to Humanitarian Operations*¹² (HA). (*European Union Military Committee [EUMC]*, 2005, p. 9).

No Apêndice D e E pode ser visto descrito o Processo de Planeamento Estratégico e Militar de uma força da UE e a Certificação e Treino de um BG, respectivamente.

1.3. COMPARAÇÃO DA NATO RESPONSE FORCE E BATTLEGROUPS

No Anexo P, encontra-se a Comparação da *Nato Response Force* e dos *Battlegroups* segundo o modelo de análise do Plano de Operações.

1.3.1. PONTOS DIVERGENTES

a) A Origem - O motivo de existirem estes dois tipos de forças não é igual. O início do conceito dos BG europeus surge no Conselho Europeu de Helsínquia realizado em Dezembro de 1999, estando integrados num projecto de maior dimensão de geração de capacidades e com um tipo de missões particulares: as missões de *Petersberg*. Já a NRF emerge como uma acção dos EUA no seio da NATO, desempenhando um papel fundamental no processo de transformação da Aliança. Apesar da divergência na origem, identifica-se uma preocupação de ambas as organizações para possuírem forças militares estabelecidas, treinadas e certificadas, estando disponíveis com um elevado grau de prontidão. Estas forças estão sob uma direcção política e inseridas numa estrutura de C2 de nível estratégico e operacional. (Freire, 2005, p. 26).

b) Composição e Articulação das Forças - A quantidade de militares nos dois tipos de forças é das diferenças mais significativas, enquanto uma NRF pode ter cerca de 25,000 militares, um BG apresenta uma constituição de 1,500 militares. (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

Freire (2005) refere que a NRF enfoca um conceito de unidade conjunta e combinada, actuando como catalisador para a transformação da NATO e cuja incidência deve ser em todos os aspectos, mas com particular importância na liderança da NATO, no treino e nas estruturas de C2. Kaitera & Ben-Ari (2008) referem que a NRF é uma força mais robusta e

⁸ Separação das partes pela força.

⁹ Estabilização, reconstrução e aconselhamento a países terceiros.

¹⁰ Prevenção de Conflitos.

¹¹ Operações de Evacuação num território não permissivo.

¹² Operações de Assistência Humanitária.

operacionalmente capaz, devido à enorme contribuição dos EUA, particularmente através de meios de transporte e projecção estratégica. Um BG é composto essencialmente por forças terrestres, sendo a falta de componentes aéreos e marítimos, suportado por multiplicadores estratégicos para que se possam cumprir as missões operacionais. (Kaitera & Ben-Ari, 2008).

A multinacionalidade é vista pelas duas organizações de maneira diferente, devido ao grau de exigência das missões que cada tipo de força tem de levar a cabo. No caso da NRF como abrange todo o espectro de missões, “a multinacionalidade deve ser tida em linha de conta em todos os níveis de comando e em todos os tipos de força, sem contudo debilitar a eficiência militar da força”. (Freire, 2005, p. 27). A UE encara a possibilidade de criação de BG multinacionais (já concretizados), estando a tratar-se de uma unidade de escalão batalhão, na qual podem existir unidades de escalão companhia até pelotão de nacionalidades diferentes. Pode existir, também, a constituição de um BG de um só país para a execução de operações sob a bandeira da UE. (Freire, 2005, p. 27).

c) Situação - A NATO conserva para a NRF o requisito de unanimidade política dos seus Estados Membros, devido à necessidade de concordância política para cumprir todo o espectro de operações, conseguindo assim ir a qualquer ponto do planeta e, ainda mais essencial, alcançar a legitimidade moral para conseguir superar a ausência de um mandato do Conselho de Segurança das Nações Unidas.¹³

A UE criou mecanismos políticos que aceleram o processo de decisão, permitindo desta forma superar eventuais diferenças de opinião dos Estados membros. (Freire, 2005, p. 27).

d) Missões - A NRF está disponível para realizar todas as missões que estão referenciadas pela NATO¹⁴, admitindo também a utilização da NRF para operações de combate contra o terrorismo¹⁵. Os BG da UE realizam operações no âmbito das missões de *Petersberg*, sendo estas de carácter humanitário, apesar de possuírem tarefas de combate em situações de gestão de crises. Esta é a grande diferença visto que os BG da UE não têm encargo na defesa colectiva. Também é diferente a forma de condução de operações de combate ao terrorismo por parte das duas organizações, enquanto a NATO admite a utilização da NRF em missões de combate ao terrorismo, a UE pode contribuir para o combate ao terrorismo, através de apoios a países terceiros para combater o terrorismo no próprio território. (Freire, 2005, pp. 27-28).

¹³ “Como aliás aconteceu na Guerra do Kosovo em 1999.” (Freire, 2005, p. 27).

¹⁴ Incluindo operações no âmbito do Artigo 5º.

¹⁵ “A disponibilidade da NATO para actuar no Afeganistão, por consequência da invocação do Artigo 5º é sinal dessa vontade.” (Freire, 2005, p. 28).

e) Apoio Logístico - A NATO estabelece para a NRF uma independência logística face a *host nations*¹⁶ e a estruturas fixas. Já a UE admite a possibilidade da utilização de *host nations* e outras infra-estruturas para apoiar o BG. (Freire, 2005, p. 28).

f) Comando e Transmissões - A organização do comando da NRF provem da própria organização de forças da NATO, enquanto para o BG o comando depende dos países contribuintes, sendo o assunto debatido e decidido por consenso, de preferência antes do deflagrar da crise. (Freire, 2005, p. 28).

1.3.2. PONTOS COMUNS

a) Composição e Articulação das Forças - As unidades que criarão as forças das duas organizações provêm do mesmo conjunto de forças disponibilizadas pelos Estados membros. Todo o aperfeiçoamento na organização, equipamento ou treino favorecerá constantemente as duas organizações. O carácter multinacional da força também se encontra presente nas duas organizações. (Freire, 2005, p. 28).

b) Situação - Sendo a identidade política igual entre as duas organizações, leva que trabalhem e se relacionem com o mesmo tipo de entidades, agências e organizações. (Freire, 2005, p. 28).

c) Missões - Derivando da sua natureza, as missões são o que a NRF e os BG têm de diferente, ou têm em comum. A distinção que provém da dissemelhança "...entre as missões de *Petersberg* por um lado, e o combate contra o terrorismo e a ameaça das armas de destruição maciça por outro é um anacronismo que ignora a realidade das ameaças e conflitos do futuro". (Freire, 2005, p. 28). Nos dois casos serão as mesmas forças que interferirão tanto nas missões de *peacekeeping* no Kosovo ou nas missões de combate ao terrorismo no Afeganistão. Esta realidade provém do facto de os países da UE, sem excepção, terem os recursos materiais e humanos das suas forças armadas restringidos, em virtude tanto de limitações orçamentais como do empenhamento desses meios em diversos teatros de operações.

A separação de tarefas entre a NATO e a UE, não é de natureza militar mas sim política, visto que os países e forças que estão envolvidos na NRF da NATO são os mesmos que estão envolvidos nos BG da UE. (Freire, 2005, p. 28).

d) Conceito da Operação - A projecção rápida da força enquanto a crise se depara numa fase embrionária, é o modo de actuação das duas organizações. (Freire, 2005, p. 29).

¹⁶ Em português, País Anfitrião. "O conceito de apoio do país anfitrião significa apoio civil e militar prestado em situações de paz, de emergência, de crise e de conflito por parte de um País Anfitrião a forças Aliadas e organizações que estejam localizadas, a operar ou em trânsito no território do País Anfitrião. As disposições estabelecidas entre as autoridades apropriadas do País Anfitrião e as "Nações que Enviam as Forças" e/ou a OTAN constituem a base deste apoio. O apoio do País Anfitrião é fundamental para a manutenção de todos os tipos e categorias de forças." (NATO, 2001, p. 192).

e) Apoio Logístico - O que existe de comum na ideia de apoio logístico reside no facto de as duas organizações remeterem os custos e a responsabilidade de projecção da força para os países contribuintes. (Freire, 2005, p. 29).

f) Comando e Transmissões - As suas forças apresentam "...no topo da sua cadeia de comando uma direcção política que se operacionaliza em três níveis de comando militar: estratégico, operacional e tático". (Freire, 2005, p. 29).

O conceito de C2 da NATO, está sempre que possível, espelhado no conceito de C2 da UE, devendo este estar em sintonia com os conceitos e procedimentos NATO, tendo em conta as especificidades e a maneira de abordagem da UE à gestão de crises. (Freire, 2005, p. 29).

CAPÍTULO 2

OS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

2.1. TIPOLOGIA DA FORÇA

O ERec é uma unidade de manobra, indicado para o emprego de forças em missões de reconhecimento (Rec) e segurança, podendo também ser utilizado em economia de forças. O ERec é igualmente capaz de estabelecer o contacto com o inimigo, podendo empenhar-se decisivamente ou não, de acordo com a missão definida, esclarecendo a situação, garantindo desta forma tempo de reacção e segurança ao comandante do escalão superior. (Estado-Maior do Exército [EME], 2009a, p. 5).

O ERec está vocacionado para apoiar a unidade em prol da qual opera, recolhendo as informações necessárias á tomada de decisão do comando a que está subordinado contribuindo desta forma para uma aperfeiçoamento do comando e controlo. O ERec combina a flexibilidade, a protecção, a mobilidade e o poder de fogo, conseguindo agir de forma célere e descentralizada. (EME, 2009a).

2.2. CONCEITO DE EMPREGO

O ERec é empregue preferencialmente em ocasiões em que exista necessidade de combinar protecção, poder de fogo e fácil projecção, sendo uma força de elevada prontidão para todo o espectro de missões e cenários. Pode executar operações integrando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais. (EME, 2009a).

A utilização do ERec num Teatro de Operações (TO) de alta intensidade, deve ter em conta as suas missões específicas “conduzir operações de reconhecimento e segurança com a finalidade de preservar a capacidade de combate da Brigada” (EME, 2009a, p. 5), pode, dentro da tipologia de operações NATO no âmbito do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, participar num amplo espectro de operações, e também, pode ser utilizado num TO de média ou baixa intensidade, inteirando uma operação NATO “não Artigo 5º”. Estas operações encontram-se enumeradas no Anexo Q. (EME, 2009a).

2.3. INTEGRADOS NUMA NATO RESPONSE FORCE

Cada vez que a NATO, necessita de forças para integrar uma NRF, para uma determinada missão, existem determinados requisitos solicitados. Esses requisitos vêm inscritos num documento designado por CJSOR, que contém as capacidades e elementos estruturantes

para cada tipo de força. Existem três tipos de forças no CJSOR, as Pesadas (*Heavy*), as Médias (*Medium*) e as Ligeiras (*Light*). Cada CJSOR é feito de acordo com a missão, que a força vai executar.

A responsabilidade de cumprir os requisitos, para cada tipo de força, cabe aos Países Membros, no caso de Portugal cabe ao Comando de Forças Terrestres decidir a qual das Brigadas será atribuída a missão, excepto se no CJSOR esteja explícito ou implícito a utilização de forças mecanizadas, blindadas, etc., sendo cada situação analisada caso a caso. Existem Lições Aprendidas, da utilização dos diferentes tipos de forças a utilizar em diferentes cenários, existindo forças mais apropriadas para cada tipo de situação, no entanto, cada situação é uma situação diferente e deve ser analisada como tal.¹⁷

Para o ERec ser integrado numa NRF, a NATO, define um conjunto de elementos estruturantes (*Structural Element(s)*) e capacidades que devem ser cumpridos.

No CJSOR existem três tipos de ERec: o ERec Pesado (*Heavy – Armoured Recce / Cavalry Company*), o ERec Médio (*Medium – Medium Recce / Cavalry Company*) e o ERec Ligeiro (*Light – Recce / Cavalry Company*), cada um com elementos estruturantes e capacidades próprias.

Neste trabalho é considerado ERec Pesado o ERec da BrigMec e o ERec da BrigInt; ERec Médio o ERec da BrigInt; e ERec Ligeiro o ERec da BrigRR.

O ERec da BrigMec é considerado ERec Pesado visto que apresenta, conforme o EME (2009a, p. 5), no seu Quadro Orgânico (QO) especificamente no seu conceito de emprego a seguinte citação: “ O ERec / BrigMec é uma força de projecção em situações de conflito de alta intensidade”. O EME (2009a, p. 5), refere que este ERec deve ser preferencialmente empregue em “...situações em que o poder de fogo, o poder de choque e a protecção sejam determinantes para o emprego de meios mecanizados e blindados”. As características deste ERec vão de acordo com os requisitos que são solicitados para um *Heavy – Armoured Recce / Cavalry Company*, requeridos no CJSOR que serão apresentados mais á frente neste trabalho. É uma força que apresenta uma elevada protecção, poder de choque e poder de fogo, adequada para operações que seja necessário uma força pesada, em situações de alta intensidade.

O ERec da BrigInt possui tripla aplicação visto, segundo o EME (2009b, p. 5), ser uma “...força de projecção inicial em situações de conflito de média / alta intensidade e em Operações de Resposta a Crises (CRO)”, conseguindo actuar em três diferentes situações de operações. Este ERec deve ser, segundo o EME (2009b, p. 5), preferencialmente empregue em “...situações que seja necessário poder de fogo, protecção e fácil projecção”. As características deste ERec encaixam tanto com os requisitos que são pedidos para um *Heavy – Armoured Recce / Cavalry Company*, como também para o *Medium – Medium Recce / Cavalry Company*, requeridos no CJSOR que serão apresentados mais à frente

¹⁷ Entrevista do autor com um Oficial em serviço no EME, efectuada em 01 de Março de 2010.

neste trabalho. Tendo em conta o que foi referido, este ERec foi considerado um ERec Pesado e também um ERec Médio, sendo uma força que combina o poder de fogo e a protecção com a fácil projecção, podendo ser aplicada em diferentes situações.

O ERec da BrigRR foi considerado um ERec Ligeiro, devido a que segundo o EME (2009c, p. 5), é uma força que deve ser preferencialmente empregue em "...situações que seja necessário forças ligeiras de reacção rápida.", indo de acordo, também, aos requisitos que são pedidos para um *Light – Recce / Cavalry Company*, presentes no CJSOR que serão apresentados mais á frente no trabalho. Este ERec é uma força que apresenta uma elevada mobilidade táctica, em detrimento da protecção e do poder de fogo.

2.4. INTEGRADOS NUM BATTLEGROUP

O EUMC da UE define no RC 05, no capítulo das *Reference Units* um conjunto de atributos da força e capacidades que a unidade deve apresentar. Também é apresentado uma comparação dos cenários ilustrativos (cinco), com as forças necessárias¹⁸, como pode ser visto no Quadro 2.1.

Quadro 2.1: Tipo de força requerida tendo em conta os cinco cenários ilustrativos.

	Cenários Ilustrativos	SOFT	SR	CP	EO	HA					
Unidade de Referência											
<i>Recce Unit</i>							X	X	X	X	X
<i>Recce Unit (Armoured)</i>							X	X	X	-	X

Fonte: Adaptado de EUMC (2005, p. 90).

Para o EUMC, na lista das *Reference Units*, existem dois tipos de ERec: a *Recce Unit* e a *Recce Unit (Armoured)* cada uma com capacidades próprias, sendo os atributos iguais para os dois tipo de unidades.

No *Progress Catalogue 2007* (PC 07), foi feita uma análise de risco operacional, em função das tarefas que cada força teria de executar, em cada um dos cinco cenários ilustrativos. No Quadro 2.2 e 2.3 podem ser vistas as tarefas e o grau de risco, conforme a força usada¹⁹.

Face às capacidades requeridas, existe um conjunto de tarefas inerentes a cada unidade, e os respectivos riscos face a cada um dos cinco cenários possíveis.

¹⁸ No caso deste trabalho apenas serão estudados os Esquadrões de Reconhecimento - *Recce Unit* e *Recce Unit (Armoured)*.

¹⁹ Idem.

Quadro 2.2 - Resultados da avaliação do risco Operacional – *Recce Unit*

Código da Tarefa (<i>Recce Unit</i>)	Descrição da Tarefa	SOPF	SR	CP	EO	HA	Risco Operacional
E601	Operações Ofensivas	H	H	H	H	H	Elevado
E602	Operações Defensivas	H	H	H	H	H	Elevado
E603	Interposição	H	-	H	-	-	Elevado
E604	Garantir a Segurança de Linhas de Comunicação	H	H	H	H	H	Elevado
P120	Escortar Colunas de Viaturas	H	H	H	H	H	Elevado

Fonte: Adaptado de EUMC (2007, p. 17-20).

Como pode ser visto no Quadro 2.2, todas as tarefas que uma *Recce Unit* poderá desempenhar nos cinco cenários ilustrativos são de risco elevado. As tarefas com o código iniciado com a letra E (E601, E602, E603 e E604), são tarefas de Combate. O código da tarefa iniciado com P (P120) é uma tarefa de Protecção.

Quadro 2.3 - Resultados da avaliação do risco Operacional – *Recce Unit (Armoured)*

Código da Tarefa (<i>Recce Unit (Armoured)</i>)	Descrição da Tarefa	SOPF	SR	CP	EO	HA	Risco Operacional
M110	Evacuação de Cidadãos Nacionais e Elementos do Corpo Diplomático	-	-	-	-	-	-
I165	Para detectar, identificar e seguir forças opostas (ou alvos de interesse especial) dentro da zona de batalha e para aquisição de alvos.	H	H	H	L	-	Elevado
E111	Estabelecer Segurança nas Áreas Designadas	-	-	-	-	-	-
E110	Evacuar Pessoas em Áreas Isoladas	X	X	X	X	X	Moderado

Fonte: Adaptado de EUMC (2007, p. 17-20).

Das quatro tarefas que esta unidade pode executar, apenas duas foram analisadas, em que a tarefa I165 apresenta um risco elevado e a tarefa E110 um risco moderado na sua execução. A tarefa com código iniciado, pela letra M (M110) é uma tarefa de Movimento, pela letra I (I165) é uma tarefa de *Intelligence, Surveillance, Target Acquisition, and Reconnaissance*²⁰ (ISTAR), e pela letra E, como já foi referido, de *Combate*.

A maioria das capacidades necessárias são idênticas às capacidades que a NATO requer para a integração de um ERec numa NRF, contudo existem algumas capacidades próprias que o EUMC requer. Já os atributos necessários são diferentes dos elementos estruturantes requeridos no CJSOR.

Neste trabalho são considerados *Recce Unit* os três ERec e *Recce Unit (Armoured)* o ERec da BrigInt e o ERec da BrigMec.

²⁰ Informações, Vigilância, Aquisição de Alvos e Reconhecimento.

Os três ERec foram considerados *Recce Unit* visto que os requisitos necessários para este tipo de força, que serão apresentados mais à frente no trabalho, vão de acordo com as características dos três ERec.

Como *Recce Unit (Armoured)*, foram considerados o ERec da BrigInt e o ERec da BrigMec, visto terem as características requeridas. O ERec da BrigRR não foi considerado, pois as suas características não iam de acordo com os requisitos necessários para este tipo de força, que serão apresentadas mais á frente neste trabalho.

2.5. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

No Regimento de Cavalaria número (nº) 6 (RC6), situado na cidade de Braga, encontra-se o ERec da BrigInt.

A missão deste ERec é a seguinte: “O Esquadrão de Reconhecimento prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.” (EME, 2009b, p. 2).

Este Esquadrão, como força de elevada prontidão, pode ser empregue em todo o leque de missões e cenários, sendo preferencialmente empregue em situações que requeiram a combinação de poder de fogo, protecção e fácil projecção. Este ERec é indicado para uma projecção inicial em conjunturas de conflito de média/alta intensidade e em CRO. (EME, 2009b)

Esta unidade pode reforçar, em parte ou como um todo, se for necessário: as Forças da Zona Militar dos Açores (ZMA), as Forças da Zona Militar da Madeira (ZMM), a BrigMec e a BrigRR. Pode igualmente levar a cabo operações inteirando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais. (EME, 2009b).

As capacidades, possibilidades, limitações e organigrama encontram-se no Anexo R, S, T e U respectivamente.

2.5.1. INTEGRADO NUMA NATO RESPONSE FORCE

Este ERec foi considerado *Heavy* e *Medium* como já foi referido anteriormente, face a isto foi comparado com os requisitos necessários para integrar uma *Armoured Recce / Cavalry Company* e também uma *Medium Recce / Cavalry Company* numa NRF, no que toca a elementos estruturantes e capacidades necessárias.

2.5.1.1. Armoured Recce / Cavalry Company

2.5.1.1.1. Elementos Estruturantes Necessários

Face aos Elementos Estruturantes (Anexo X), este ERec consegue cumprir a totalidade dos requisitos, com a excepção de um, pois o ERec não apresenta em QO uma Secção Anti-Carro / Morteiro. Relativamente a esta questão, o Comandante (Cmdt) deste ERec refere, que apesar de não possuir Secção Anti-Carro, este papel é desempenhado pelas Secções

de Auto-Metralhadoras (AM) dos Pelotões de Reconhecimento (PelRec). Por outro lado, também possui um Pelotão de Morteiros Pesados com quatro secções de Morteiros.

Os outros Elementos Estruturantes são todos cumpridos: consegue suprir as necessidades a nível de viaturas impostas, possuindo actualmente dezoito viaturas blindadas²¹ (Anexo X e BB), das dez viaturas requeridas; possui cento e sessenta e sete militares (dos cento e vinte militares requeridos); possui três pelotões de manobra, Comando do ERec, Secção de Manutenção e Secção de Reabastecimento.²²

2.5.1.1.2. Capacidades Necessárias

Existem cinco capacidades necessárias que este ERec não consegue satisfazer, como pode ser visto no Anexo X.

A capacidade número nº 2 não consegue ser cumprida pois não existe no ERec o material adequado para treino nas condições referidas²³.

Relativamente à capacidade 9.a. este ERec não possui equipamento adequado para garantir a protecção do pessoal e equipamento no âmbito NBQR. Segundo o Cmdt do ERec as máscaras de protecção existentes (M17A2) estão velhas e na sua maioria inoperacional (INOP), também o número de máscaras não é suficiente nem para 50% do ERec. Os fatos também estão velhos e em número muito reduzido. Refere que este é um problema do Exército em geral, acrescentando que é política actual, haver treino com o material disponível, só sendo fornecido o material em caso de necessidade.

A protecção contra *Remote Control Improvised Explosive Device* (RCIED)²⁴ não é actualmente assegurada com as viaturas que este ERec actualmente possui (V-150, V-200 e V-600), só sendo possível suprir esta limitação quando forem fornecidas as viaturas PANDUR²⁵, pois já se encontram equipadas para fazer face a RCIED.

Actualmente, este ERec, não consegue conduzir reconhecimentos NBQR²⁶, por falta de equipamento. O Cmdt do ERec refere que não é necessário nenhuma viatura especial, contudo é necessário o equipamento de protecção individual e os equipamentos de protecção NBQ, para se realizarem as análises e as leituras da presença de agentes ou radioactividade na zona a reconhecer.

Quanto à capacidade nº 18²⁷, não consegue ser suprida, embora o Cmdt do ERec refira que não é totalmente impossível, mas sempre com desfalque dos pelotões, pois não existe em QO militares com essa função.²⁸

²¹ Quatro viaturas V-150 e catorze viaturas da família Chaimite (V-200 e V-600). Estando actualmente sete das Chaimites INOP.

²² Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

²³ "...operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta de acordo com a L0048, e operações em todo o terreno em condições adversas." (CJSOR 3.0.)

²⁴ Capacidade 9.b.

²⁵ No Anexo CC, encontram-se as características da blindagem da PANDUR II.

²⁶ Capacidade nº 10.

²⁷ "Ser capaz de fornecer facilidades de ligação, para operações blindadas, mecanizadas, de artilharia e da engenharia." (CJSOR 3.0).

2.5.1.2. Medium Recce / Cavalry Company

2.5.1.2.1. Elementos Estruturantes Necessários

Os Elementos Estruturantes requeridos para este tipo de força (Anexo Y) são, na sua maioria, iguais aos do *Armoured Recce*²⁹. Contudo existe um que apenas se aplica ao *Medium Recce*, que é a necessidade deste tipo de força possuir dez viaturas blindadas com torre. Este requisito consegue ser cumprido, quando entrarem ao serviço a viatura PANDUR. Actualmente este ERec possui apenas quatro viaturas que preenchem este requisito (AM V-150), no seu QO o ERec admite seis AM e mais seis viaturas equipadas com canhão de tiro rápido 30mm.³⁰

2.5.1.2.2. Capacidades Necessárias

A maioria das capacidades de uma *Heavy Recce*³¹ também é necessária para uma *Medium Recce* (Anexo Y)., apresentando as limitações a essas capacidades referidas na secção quinquenária 2.5.1.1.2. Para este tipo de força, contudo, existem mais cinco capacidades necessárias, não conseguindo realizar duas delas.

A capacidade nº 1 refere que este ERec deve ser rapidamente transportado pela aviação táctica³², o que para o Cmdt do ERec, só será possível com treino.

Relativamente à capacidade nº 5³³, este ERec actualmente não consegue cumprir, visto que as viaturas que actualmente equipam este Esquadrão (V-150 e V-200), não possuem aparelhos de visão nocturna. Esta capacidade será suprida quando as viaturas PANDUR II equiparem este ERec.³⁴

2.5.2. INTEGRADO NUM BATTLEGROUP

Este ERec, foi considerado uma *Recce Unit* e uma *Recce Unit (Armoured)* e comparado com os requisitos e capacidades necessárias para a sua integração num BG, que se encontram no Anexo Z e no Anexo AA, respectivamente.

2.5.2.1. Recce Unit e Recce Unit (Armoured)

2.5.2.1.1. Comparação dos Atributos Necessários

Ao nível dos recursos humanos necessários³⁵ (oitenta), este ERec cumpre plenamente pois apresenta, actualmente, cento e sessenta e sete militares.

²⁸ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

²⁹ À excepção do elemento estruturante a.

³⁰ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

³¹ À excepção da capacidade 1 e 3.

³² A viatura PANDUR é aerotransportável, como por exemplo, nos aviões C-130, que equipam a Força Aérea Portuguesa.

³³ "Ser capaz de adquirir e destruir alvos, de dia ou de noite, tanto parado como em movimento." (CJSOR 3.0).

³⁴ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

³⁵ Requisito a. Que é igual nos dois tipos de força (Recce e Recce (Armoured)).

Quanto às viaturas de reconhecimento necessárias³⁶ (treze viaturas), também cumpre este requisito, pois apresenta dezoito viaturas. Existe uma diferença, no que toca ao tipo de viaturas necessárias, enquanto numa *Recce Unit* são requeridas treze viaturas de reconhecimento, numa *Recce Unit (Armoured)* são requeridas o mesmo número de viaturas, mas blindadas (*Armoured*).

2.5.2.1.2. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit

Face as capacidades necessárias (cinco), este ERec não consegue cumprir três das necessárias, como está presente no Anexo Z.

Este ERec não consegue, executar operações, sob as condições referidas na capacidade nº 1, devido á inexistência de material adequado para treino nas condições requeridas.

A capacidade nº 3 não é realizável, pois segundo o Cmdt deste ERec, na actualidade o mínimo risco de detecção é quase impossível, sobretudo se considerarmos as novas viaturas que este ERec vai receber, PANDUR, a dificuldade de dissimular uma viatura deste tipo.

A falta de equipamento NBQ, que torna irrealizável a capacidade nº 4, já foi referida na secção quinquenária 2.5.1.1.2.³⁷

2.5.2.1.3. Capacidades Necessárias para uma Recce Unit (Armoured)

As capacidades necessárias para este tipo de força são doze, das quais quatro este ERec não consegue cumprir, como pode ser visto no Anexo AA.

A capacidade nº 1 é análoga à capacidade nº 1 da *Recce Unit*, não conseguindo ser cumprida pelas razões atrás referidas.

A capacidade nº 5 é análoga à capacidade nº 4 da *Recce Unit*, não conseguindo ser cumprida pelas razões atrás referidas.

A falta de equipamento de protecção NBQ, é a razão que torna a capacidade nº8 irrealizável, pois não se consegue realizar o reconhecimento NBQR³⁸.

Relativamente á capacidade nº 10 é análoga à capacidade nº 18 da *Armoured Recce* da NRF, não sendo realizável pelas razões atrás referidas.³⁹

2.5.3. APRONTAMENTO DA FORÇA

Devido à sua experiencia, o Cmdt deste ERec, refere que o treino que a unidade sob o seu comando possui é adequado para a integração numa NRF ou BG, pois no decorrer do ano se executa treino nos distintos espectros de operações.

³⁶ Requisito b.

³⁷ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

³⁸ As razões são as mesmas referidas na secção quinquenária 2.5.1.1.2. relativamente á capacidade nº10.

³⁹ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

O treino passa tanto pelas operações convencionais, como pelas CRO. Sempre que são necessárias forças para a formação de uma NRF ou de um BG, é iniciado um ciclo de treino, para haver um nivelamento das forças, precedido de treino de operações convencionais e por último treino de CRO.⁴⁰

2.5.4. TEMPO EM *STAND-BY*

Para o Cmdt deste ERec (Apêndice G) o período de *stand-by* não é uma condicionante, pois é um período utilizado para dar sequência “...à instrução ministrada durante as fases de treino nacional e internacional.”⁴¹

Apenas considera o tempo em *stand-by* uma condicionante, na perspectiva que a força naquele período está submissa à NRF ou BG, estando impossibilitada de executar outro tipo de missões, para além daquelas que foi incumbida pela NRF ou BG.⁴²

2.5.5. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS

Para este ERec não é necessário a aquisição de equipamentos, com excepção do equipamento de protecção individual NBQ, que não existe na sua totalidade.

Com a entrada em serviço da viatura PANDUR, a protecção contra RCIED será satisfeita, pois as viaturas vêm equipadas nesse sentido.⁴³

2.6. O Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada

No Quartel da Cavalaria, situado no Campo Militar de Santa Margarida, encontra-se o ERec da BrigMec.

A missão deste ERec é a seguinte: “O Esquadrão de Reconhecimento prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.” (EME, 2009a, p. 2).

Este Esquadrão pode ser empregue em todo o leque de missões e cenários, sendo preferencialmente empregue em situações que requeiram a combinação de poder de fogo, protecção e poder de choque. Este ERec é indicado para ser projectado em conjunturas de conflito de alta intensidade. (EME, 2009a)

Esta unidade pode reforçar, em parte ou como um todo, se for necessário: a BrigInt e a BrigRR. Pode igualmente levar a cabo operações inteirando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais. (EME, 2009a).

As capacidades, possibilidades, limitações e organigrama encontram-se no Anexo R, S, T e V respectivamente.

⁴⁰ Entrevista com o Capitão Fernando Cunha, em 05 de Junho de 2010.

⁴¹ Idem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

2.6.1. INTEGRADO NUMA *NATO RESPONSE FORCE*

Este ERec foi considerado *Heavy* como já foi referido anteriormente, face a isto foi comparado com os requisitos necessários para integrar uma *Armoured Recce / Cavalry Company* numa NRF, no que toca a elementos estruturantes e capacidades necessárias, presentes no Anexo DD.

2.6.1.1. *Armoured Recce / Cavalry Company*

2.6.1.1.1. *Elementos Estruturantes Necessários*

Face aos Elementos Estruturantes (Anexo DD), este ERec consegue cumprir a totalidade dos requisitos, com a excepção de um, pois o ERec não apresenta em QO uma Secção Anti-Carro / Morteiro. Relativamente a esta questão, o Cmdt deste ERec refere que possui um Pelotão de Morteiros Pesado, com uma viatura M577 Posto de Comando de Tiro (PCT) e quatro M106 (as quatro secções).

Os outros Elementos Estruturantes são todos cumpridos: consegue suprir as necessidades a nível de viaturas (Anexo GG) impostas, dez viaturas requeridas; o nº de militares deste ERec variou entre cento e vinte e cento e quarenta (dos cento e vinte militares requeridos); possui três pelotões de manobra⁴⁴, Comando do ERec, Secção de Manutenção e Secção de Reabastecimento.⁴⁵

2.6.1.1.2. *Capacidades Necessárias*

Este ERec, segundo o seu Cmdt⁴⁶, consegue cumprir todas as capacidades requeridas, embora comente algumas das capacidades.

Face à capacidade nº 2, refere que é necessário ter atenção, ao que é considerado condições extremamente adversas, visto que como unidade blindada apresenta limitações em determinados tipos de terreno.

Relativamente à protecção NBQR⁴⁷, este ERec, possui a totalidade do equipamento de protecção NBQR, fatos de protecção e máscaras (M17A1). No entanto, é referido que apresenta limitações, como é o facto de existir a quantidade suficiente de sobre botas mas em números pequenos, a falta de alarmes e o facto da viatura M113 não fornecer protecção adequada, a nível BQ⁴⁸.

⁴⁴ Apesar do 3º PelRec estar desactivado por falta de pessoal.

⁴⁵ Questionário efectuado ao Major Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

⁴⁶ Na altura que este questionário foi preenchido o Cmdt deste ERec era o Major de Cavalaria Paulo Serrano. Actualmente o Cmdt do ERec é o Major de Cavalaria Jorge Rainha.

⁴⁷ Capacidade 9.a.

⁴⁸ As viaturas M113, não conferem a protecção BQ necessária, pois não se consegue obter um isolamento dentro das viaturas, pois as borrachas encontram-se na sua maioria danificadas.

A protecção RCIED⁴⁹ é atingida por este ERec, pois como unidade blindada garante maior protecção que as outras unidades. No entanto, além da blindagem não possui mais nenhum equipamento⁵⁰ ou blindagens adicionais.

A capacidade nº 14 consegue ser realizável, pois o ERec possui uma secção de Vigilância do Campo de Batalha (VCB), estando os seus radares todos operacionais conseguindo identificar alvos móveis de cinco a dez quilómetros.⁵¹

2.6.2. INTEGRADO NUM *BATTLEGROUP*

Este ERec, foi considerado uma *Recce Unit* e uma *Recce Unit (Armoured)* e comparado com os requisitos e capacidades necessárias para a sua integração num BG, que se encontram no Anexo EE e no Anexo FF, respectivamente.

2.6.2.1. *Recce Unit e Recce Unit (Armoured)*

2.6.2.1.1. *Comparação dos Atributos Necessários*

Face aos requisitos de pessoal e viaturas de reconhecimento este ERec cumpre o requerido, como pode ser visto no Anexo EE e no Anexo FF.

2.6.2.1.2. *Capacidades Necessárias para uma Recce Unit*

A capacidade nº 1 requerida é análoga à capacidade nº 2 da *Armoured Recce*, conseguindo ser realizável, tendo em atenção ao referido na secção quinquenária 2.6.1.1.2.

Relativamente às capacidades nº 2 e nº 3, o Cmdt deste ERec, refere que o ERec doutrinariamente actua dentro do alcance da Brigada, só conseguindo cumprir as capacidades requeridas se a Brigada garantir o apoio necessário.

A capacidade nº 4, protecção NBQR, é análoga à capacidade 9.a da *Armoured Recce*, conseguindo ser cumprida, tendo em referência ao referido na secção quinquenária 2.6.1.1.2.

Face à capacidade nº 5, este ERec consegue conduzir operações de uma forma independente durante cinco dias, desde que seja reforçado com viaturas, como por exemplo, auto tanques.⁵²

2.6.2.1.3. *Capacidades Necessárias para uma Recce Unit (Armoured)*

As capacidades requeridas por este tipo de força, são todas cumpridas, no entanto existem algumas considerações a ter em conta. Essas considerações já foram referidas em capacidades, anteriores, análogas⁵³

⁴⁹ Capacidade 9.b.

⁵⁰ Tipo CREW, utilizado pelo Exército dos EUA, para maior protecção das viaturas.

⁵¹ Questionário efectuado ao Major Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

⁵² Idem.

⁵³ As capacidades nº 1, 4 e 5 são análogas às capacidades nº 2, 14 e 9.a. respectivamente, da *Armoured Recce*.

2.6.3. APRONTAMENTO DA FORÇA E TEMPO EM *STAND-BY*

Relativamente ao aprontamento, segundo o seu Cmdt, o ERec executa o seu treino em concordância com a tipologia das missões que estão atribuídas à BrigMec, devido a esse facto, a sua integração numa NRF ou num BG, não pode atender de maneira diferente à missão do ERec, a sua integração deve ser em acordo com o papel que se ambiciona para essa força e das capacidades que sejam necessárias a essa força. Existe sempre a possibilidade de dotar o ERec com outras capacidades, que se julguem necessárias para a sua integração nesse tipo de forças.⁵⁴

Para o comandante deste ERec (Apêndice H), o tempo em *stand-by* não será uma condicionante, devido à sua experiência adquirida na NRF 5, pois deve ser aproveitado para garantir ou aperfeiçoar a competência da unidade ou, se necessário, aproveitar para se proceder ao treino de outras capacidades que se julguem necessárias para a missão.⁵⁵

2.6.4. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS

O Cmdt deste ERec refere que o equipamento existente neste esquadrão cumpre com a sua função, no entanto existe material em determinadas áreas que podia ser melhorado. A aquisição de novos equipamentos deve ter em conta a missão que se irá desempenhar, se não se tiver esse facto em atenção existe uma grande probabilidade de desperdiçarem recursos. Também o facto de existirem determinados equipamentos, como é o caso do equipamento de protecção NBQ, que têm prazos de vida útil e é necessário uma verba elevada para a sua aquisição, se não existir necessidade da sua utilização leva a um desperdício de recursos.⁵⁶

Contudo, estes equipamentos com vida útil e de elevado custo, devem estar disponíveis no ERec em dotações que permita dar instrução aos militares.⁵⁷

2.7. O Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reacção

Rápida

No RC3 em Estremoz, encontra-se o ERec da BrigRR.

A missão deste ERec é a seguinte: “O Esquadrão de Reconhecimento conduz operações de reconhecimento e segurança com a finalidade de preservar a capacidade de combate da Brigada.” (EME, 2009c, p. 2).

Este Esquadrão, pode ser empregue em todo o leque de missões e cenários, sendo preferencialmente empregue em conjunturas que requeiram forças ligeiras de reacção rápida. (EME, 2009c)

⁵⁴ Entrevista com o Major Jorge Rainha, em 13 de Junho de 2010.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ibidem.

Esta unidade pode reforçar, em parte ou como um todo, se for necessário: as Forças da ZMA, as Forças da ZMM, a BrigMec e a BrigInt. Pode igualmente levar a cabo operações inteirando subunidades ligeiras, pesadas ou especiais. (EME, 2009c).

As capacidades, possibilidades, limitações e organigrama encontram-se no Anexo R, S, T e W respectivamente.

2.7.1. INTEGRADO NUMA NATO RESPONSE FORCE

Este ERec foi considerado *Light*, como já foi referido anteriormente, face a isto foi comparado com os requisitos necessários para integrar uma *Recce / Cavalry Company* numa NRF, no que toca a elementos estruturantes e capacidades necessárias.

2.7.1.1. Elementos Estruturantes Necessários

No que respeita aos Elementos Estruturantes, este ERec cumpre com a maioria dos requisitos⁵⁸, como pode constatar no Anexo HH. No entanto existe lacunas, no que respeita ao número mínimo de militares, que à data da realização do questionário, era de cento e oito militares menos doze militares que o requisito mínimo requerido (cento e vinte militares), tendo este ERec em QO a possibilidade de ter cento e sessenta e seis militares.

Este ERec não apresenta na sua orgânica uma Secção Anti-Carro / Morteiro, como é requerido, mas apresenta organicamente um Pelotão de Morteiros Médios (81 mm), que caso seja necessário pode ser organizado numa secção morteiro.⁵⁹

2.7.1.2. Capacidades Necessárias

Para este tipo de força (*Light*) são requeridas vinte e uma capacidades, que estão referidas no CJSOR, e que se encontram no Anexo HH. Este ERec possui a maioria das capacidades requeridas, no entanto existem lacunas.

A capacidade nº 15.b não consegue ser cumprida, visto que as viaturas de reconhecimento que equipam este ERec (PANHARD M-11) não fornecem protecção contra⁶⁰ RCIED, pois não se encontram equipadas com o módulo sobreprotecção PL 127, que é vendido pela PANHARD, que concede alguma protecção adicional contra *Improvised Explosive Device* (IED). No entanto a PANHARD M-11, mesmo equipada com este módulo pouca protecção confere, devido a sua ligeira blindagem, contra IED se a sua potência for elevada.

No que respeita à capacidade nº 16, o Comandante do ERec da BrigRR refere que este ERec tem capacidade de executar reconhecimentos em ambiente NBQR, se as viaturas forem equipadas com o módulo de protecção BQ para filtragem de ar e se possuírem

⁵⁸ Possuir, no mínimo, dez viaturas blindadas de reconhecimento (rodas) com blindagem ligeira e três pelotões de manobra. Possuir um Comando de ERec; Secção de Manutenção e Secção de Reabastecimento. (CJSOR 3.0).

⁵⁹ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

⁶⁰ Engenhos explosivos improvisados accionados por controlo remoto.

equipamentos de reconhecimento NBQR como as viaturas FOX ou a FUCHS do Exército dos EUA e do Exército Alemão, respectivamente.

Este ERec apenas consegue executar a capacidade nº 19 se a PANHARD M-11 estiver equipada com o equipamento rádio *Very High Frequency/High Frequency* (VHF/HF) 525, para conseguir ser rapidamente reorientada na sua missão e cobrir áreas alargadas, através do emprego das comunicações.

Quanto à protecção NBQR, para pessoal e equipamento do ERec, existe quase a totalidade das máscaras (M17) e fatos de protecção.⁶¹

2.7.2. INTEGRADO NUM *BATTLEGROUP*

Este ERec, foi considerado uma *Recce Unit* e comparado com os requisitos e capacidades necessárias para a sua integração num BG, que se encontram no Anexo II.

2.7.2.1. Comparação dos Atributos Necessários

Relativamente aos recursos humanos existem os necessários para fazer face ao requerido (oitenta militares).

No que toca ao número de viaturas de reconhecimento (Anexo JJ), não existem as suficientes, pois são requeridas treze viaturas e actualmente apenas existem doze PANHARD M-11. As restantes viaturas encontram-se dezoito no Kosovo, e algumas nas Oficinas Gerais de Material de Engenharia (OGME) a realizarem revisões para entrarem novamente no canal e regressarem ao ERec.⁶²

2.7.2.2. Capacidades Necessárias

Face às capacidades necessárias (Anexo II), este ERec segundo o seu Comandante, consegue executar as requeridas, mas refere que para conseguir executar a capacidade nº 2⁶³, é imprescindível que seja garantido apoio de comunicações apropriado pelo escalão superior.

Quanto à protecção NBQR, para pessoal e equipamento do ERec, existe quase a totalidade das máscaras (M17) e fatos de protecção.⁶⁴

2.7.3. APRONTAMENTO DA FORÇA E TEMPO EM *STAND-BY*

Relativamente ao aprontamento da força (Apêndice I), o treino que este ERec possui facilmente se adapta aos objectivos da NRF e dos BG. Contudo todo o treino adicional que

⁶¹ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

⁶² Idem.

⁶³ “Ser capaz de realizar operações de reconhecimento até 150 km à frente das linhas amigas para detectar forças oponentes 24 horas por dia.” (CJSOR 3.0).

⁶⁴ Questionário efectuado ao Capitão Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

poderá existir ao nível do espectro de operações é uma mais-valia (Controlo de tumultos, combate urbano, guerra electrónica, IED, etc.).⁶⁵

Para o comandante deste ERec (Apêndice I), o tempo que a força se encontra em *stand-by* é uma condicionante, visto que a força passa por doze meses de treino intensivo e que até à actualidade nenhuma das forças nacionais que tiveram em NRF, foram para um TO, tornando-se desmotivador para os militares que integram este tipo de forças.

Normalmente os militares que integraram estas forças, são utilizados pelas Brigadas para constituírem as Forças Nacionais Destacadas (FND), sendo uma maneira de os recompensar pelo seu esforço.⁶⁶

2.7.4. AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTOS

Para este ERec (Apêndice I) não se encara como uma necessidade a substituição dos equipamentos, de uma forma geral, à disposição das forças que inteiram as NRF e os BG.

No entanto é referido que qualquer ocasião é oportuna para justificar a aquisição de novo armamento e equipamento.⁶⁷

2.8. A INTEGRAÇÃO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO NA NATO RESPONSE FORCE 11

O Exército Português levantou uma força, um ERec (*Medium Recce / Cavalry Company*), neste caso o ERec de Braga, para a sua possível participação na NRF 11.

Esta força teve de obedecer a um conjunto de requisitos, estipulados pela NATO, que constam no CJSOR. O ERec da BrigInt para cumprir os elementos estruturantes necessários para este tipo de força (*Medium Recce*), teve de sofrer alterações na sua orgânica.

Os elementos estruturantes requeridos são: três pelotões de manobra, pelo menos cento e vinte militares, Comando do ERec, Secção de Manutenção, Secção de Reabastecimento, Secção Anti-Carro / Morteiro e possuir, no mínimo, dez viaturas de reconhecimento blindadas. A partir daqui foi organizado o ERec com aquela estrutura única e exclusivamente para cumprir os requisitos.

2.8.1. ANÁLISE DA ENTREVISTA AO OFICIAL DE OPERAÇÕES DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Foi realizada uma entrevista ao Tenente-Coronel de Cavalaria Paulo Marques, que era Oficial de Operações da BrigInt, aquando da integração do ERec da BrigInt na NRF 11, estando no centro de todo o processo, sendo uma fonte essencial para se retirar desta

⁶⁵ Entrevista com o Capitão Fernando Lopes, em 29 de Abril de 2010.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ibidem.

experiência conhecimentos importantes na procura de respostas para as questões levantadas neste trabalho. A entrevista encontra-se no Apêndice J.

2.8.1.1. Análise das Modificações Orgânicas Efectuadas

O Quadro KK.1 apresenta o QO do ERec, em 2006. As alterações, em termos de QO, estão identificadas no Quadro KK.2, como pode ser visto no Anexo KK.

No Anexo LL pode ser visto a estrutura orgânica proposta, com as viaturas e respectivas guarnições, para a NRF 11.

Como pode ser observado no Quadro 2, o Comando e a Secção de Comando não sofrem alterações.

A Secção de Manutenção, apenas é aumentada em um Sargento e diminuído num Praça. Na secção de Reabastecimento, o nome é alterado para Secção de Reabastecimento e Transportes e é aumentada em dois Praças, na Equipa de Reabastecimento.

Na Secção Sanitária, passa a integrar em permanência um 1ºSargento (Cmndt), com especialidade em Medicina, mais um 2ºSargento Socorrista, não existindo alterações no número de Praças (quatro).

A Secção VCB, o Pelotão de Morteiros Pesados e os Pelotões de Reconhecimento, são as subunidades que apresentam maiores alterações.

Na secção de VCB, o número de viaturas é reduzido para dois (em vez das quatro), conseqüentemente, o número de Sargentos e de Praças é reduzido, também, para metade.

O Pelotão de Morteiros Pesados passa a designar-se por Secção de Morteiros Médios, trazendo a este pelotão diversas modificações em termos de orgânica e de viaturas. Passa a ser Comandado por um 1ºSargento (em vez dum Oficial Subalterno), sendo eliminado o Sargento de Pelotão. Passa a haver um Sargento PCT e apenas um calculador PCT (em vez de dois). Das 4 Secções de Morteiros Pesados, passa a haver 3 Esquadras de Morteiros Médios, desaparecendo uma Viatura Porta Morteiro e respectiva guarnição (um Sargento e três Praças).

No entanto é o Pelotão de Reconhecimento (×3) que apresenta mais alterações. O comando do pelotão mantém-se inalterável. A Secção de Exploração, perde a sua capacidade Anti-Carro, visto que lhe é retirado as duas Viaturas Porta Míssil Anti-Carro, com respectivas guarnições (dois Sargentos e seis Praças). Ficando com duas Chaimite V-200 e respectivas guarnições (cada uma com 1 Sargento e duas Praças). A Secção de Atiradores, também apresenta alterações, perdendo 2 Praças (o apontador da metralhadora e o respectivo municionador). A Secção de Auto-Metralhadoras, não apresenta alterações. Cada PelRec é reduzido em dez elementos.

O Esquadrão de Reconhecimento, do seu Quadro Orgânico como *Medium Recce Coy* apresenta menos trinta e oito militares, menos um oficial e menos trinta e oito praças, apresentando mais um sargento ficando com um total de cento e quarenta militares.

2.8.1.2. Aprontamento da Força

Os requisitos e as capacidades necessárias para a integração numa NRF, são conhecidas através do CJSOR, através do qual os países disponibilizam forças comprometendo-se a satisfazer os requisitos requeridos.

Todavia nem todas as forças cumprem na íntegra os requisitos, como é o caso das forças oferecidas por Portugal, mas isso também acontece com outros países.

O caso do ERec que foi aprontado para a NRF 11, organicamente o ERec da BrigInt tem cerca de duzentos militares, com a reorganização passou a ter cerca de cento e quarenta, isto conduz a lacunas, no que toca a missões a realizar e a respectivas capacidades, pois não se podem manter inalteradas com esta redução de recursos humanos.⁶⁸

2.8.1.3 O Tempo em *Stand-by*

O ERec apenas ficou pelo aprontamento nacional, não tendo atingido a fase do *Stand-by*, pois o processo completo do aprontamento não foi atingido.

Para o Tenente-Coronel Paulo Marques, o período em *Stand-by* não deve ser encarado como uma condicionante, pois as forças atravessam um processo, algo demorado, de constituição, formação e aprontamento, que quando se atinge essa fase as forças atingiram um nível de preparação que se poderia ponderar ser o nível desejável para todas as forças do Exército, sendo infelizmente, um nível que dificilmente a maioria das forças do Exército atingirá.

Refere ainda que são limitações estruturantes do Exército as diminutas disponibilidades orçamentais, matérias e de pessoal, apenas sendo ultrapassadas aquando do aprontamento de forças para se constituírem como FND ou algo análogo como a NRF ou BG.⁶⁹

2.8.1.4. Aquisição de Equipamentos

Para o Tenente-Coronel Paulo Marques, existe a necessidade da aquisição de equipamentos para as unidades, mas algum deste equipamento só deve ser adquirido depois de se saber qual o TO onde as forças serão projectadas.

Refere que é necessário ter atenção na preparação das forças pois, como por exemplo, não se pode ir com uma Dotação Individual de Equipamento do Kosovo para um país de altas temperaturas no continente Africano.

Existem equipamentos que são mais necessários em determinados TO do que noutros, exemplo disso, é o equipamento de protecção contra RCEID terem uma maior importância no TO do Afeganistão que num TO no continente Africano.⁷⁰

⁶⁸ Entrevista com o Tenente-Coronel Paulo Marques, em 11 de Abril de 2010.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Ibidem.

2.8.1.5. Projecção da Força

O ERec não foi projectado “Porque foi interrompida a preparação e retirada a oferta nacional do ERec para integrar a NRF 11”.⁷¹

É referido que este ERec mesmo que prosseguisse com a preparação e entrasse na fase de *stand-by*, não existia nenhuma garantia que fosse projectado, pois as forças podem estar disponíveis mas não serem projectadas.⁷²

2.9. ANÁLISE DA PROTECÇÃO E PODER DE FOGO DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO

Cada ERec apresenta diferentes tipos de viaturas, com diferentes níveis de protecção, e diferentes tipos de armamento, que nesta secção vão ser analisados.

2.9.1. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Este ERec, actualmente, encontra-se equipado com viaturas da família Chaimite (V-200 e V-600) e com a AM V-150, mas o seu actual QO já apresenta as novas viaturas PANDUR II, que se encontra ao serviço do Exército desde 2008, que apesar deste ERec não possuir nenhuma, é apenas uma questão de planeamento de entrega das viaturas, para que este ERec esteja equipado com esta nova viatura. A análise executada irá ter como base a viatura PANDURII, nas suas diferentes versões.

2.9.1.1. Análise da protecção

A viatura PANDUR II, nas suas diferentes versões, com a sua estrutura básica fornece protecção balística para ameaças de nível 1 (munições 7,62mm e rebentamentos de granadas de 155mm a 100m) e protecção anti-mina para ameaças de nível 2a (mina Anti-Carro de 6 Kg).

No entanto esta viatura está equipada com placas de aço e cerâmica (instaladas com parafusos), que garantem protecção balística de nível 2,3 e 4 (munições 14,5mm *Armour Piercing* (AP) e rebentamentos de granadas de 155mm a 25m) e protecção anti-mina para ameaças de nível 3a (mina Anti-Carro de 8 Kg). Mais dados sobre a blindagem desta viatura encontram-se no Anexo GG. (EPC, 2008, p. 1-1).

As viaturas PANDUR, vêm equipadas com um sistema de protecção NBQ, devido à existência de um sistema que fornece ar purificado ao interior da viatura, o ar proveniente do exterior entra no filtro NBQ (se o *by-pass* estiver retirado e o filtro colocado), e é purificado para o interior da viatura. Existem três versões desta viatura, que para além deste sistema colectivo de protecção NBQ, dispõe de um sistema de protecção individual, na medida que possui mascarar ligadas ao sistema descrito, conseguindo operar-se o sistema de armas da

⁷¹ Entrevista com o Tenente-Coronel Paulo Marques, em 11 de Abril de 2010.

⁷² *Idem*.

viatura, sem por em risco a sobrevivência dos militares durante a sua utilização. As viaturas que possuem este sistema são as versões da PANDUR com: Porta Canhão 30mm, Porta Míssil Anti-Carro e Porta Morteiro 120mm. (EPC, 2008).

2.9.1.2. Análise do Poder de Fogo

A Metralhadora Pesada (MP) que equipa as viaturas PANDUR II é a MP Browning 12,7mm, este arma de tiro automático, criada com o objectivo de bater alvos aéreos, no entanto também realiza tiro contra viaturas de blindagem ligeira e outros objectivos terrestres. Esta arma tem um alcance máximo de 6800m, tendo com alcance prático, em tiro terrestre 1200m e em tiro aéreo 900m. Apresenta uma cadencia de tiro de 400 a 600 tiros por minuto (tpm). (EPC, 2007, p. 7-2).

Existem seis PANDUR, que organicamente para além da MP Browning, possuem um sistema de lançamento de mísseis (SLM) *Tube launched, Optically tracked, Wire Command link*⁷³ (TOW) *Improved Target Acquisition System*⁷⁴ (ITAS). (EPC, 2008)

O TOW ITAS, fornece grande mobilidade às forças que o utilizam, pode ser utilizado sobre condições adversas, durante o dia e a noite, sendo um sistema necessário para forças projectadas numa fase inicial, para destruir a ameaça blindada, a grandes distâncias no campo de batalha.

Este novo SLM, aumenta a capacidade de detecção e a identificação dos alvos no dobro, aumentando a possibilidade de acertar no alvo relativamente ao TOW 2. A partir do TOW ITAS podem ser disparados todas as versões do míssil TOW.⁷⁵

No Quadro MM, no Anexo MM, são apresentados os mísseis, TOW, com os respectivos alcances e capacidade de penetração de blindagens.

Neste ERec, organicamente, existem seis viaturas PANDUR, equipadas com uma torre, que apresenta um canhão automático 30mm⁷⁶, uma metralhadora coaxial 7,62mm e uma metralhadora 7,62mm na torre, instalada num reparo. (EPC, 2008).

Este canhão automático de 30mm pode fazer fogo contra alvos, terrestres, marítimos ou aéreos a uma distância máxima de 3,000m, possuindo uma cadência de fogo de 700 tpm. Este canhão encontra-se também no Exército Espanhol na viatura PIZARRO e no Exército Austríaco na viatura ULAN.⁷⁷

As AM organicamente⁷⁸ que irão equipar este ERec (seis viaturas), são as viaturas PANDUR com uma torre equipada com uma peça de 105mm⁷⁹. Neste trabalho vai ser considerado

⁷³ Lançado por tubo, de perseguição óptica e filoguiado.

⁷⁴ Sistema de aquisição de alvos.

⁷⁵ Vide <http://www.raytheon.com/capabilities/products/itas/>, acedido em 11 de Julho de 2010.

⁷⁶ Para efeitos de estudo neste trabalho foi considerado como pressuposto ser o Canhão automático 30mm MK 30-2, produzido pela empresa Rheinmetall.

⁷⁷ Vide <http://www.army-guide.com/eng/product256.html>, acedido em 10 de Julho de 2010.

⁷⁸ Actualmente são as viaturas V-150, equipadas com uma torre com uma peça de 90mm.

⁷⁹ Actualmente em concurso existem duas empresas em concurso a Oto Melara (Empresa Italiana), com a sua torre equipada com uma peça 105mm L/52 HithFact e a empresa CMI (Empresa Belga) com a torre equipada com a peça 105mm L/53 CT-CV, uma das grandes diferença entre as duas peças recai no facto de que a peça

como pressuposto, que a viatura PANDUR com peça 105mm que irá equipar este ERec será a da empresa CMI. Esta empresa refere que a peça CT-VC⁸⁰ pode disparar todas as munições standard da NATO, sendo compatível com munições de alta pressão, mísseis, munições contra alvos aéreos e munições inteligentes. Consegue disparar seis a oito munições por minuto, dependendo da elevação da peça. É referido, que esta peça, em testes realizados consegue acertar com extrema precisão num alvo de dimensões 15cm x 20cm a 1000m.⁸¹

Esta torre também possui: uma metralhadora coaxial 7,62mm ou 12,7mm; uma arma instalada em cima da torre, controlada do interior, podendo ser uma 7,62mm, 12,7mm ou lança granadas automático de 40mm; podendo possuir também oito lança granadas de cada lado da torre.⁸²

O Pelotão Morteiro deste ERec, irá ser equipado com viaturas PANDUR, que possuem como armamento uma metralhadora 7,62mm, um morteiro 81mm, desmontado a fim de ser operado no exterior da viatura, e como armamento principal o Morteiro Pesado 120mm, CARDOM 7-2. (EPC, 2008).

Este morteiro permite que se realize o primeiro disparo um minuto e trinta segundo depois da imobilização da viatura, devido ao seu posicionamento automático em bateria, azimute e elevação. O alcance deste morteiro com munições convencionais é de 7000m, podendo atingir 13000m com munições de propulsão assistida. (EPC, 2008).

Tendo como pressuposto que o morteiro 81mm, que irá equipar seja o mesmo que já existe no Exército Português, têm um alcance máximo de 5650m e mínimo de 475m, tendo uma cadência de tiro, normal, de quinze granadas por minuto. (Macieira & Alves, 2008, p. 61).

Relativamente à metralhadora 7,62mm, vai ser tido como pressuposto, que será a mesma metralhadora que equipa algumas das viaturas da família CHAIMITE, sendo esta a Metralhadora Ligeira HK-21 7,62mm. Esta arma foi construída com o objectivo de bater alvos móveis e fixos a pequenas e médias distâncias, possuindo um alcance prático de 600m e máximo de 3800m, tendo uma cadência de tiro de 850 tpm. (EPC, 2008, p. 3-3).

da empresa CMI é de carregamento automático, devido a essa capacidade a torre apenas possui dois homens (Comandante e Apontador), visto que o muniçador não é necessário, como é na torre da Oto Melara. Vide <http://www.otomelara.it/OtoMelara/EN/Business/Land/HitFact/index.sdo>;

<http://www.cmigroupe.com/files/files/defence/BATdefense-ctcv.pdf>, acedidos em 10 de Julho de 2010.

⁸⁰ A velocidade à boca desta peça é de 1620 m/s, conseguindo penetrar, dependendo da munição, blindagens Rolled Homogeneous Armour (RNA) de 560mm a 2000m. Com a munição APFSDS-T M1060A3, podem ser perfuradas blindagens RNA de 500mm a 2000m. Vide <http://www.janes.com/articles/Janes-Ammunition-Handbook/105-mm-M1060-series-Mecar-APFSDS-T-rounds-Belgium.html>, acedido em 10 de Julho de 2010.

⁸¹ Vide <http://www.cmigroupe.com/files/files/defence/BATdefense-ctcv.pdf>, acedido em 10 de Julho de 2010.

⁸² Idem.

2.9.2. O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA

As viaturas que equipam este ERec são viaturas da família M113 (M113A1/A2; M106 – viatura porta morteiro 10,7 e M577 – viatura de Comando) e com o Carro de Combate (CC) Leopard 2A6, que equipa as secções de CC dos PelRec.

2.9.2.1. Análise da Protecção

O M113, nas suas diferentes versões ao serviço do Exército Português, apresenta uma blindagem composta por placas de duralumínio, com uma espessura de 45mm. (Foss, 2007, p. 69).

O CC Leopard 2A6, possui uma blindagem de 3ª geração, devido à aplicação de técnicas especiais no campo da blindagem, oferecendo uma excelente protecção contra sistemas de armas anti-carro, especialmente à frente. Este facto deve-se à combinação de aço com grande qualidade, com outros materiais, formando placas sucessivas.

Além da blindagem, existem outros equipamentos que aumentam a protecção da guarnição, incluindo: concepção especial do casco a fim de contrariar a acção das minas anti-carro; possui um sistema de protecção contra armas NBQ (as partículas radioactivas e os agentes químicos, presentes no ambiente do campo de batalha fiaram retidas no filtro NBQ (quando colocado), sendo purificadas, indo ar purificado para o interior do CC); blindagem adicional na torre, (que lhe confere o aspecto “afiado”), à frente e nas laterais com a instalação de placas de protecção e também maior protecção contra projecteis de artilharia, com o aumento da blindagem no tecto da torre; o alojamento das munições, para uso imediato estarem dentro de um bunker, que em caso de explosão, a pressão escape, de maneira a não infligir danos na guarnição. (Technical Manual, 2001).

2.9.2.2. Análise do Poder de Fogo

As viaturas M113A1/A2 e M106, encontram-se equipadas com a MP Browning 12,7mm, este arma de tiro automático, criada com o objectivo de bater alvos aéreos, no entanto também realiza tiro contra viaturas de blindagem ligeira e outros objectivos terrestres. Esta arma tem um alcance máximo de 6800m, tendo com alcance prático, em tiro terrestre 1200m e em tiro aéreo 900m. Apresenta uma cadencia de tiro de 400 a 600 tiros tpm. (EPC, 2007, p. 7-2).

Existem viaturas, que para além da MP Browning 12,7mm possuem um SLM M220 A2⁸³ TOW. Este SLM é um sistema de armas anti-carro, usado para bater alvos blindados a grandes distancias. Pode ser empregue em todas as condições climatéricas, desde que o apontador consiga ver o alvo através do seu aparelho de pontaria. Pode ser igualmente usado contra fortificações, posições preparadas, bunkers e ninhos de metralhadoras.⁸⁴

⁸³ No caso do ERec é o M220A2, existindo noutras unidades do Exército o M220A1. Este SLM pode ser operado montado na viatura, como apeado no exterior da viatura montado num tripé.

⁸⁴ Vide <http://www.globalsecurity.org/military/library/policy/army/fm/3-22-34/fm3-22-34.pdf>, acedido em 12 de Julho de 2010.

Este SLM, possui um alcance mínimo de 65m e máximo de 3750m. Esta versão que equipa o ERec é capaz de disparar o míssil BGM-71D TOW, retirando toda a potencialidade do míssil, ao contrário do SLM M220 A1. Isto deve-se ao facto que o SLM M220 A2⁸⁵ sofreu melhoramentos na unidade transversal, no sistema orientador do míssil e no aparelho de pontaria.⁸⁶

O CC Leopard 2A6 encontra-se equipado com uma peça de 120mm, duas metralhadoras 7,62mm, uma coaxial e outra num suporte em cima da torre, e um sistema lança granadas de fumo (Technical Manual, 2001).

A peça que equipa este CC é uma peça da empresa Rheinmetall, designada por 120mm L55 Tank Gun, sendo a última versão desta empresa. Refere que esta peça fornece ao Leopard 2 grande poder de fogo, conseguindo destruir alvos a grandes distâncias, conseguindo disparar todas as munições de 120mm, especialmente a sexta geração de munições KE, as DM 53/DM 63⁸⁷, conseguindo atingir velocidades, à boca da peça, de 1750 m/s, conseguindo manter o Leopard 2 um CC efectivo na luta contra carros de combate futuros.

Esta peça fornece maior alcance, que a peça anterior a 120mm L44, pois apresenta mais 1,3m de comprimento, conseguindo atingir alvos a grandes distancias, com uma grande probabilidade de destruir o alvo ao primeiro disparo.⁸⁸

O CC Leopard 2A6, equipado com esta peça consegue bater alvos a mais de 3,000m, também muito devido ao seu avançado sistema de estabilização, o seu telémetro laser, o seu computador balístico e a sua câmara térmica, quer permite adquirir alvos de noite e em condições adversas. (Foss, 2007, p. 248-249).

As duas Metralhadoras FN 7,62mm, que equipam a torre deste carro de combate, uma coaxial e outra montada em suporte em cima da torre com função anti-aérea, têm alcances e cadências de tiro diferentes. A coaxial tem um alcance prático de 800m com 800-850 tpm, enquanto a outra Metralhadora tem um alcance prático de 1200m com 700-750 tpm. (Technical Manual, 2005).

O Morteiro que equipa o Pelotão de Morteiros Pesados deste ERec, é o Morteiro 10,7cm, que é transportado e operado⁸⁹ da viatura M106. Este morteiro, estriado, tem um alcance máximo de 5360m e mínimo de 840m, possuindo uma cadência de tiro normal de 5 a 10 tpm, podendo fazer 20 tpm. (Macieira & Alves, 2008, p. 87).

⁸⁵ O SLM M220 A2 TOW é constituído por seis partes: Tripé, Aparelho de Pontaria, Tubo Lançador, Sistema Orientador do Míssil e por duas Baterias. Vide <http://www.globalsecurity.org/military/library/policy/army/fm/3-22-34/fm3-22-34.pdf>, acedido em 12 de Julho de 2010.

⁸⁶ Vide <http://www.globalsecurity.org/military/library/policy/army/fm/3-22-34/fm3-22-34.pdf>, acedido em 12 de Julho de 2010.

⁸⁷ Com este tipo de munição, na peça L55, o Leopard 2 consegue atingir alvos a 5000m. Vide <http://www.army-technology.com/projects/leopard/>, acedido em 10 de Julho de 2010.

⁸⁸ Vide <http://www.rheinmetall-denelmunition.com/index.php?fid=1449&lang=3&pdb=1>. acedido em 12 de Junho de 2010.

⁸⁹ Pode também ser operado fora da viatura, sendo retirado da mesma e proceder-se a sua montagem no exterior.

2.9.3. ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA

Este ERec encontra-se equipado com a PANHARD M-11, nas suas duas versões, a de combate e a de reconhecimento.

2.9.3.1. Análise da Protecção

A PANHARD-M11, nas suas duas versões, apresenta uma blindagem ligeira de 11,5mm. (Foss, 2007, p. 211).

2.9.3.2. Análise do Poder de Fogo

A versão de reconhecimento está equipada com a MP Browning 12,7mm, este arma de tiro automático, criada com o objectivo de bater alvos aéreos, no entanto também realiza tiro contra viaturas de blindagem ligeira e outros objectivos terrestres. Esta arma tem um alcance máximo de 6800m, tendo com alcance prático, em tiro terrestre 1200m e em tiro aéreo 900m. Apresenta uma cadencia de tiro de 400 a 600 tpm. (EPC, 2007, p. 7-2).

A versão de combate está equipada com um Metralhadora Ligeira Browning.30 e com um SLM MILAN. (EPC, 1989).

A Metralhadora Ligeira Browning.30 é uma arma automática, com carregamento por fitas metálicas ou tecido com capacidade para cem munições. Esta arma apresenta uma cadência de tiro na ordem dos 400-500tpm, e um alcance máximo de 3,200m. (EPC, 2007, p. 4-1).

O míssil Anti-Carro MILAN⁹⁰, é de segunda geração guiado por fio. Este sistema possui um alcance máximo prático de 1950m e um alcance mínimo prático de 500m. A sua capacidade de perfuração varia conforme a versão, se for o MILAN I, perfura chapas até 650mm, se for o MILAN II, perfura blindagens compostas até 850mm. (Exército Português).

O Morteiro que equipa o Pelotão de Morteiros Pesados é o morteiro 81mm, tendo um alcance máximo de 5650m e mínimo de 475m, tem uma cadência de tiro, normal, de quinze granadas por minuto. (Macieira & Alves, 2008, p. 61).

⁹⁰ Pode ser utilizado tanto montado no seu suporte na viatura, como ser apeado e ser operado no exterior da mesma.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Efectuada a investigação sobre a integração dos ERec em missões de Reconhecimento da NRF e dos BG e apresentados os resultados, é necessário, para finalizar este trabalho, tecer algumas conclusões e recomendações.

Este capítulo de conclusões tem como objectivo reunir e apresentar os resultados mais relevantes da análise efectuada, de maneira a realizar-se a confirmação total, parcial ou não confirmação das hipóteses levantadas a fim responder às questões derivadas levantadas neste trabalho, que conduzirão à resposta da questão central: **Estão os ERec Portugueses preparados para integrar as Forças de Reconhecimento da NRF e dos *Battlegroups*?**

VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

QD 1: Os ERec conseguem cumprir os requisitos impostos pela NATO e pela UE?

Para esta questão foram levantadas duas hipóteses, quanto à primeira hipótese é **confirmada parcialmente**, para o ERec da BrigMec face a uma integração num BG (*Recce Unit* e *Recce Unit (Armoured)*) da UE, pois apenas consegue se for garantido apoio por parte da Brigada.

Face à segunda hipótese é **confirmada**, de maneira diferente por cada ERec, consoante a integração seja numa NRF ou num BG.

O ERec da BrigInt, face aos requisitos impostos para a sua integração numa NRF em uma *Heavy - Armoured Recce* e em uma *Medium – Medium Recce*, apresenta lacunas, como podem ser vistas no Quadro 3.1. As lacunas identificadas, deste ERec, face a uma integração num BG, especificamente em uma *Recce Unit* e em uma *Recce Unit (Armoured)*, podem igualmente ser visualizadas no Quadro 3.1.

Como pode ser visto, quando este ERec possuir a viatura PANDUR, ficam colmatadas três das lacunas que apresenta (uma na *Heavy* e duas na *Medium*), aquando da sua integração em uma NRF. No entanto com a entrada da viatura PANDUR, surge uma lacuna face à sua integração num BG (*Recce Unit*), devido à dificuldade de dissimular esta viatura.

Quadro 3.1: Lacunas do ERec da BrigInt face a uma integração numa NRF e num BG.

LACUNAS	NRF (<i>Heavy – Armoured Recce</i>)	NRF (<i>Medium – Medium Recce</i>)	BG (<i>Recce Unit</i>)	BG (<i>Recce Unit – Armoured</i>)
Ausência de Secção Anti-Carro / Morteiro.	X (Possui PelMortPes.)	X (Possui PelMortPes.)		
Falta de equipamento para Operações em condições adversas.	X	X	X	X
Falta de equipamento de protecção NBQ.	X	X	X	X
Falta de equipamento de protecção contra RCIED.	X (Possui quando equipado com a viatura PANDUR.)	X (Possui quando equipado com a viatura PANDUR.)		
Falta de Militares em QO, para desempenharem determinadas tarefas.	X (Consegue com desfalque dos pelotões.)			
Não consegue-se ser rapidamente transportado pela aviação táctica.		X (Possível com treino.)		
Ausência de aparelhos de visão nocturna, nas viaturas, que permitam adquirir alvos.		X (Possui quando equipado com a viatura PANDUR)		
Impossibilidade de operar com o mínimo risco de detecção.			X (Dificuldade em dissimular a viatura PANDUR.)	

O ERec da BrigMec, face aos requisitos impostos para a sua integração numa NRF, especificamente em uma *Heavy - Armoured Recce* apresenta uma lacuna, pois não possui organicamente uma Secção Anti-Carro / Morteiro, possuindo um PelMortPes.

O ERec da BrigRR face aos requisitos impostos para a sua integração numa NRF (*Light – Recce*) e num BG (*Recce Unit*) apresenta lacunas, como podem ser visualizadas no Quadro 3.2.

Quadro 3.2: Lacunas do ERec da BrigRR face a uma integração numa NRF e num BG.

LACUNAS	NRF (<i>Light – Recce</i>)	BG (<i>Recce Unit</i>)
Não possui o número de militares mínimos.	X (Possui 108, dos 120 requeridos.)	
Fraca protecção contra RCIED.	X (As viaturas PANHARD - M11, possuem pouca protecção.)	
Falta de Viaturas de Reconhecimento.		X (Possui 12 viaturas, das 13 requeridas.)

Relativamente à integração do ERec da BrigInt na NRF 11, a segunda hipótese é **confirmada**, pois existiu a necessidade de realizar alterações, com o objectivo de cumprir os requisitos, mais propriamente os elementos estruturantes, impostos aquela força especificamente.

QD 2: Será o aprontamento dos ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não que lacunas devem ser supridas?

A terceira hipótese é **confirmada** pois o treino que é executado, por cada ERec, corresponde à tipologia de missões que cada Brigada pode realizar. Aquando da integração de um ERec, numa NRF ou num BG, as missões que irá executar estarão dentro daquilo que é o seu treino. Contudo pode ser necessário dotar o ERec de treino adicional em determinadas áreas, para fazer face a capacidades necessárias para o tipo de missão que irá executar.

A terceira hipótese é igualmente **confirmada** dada a integração do ERec da BrigInt na NRF 11, pois quando um país oferece uma força, esta tem de ser aprontada de acordo com os requisitos impostos, neste caso plasmados no CJSOR. No entanto, nem sempre a força consegue cumprir todos os requisitos, mas isto não acontece apenas às forças oferecidas por Portugal, acontecendo também com a oferta de forças de outros países.

A quarta hipótese **não é confirmada**.

QD 3: Será o tempo em *Stand-by* uma condicionante para os nossos ERec?

A quinta hipótese é **confirmada** pois ao atingir esta fase o ERec adquiriu um nível de proficiência desejado, devendo este período ser aproveitado para dar continuação e melhorar a competência da força. O nível atingido pela força podia ser considerado como o desejável para todas as forças do Exército, mas infelizmente a maioria delas não chegará a um estado próximo desse nível.

A sexta hipótese é **confirmada**. O tempo em *Stand-by* pode ser uma condicionante pois no período em que a força está adstrita à NRF ou BG está impossibilitada de executar outras missões.

Também se apresenta como uma condicionante, devido ao facto, que a força passa por doze meses de treino intensivo, e até à actualidade nenhum dos ERec que estiveram em NRF foram projectados para um TO, sendo desmotivante para os militares que integram essas forças.

QD 4: Será necessária a aquisição de novos equipamentos para os ERec para suprir as lacunas. Se sim de que tipo?

A sétima hipótese é **confirmada**, pois existem ERec com lacunas em diversas áreas, mais propriamente na protecção NBQ, contra RCIED e equipamento para operações em condições adversas.

A oitava hipótese é **confirmada** devido ao facto que o material que existe cumpre a função, no entanto existem lacunas que devem ser colmatadas. O equipamento necessário só deve ser adquirido quando se souber a missão que se irá desempenhar e o TO onde se irá executar a missão, pois pode ser um desperdício de recursos.

3.2. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

A integração de forças militares de vários países da NATO e da EU respectivamente em NRF e em BG é uma realidade. Portugal tem de responder às necessidades da NATO e da UE, pois é membro destas duas organizações, não podendo negar as suas responsabilidades, em função das forças e das capacidades que estas possuem.

Deste modo a resposta à questão central deste trabalho “estão os ERec Portugueses preparados para integrar as Forças de Reconhecimento da NRF e dos *Battlegroups*?” é afirmativa.

Todos os ERec conseguem cumprir, na sua maioria, os requisitos impostos pela NATO e UE para as suas forças de resposta rápida. As limitações que foram identificadas, não podem ser vistas como limitações intransponíveis e impeditivas da sua projecção para os ERec, pois outros países também apresentam algumas limitações nas suas forças. Tanto na NRF (*Heavy, Medium e Light*) como nos BG (*Recce Unit e Recce Unit (Armoured)*), são necessários diferentes tipos de ERec, para fazer face a diferentes níveis de intensidade de operações.

Face a forças requeridas pela NATO, para integrarem uma NRF, essa missão será atribuída a uma Brigada, e no caso dos ERec, ao ERec respectivo, consoante o tipo de Brigada.

O ERec da BrigInt, se for necessária uma força *Medium*, para uma missão de média intensidade (por exemplo uma de manutenção de paz) sendo necessária protecção e algum poder de fogo, deve ser o seleccionado, não obstante e face aos requisitos impostos apresentar algumas limitações, que ficarão na sua maioria colmatadas com a entrada em serviço da viatura PANDUR. Pode igualmente integrar uma força *Heavy*, contudo apresenta mais lacunas que o ERec da BrigMec, comparados com os mesmos requisitos.

No entanto a sua integração num BG, face aos requisitos de uma *Recce Unit*, com a viatura PANDUR, falha num dos requisitos, devido à dificuldade de dissimular este tipo de viatura. Quanto aos requisitos de uma *Recce Unit (Armoured)*, as limitações que apresenta podem ser colmatadas com a aquisição de equipamentos, no entanto convém em antemão saber o tipo de missão e o TO onde irá ser empregue, pois alguns equipamentos (por exemplo o de protecção NBQ), apresentam um prazo de vida útil e um custo elevado podendo ser um desperdício de recursos financeiros.

Se for pedida uma força *Heavy* com elevado poder de fogo e protecção, para uma missão de alta intensidade (por exemplo uma de imposição de paz), essa escolha deve recair no ERec da BrigMec, pois face aos requisitos impostos consegue cumprir a totalidade destes, com a excepção de um, que facilmente consegue ser cumprido, se for necessário, sendo transformado o PelMortPes numa secção Mort como se verificou para a NRF 11. No âmbito dos BG, pode tanto ser integrado numa *Recce Unit*, cumprindo todos os requisitos desde que seja fornecido apoio da Brigada, ou numa *Recce Unit (Armoured)*.

O ERec da BrigRR, consegue cumprir os requisitos impostos pelo CJSOR para uma força *Light*, no entanto a falta de recursos humanos e a fraca protecção fornecida pelas viaturas é uma evidência, sendo um ERec indicado mais para operações de baixa intensidade (como por exemplo operações humanitárias). Este ERec pode igualmente ser integrado num BG como Recce Unit, colmatando a lacuna que tem face ao número de viaturas requeridas.

No Quadro 3.3, pode ser vista a síntese da integração dos ERec nos diferentes tipos de forças da NATO e da UE.

Quadro 3.3: Associação dos ERec com as respectivas forças da NRF e dos BG

	NRF - Heavy	NRF - Medium	NRF - Light	BG – Recce Unit	BG – Recce Unit (Armoured)
ERec BrigInt	X	X		X	X
ERec BrigMec	X			X	X
ERec BrigRR			X	X	

Não pode deixar de ser referido que cada missão é uma missão diferente, e apesar de existirem lições aprendidas das tipologias de forças (Pesadas, Médias e Ligeiras) a utilizar nos diferentes cenários, qualquer força pode ser utilizada em qualquer cenário, desde que cumpra os requisitos impostos. Exemplo disso é a utilização actual de forças ligeiras portuguesas num TO de alta/média intensidade como é o Afeganistão.

As variáveis numa missão podem ser imensas, sendo necessário um estudo rigoroso sobre a melhor força a disponibilizar para cada tipo de missão. Claro que existem determinados requisitos que identificam de imediato a força a utilizar, por exemplo se for pedido um ERec Pesado de Lagartas, a força nacional com essa capacidade é o ERec da BrigMec.

Existem vantagens significativas, para que o esforço da reorganização, reequipamento, formação e treino quer nacional quer internacional, se traduza em mais-valias organizativas elevando a capacidade operacional dos ERec de forma a atingir parâmetros e níveis dos nossos parceiros da NATO e da UE.

Como pode ser analisado cada vez mais as forças militares portuguesas, neste caso os ERec, se encontram “à medida” para fazer face aos requisitos impostos pelas organizações internacionais, podendo ser verificado que a experiência proveniente do planeamento das organizações como a NATO, que tem como objectivo a standardização das forças dos países membros está a resultar.

A participação de forças militares portuguesas em missões da NATO e da UE, constitui uma mais-valia na medida que permite acompanhar e mostrar aos nossos aliados o que podemos realizar cumprindo os requisitos impostos. Este potencial não deve ser desperdiçado.

BIBLIOGRAFIA

Livros

FOSS, Christopher.F (2007). *The Encyclopedia of Tanks & Armoured Fighting Vehicles*. Londres: Amber Books.

SARMENTO, Manuela. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Manuais, Regulamentos e Catálogos de Forças

CJSOR 3.0 (2006)

EUMC (2005), *Requirement Catalogue 05*. CONFIDENTIEL UE

EUMC (2007), *Progress Catalogue 2007*. CONFIDENTIEL UE

EME (2006), *Brigada de Intervenção – Esquadrão de Reconhecimento, Quadro Orgânico (Braga)*. RESERVADO

EME (2009a), *Brigada Mecanizada – Esquadrão de Reconhecimento, Quadro Orgânico (Santa Margarida)*. RESERVADO

EME (2009b), *Brigada de Intervenção – Esquadrão de Reconhecimento, Quadro Orgânico (Braga)*. RESERVADO

EME (2009c), *Brigada de Reacção Rápida – Esquadrão de Reconhecimento, Quadro Orgânico (Estremoz)*. RESERVADO

EME (2007), *Proposta Medium Recce Coy – NRF 11, Medium Recce Coy (Braga)*. RESERVADO

EPC (1989). *Manual de Utilização e de Manutenção da VBL PANHARD M-11, DP-122*. Escola Prática de Cavalaria.

EPC (2007). *Armamento*, DP Nº 8-00-12. Abrantes: Escola Prática de Cavalaria.

EPC (2008). *Chefe de Viatura de Auto Blindado VBR Pandur II 8x8 Transporte de Pessoal*, DP Nº 8-32-11(1). Abrantes: Escola Prática de Cavalaria, Direcção de Formação.

EXÉRCITO PORTUGUÊS, *Ficha de Instrução Individual ATI (03)-11-01, Montar e Desmontar o Sistema de Armas MILAN*

EXÉRCITO PORTUGUES, *Ficha de Instrução Individual ATI ((03)-10-01, Montar/Desmontar o SLM M220 A1 TOW no solo e na VBTOW M113 A2*

MACEIRA, Carlos; ALVES, Rodrigues (2008). *M222 Sistemas de Armas de Manobra e Tiro*. Academia Militar, Direcção de Ensino.

NATO (2001). *Manual da OTAN*. Bruxelas.

Bibliografia

NORTH ATLANTIC MILITARY COMMITTEE (2003), *Military Decision on MC 477, Military Concept for the Nato Response Force*. NATO RESTRICTED

SACEUR (2009), *Implementation of a Revised NATO Response Force (NRF)*. NATO RESTRICTED

TECHNICAL MANUAL (1995). *Machine-Gun, 7.62 mm NATO, MAG, FN Infantry Machine-Gun, 7.62 mm NATO, MAG, FN coaxial model 3 and 4*

TECHNICAL MANUAL (2001). *Battle Tank, Track, Leopard 2A6 with 120mm Main Gun*

Teses

AGOSTINHO, A.N.P (2005). *Os Grandes Vectors da Estratégia de Segurança e a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD). Curso Superior de Comando e Direcção*. Lisboa: Instituto Altos Estudos Militares.

FAVERO, F.D (2009). *The European Union Battle groups: operational and strategic implications for Nato. Degree of Master of Military Art and Science Strategy*. Kansas: Fort Leavenworth, Faculty of the U.S. Army Command and General Staff College

FREIRE, J.M.M (2005). *O Catálogo de Forças de Helsínquia, Participação Nacional. Compatibilização com o conceito de NRF/NATO. Curso de Estado Maior*. Lisboa: Instituto Altos Estudos Militares.

MARTINS, A.M.C (2007). *EUROPEAN UNION BATTLEGROUPS. Contributo de Portugal como framework nation. Capacidades a desenvolver face a outros empenhamentos da Componente operacional das forças armadas em geral e do Exército em particular. Curso de promoção a Oficial General*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.

Documentos Electrónicos

ARMY GUIDE (2008), *MK 30-2* (disponível na Web em <http://www.army-guide.com/eng/product256.html>. Acedido em 10 de Julho de 2010).

ARMY TECHNOLOGY (2010), *Leopard 2 Main Battle Tank, Germany* (disponível em <http://www.army-technology.com/projects/leopard/>. Acedido em 10 de Julho de 2010).

CMI (2010), *CT-CV Weapon System* (disponível na Web em <http://www.cmigroupe.com/files/files/defence/BATdefense-ctcv.pdf>. Acedido em 10 de Julho de 2010).

COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION (2004), *Headline Goal 2010* (disponível na Web em <http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cmsUpload/2010%20Headline%20Goal.pdf>. Acedido em 14 de Maio de 2010).

DEPARTMENT OF THE ARMY (2003), *FM 3-22.34 - TOW Weapon System* (disponível na Web em <http://www.globalsecurity.org/military/library/policy/army/fm/3-22-34/fm3-22-34.pdf>. Acedido em 12 de Julho de 2010).

JANE'S (2010), *105 mm M1060-series Mocar APFSDS-T rounds (Belgium), Tank and anti-tank guns* (disponível na Web em <http://www.janes.com/articles/Janes-Ammunition-Handbook/105-mm-M1060-series-Mocar-APFSDS-T-rounds-Belgium.html>. Acedido em 10 de Julho de 2010).

Bibliografia

NATO (2006), *NATO Response Force declared fully operational* (disponível na Web em <http://www.nato.int/docu/update/2006/11-november/e1129c.htm>. Acedido em 02 de Fevereiro de 2010).

NATO (2010), *The NATO Response Force. At the centre of NATO transformation* (disponível na Web em http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49755.htm?selectedLocale=en. Acedido em 02 de Fevereiro de 2010).

OTO MELARA (2010), *Hithfact 105 – 120mm* (disponível na Web em <http://www.otomelara.it/OtoMelara/EN/Business/Land/HitFact/index.sdo>. Acedido em 10 de Julho de 2010).

PAKISTAN MILITARY CONSORTIUM, *BGM-71 TOW* (disponível na Web em <http://www.pakdef.info/pakmilitary/army/atgm/bgm71.html>. Acedido em 11 de Junho de 2010).

RAYTHEON (2008), *TOW Improved Target Acquisition System (ITAS)* (disponível na Web em <http://www.raytheon.com/capabilities/products/itas/>. Acedido em 11 de Julho de 2010).

RHEINMETALL (2010), *120mm L55 Tank Gun* (disponível na Web em <http://www.rheinmetall-denelmunition.com/index.php?fid=1449&lang=3&pdb=1>. Acedido em 12 de Junho de 2010).

Artigos de Periódicos

EU ISS (2005), *EU Security and Defence, Core Documents 2004. Chaillot Paper*, nº75.

LINDSTROM, Gustav (2007), *Enter the EU Battlegroups. Chaillot Paper*, nº97.

KAITERA, Juha; BEN-ARI, Guy (2008), *EU Battlegroups and the NATO Response Force: A Marriage of Convenience? EURO FOCUS*, v.14, nº1.

Dispositivos (Slides)

MARQUES, Paulo (2007), *Medium Recce Coy – NRF 11*. 10 dispositivos, col. + índice

APÊNDICES

APÊNDICE A

RESPONSABILIDADES E COMANDO E CONTROLO DA NATO *RESPONSE FORCE*

A.1. North Atlantic Military Committee

O NAMC é o responsável pelo desenvolvimento de políticas, supervisão de conceitos, doutrinas e mecanismos associados a NRF. É igualmente responsável pela supervisão da condução do processo de geração de forças ao nível do Comando estratégico abordando e resolvendo questões que possam aparecer ao longo do desenvolvimento do processo. (NATO, 2003).

A.2. Comandos Estratégicos

Existem dois tipos de *Strategic Commands*: *Strategic Command for Operations* (SCO) e o *Strategic Command for Transformation* (SCT).

O SCO tem a responsabilidade de desenvolver normas, procedimentos de certificação e programas de exercícios para a NRF; propõe ao NAMC o CJSOR para a NRF; realiza conferências periódicas sobre o processo de geração de forças da NRF, reportando ao NAMC o resultado destas e de outras questões importantes a respeito deste processo; gere a rotação de forças e os *Head Quarters* (HQs) através do ciclo de prontidão da NRF e mantém ou delega qualquer função de comando sobre a NRF, quando a *Transfer of Authority* (TOA) seja realizada. (NATO, 2003).

O SCT estabelece requerimentos para capacidades futuras; desenvolve doutrina para a NRF a fim de a adaptar para as emergentes tecnologias e conceitos; utiliza a NRF de forma colectiva e acelera as iniciativas da NATO para melhorar as suas capacidades militares e a interoperabilidade das suas forças; e apoia o comando do programa de treino da NRF. (NATO, 2003).

A.3. Joint Force Command

O *Joint Force Command* (JFC) exerce a sua responsabilidade de um HQ conjunto, que, dependendo das características da operação (e.g. duração, localização da JOA) pode ou não ser projectado.

O JFC conduz o planeamento operacional dos exercícios para melhorar as competências do *staff* e para ser operacionalmente aplicado em operações potenciais; exerce o controlo da NRF ao nível operacional, uma vez delegada pelo SCO, exercendo através de um HQ fixo ou através de um *Combined Joint Task Force* (CJTF) projectável, dependendo da situação; é responsável pelo treino e preparação para a certificação da NRF quando delegado pelo SCO. (NATO, 2003).

A.4. Comandantes das Componentes

Os comandantes dos componentes nomeados são responsáveis pelo treino e pela preparação, com vista à certificação, da sua respectiva componente da NRF. Cada comandante exerce o comando da sua respectiva componente, após a TOA de acordo com o comando e controlo estabelecidos. (NATO, 2003).

APÊNDICE B

PROCESSO DE GERAÇÃO E ROTAÇÃO DA NATO RESPONSE FORCE

B.1. Processo de Geração da Nato Response Force

A geração da NRF é baseada num planeamento operacional e suportada pelo planeamento de forças. O processo de geração de forças continua a ser o principal meio para identificar a NRF e adaptá-la a operações específicas. (NATO, 2003).

Uma conferência de geração de forças para a NRF é conduzida pelo SCO, tendo como objectivo identificar, nomear, mobilizar forças e capacidades para a NRF, com base no CJSOR. (NATO, 2003).

As Nações podem oferecer qualquer tipo de forças para a NRF, desde que correspondam aos requisitos de disponibilidade e prazos fixados pelo SCO. Os resultados da conferência de geração de forças para a NRF serão submetidos ao NAMC, que vai resolver, entre as Nações, qualquer carência existente e aprovar a NRF, que se encontra em consideração. O NAMC apresenta os resultados ao NAC, onde também as deficiências que não podem ser colmatadas ao nível do NAMC são levadas para apreciação. (NATO, 2003).

Quando uma NRF é preparada para ser projectada o SCO vai adaptar as forças disponíveis para a operação específica. O planeamento da força vai abordar a médio e longo prazo a força e os seus requerimentos de capacidades, que servem de linhas gerais para futuras possibilidades são ajustados pelo CSJOR. HQs e forças específicas serão identificadas e comprometidas, para uso na NRF, através do processo de geração de forças já anteriormente descrito. (NATO, 2003).

B.2. Processo de Rotação de Forças

A NRF opera num sistema rotacional para alcançar a eficiência militar, a partilha equitativa de encargos e a divulgação de experiências e capacidades por toda a NATO. O SCO desenvolve um calendário e rotação e, em conjugação com as conferências de geração de forças para a NRF, gere o fluxo de HQs e forças. A conferência de geração de forças para a NRF ocorre doze meses antes do período do treino das componentes e do conjunto da força. O período de treino e certificação de componentes e conjunto da força é de seis meses e a fase de *stand-by* é, igualmente, de seis meses. (NATO, 2003).

O Comando Operacional da NRF é rotativo pelos dois Joint Force Command HQ (JFC Nápoles e Brunssum) e pelo Joint HQ em Lisboa.⁹¹

⁹¹ Vide http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49755.htm?selectedLocale=en, acedido em 02 de Fevereiro de 2010.

APÊNDICE C

TREINO E CERTIFICAÇÃO DA *NATO RESPONSE FORCE*

O SCO é o responsável por desenvolver um programa de certificação para o treino e prontidão de combate para as forças candidatas à NRF sendo responsável pela sua implementação e fiscalização. As forças pré designadas para a NRF entram num período de treino e prontidão para combate, com vista à certificação, conduzidas sobre autoridade do SCO, antes de serem colocadas em *stand-by*. (NATO, 2003).

O SCT vai apoiar o SCO com a projecção de exercícios, planeamento e avaliação, especialmente para o treino conjunto dos HQs ao nível operacional e das componentes. (NATO, 2003).

Os países contribuintes vão assegurar que os HQs e as forças nomeadas para a participação no ciclo de rotação da NRF vão de encontro às normas estabelecidas pelo SCs e aprovadas pelo NAMC. (NATO, 2003).

C.1. Níveis de Treino

O objectivo do treino e do processo de certificação de prontidão de combate para a NRF é produzir uma força de combate conjunta capaz de cumprir todo o espectro de operações das NATO. As forças são criadas e geradas numa base modular. Os Estados são responsáveis por fornecer unidades capazes, treinadas e projectáveis que irão formar-se e treinar-se sob o comando dos Comandantes das Componentes projectáveis nomeados. Após a entrega das Componentes ao JFC/*Joint Head Quarter* (JHQ) serão nomeados os Comandantes das Componentes, garantindo a coordenação entre a força e os elementos do Comando das Componentes. (Figura C). (NATO, 2003).

- a. **Unit Level Tactical Training:** é da responsabilidade dos Estados contribuintes, sendo o primeiro passo para a construção da NRF. As unidades são treinadas de acordo com as normas da NATO assegurando, assim, que as unidades são capazes de realizar as funções atribuídas, antes do início do *Component Level Trainig*. Este treino é sujeito à verificação do Comandante da Componente nomeado. (NATO, 2003).
- b. **Component Level Training:** é conduzido sob a responsabilidade do Comandante da Componente nomeado. Este treino começa no início do período do treino da Componente e conjunto da força (seis meses antes da fase de *stand-by*), sendo realizado com o objectivo de assegurar a proficiência e a interoperabilidade ao nível da componente, antes do inicio do *Joint Force Training*. (NATO, 2003).
- c. **Joint Force Training:** o objectivo deste treino é garantir a interoperabilidade e a eficácia de combate da NRF. Este treino inclui um treino completo de C2 (JFC e ao

nível das Componentes, antes da realização de um exercício conjunto. Este exercício da força conjunta serve de mecanismo para o SCO, auxiliado pelo SCT, certificar a NRF como pronta para combate e/ou ser projectada, ficando totalmente preparada para iniciar o período de *stand-by*. (NATO, 2003).

C.2. Certificação da Prontidão para Combate

Cada unidade exige um nível pré-determinado de treino e participação em exercícios para atingir a certificação, de acordo com as normas estabelecidas. O objectivo é assegurar um elevado nível de interoperabilidade, assegurando a sobrevivência e o sucesso da força em combate, eliminando o fratricídio. (NATO, 2003).

Durante a execução de exercícios e operações as forças estão sob o C2 operacional do SCO, que delega o controlo, apropriado, ao JFC/CJTF. A TOA tem lugar antes do início da projecção. (NATO, 2003).

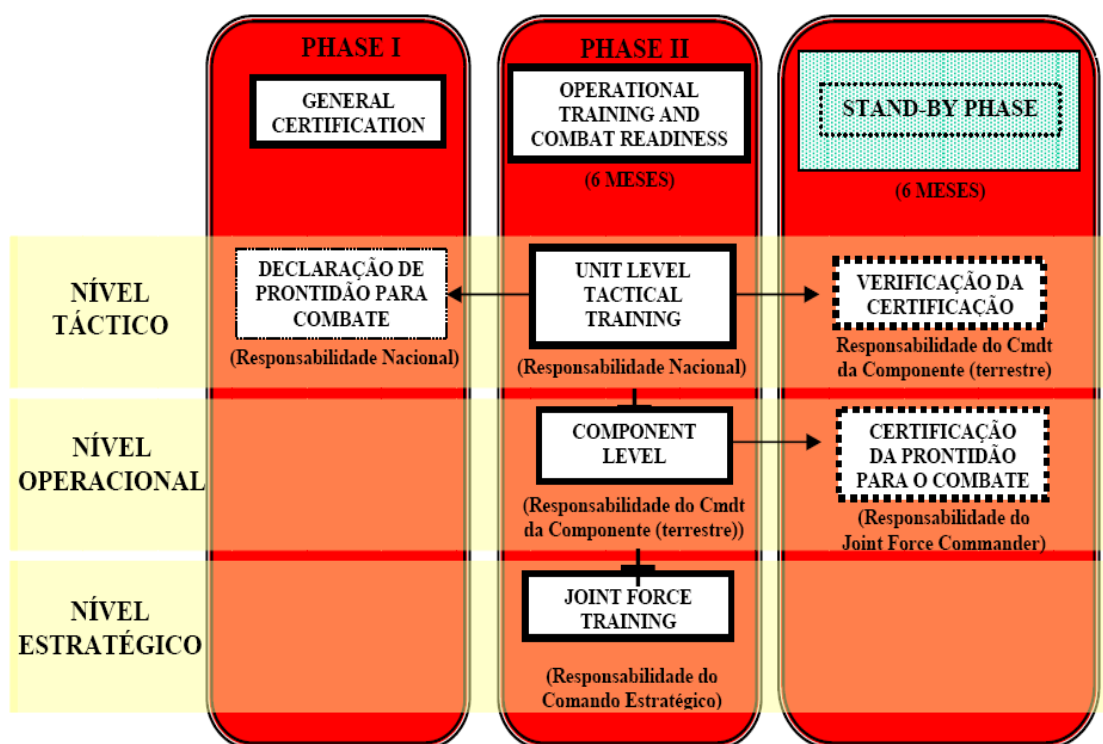


Figura C: Modelo de Certificação das Forças de uma NATO Response Force.

Fonte: Agostinho (2005, p. 108).

APÊNDICE D

PROCESSO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO E MILITAR DE UMA FORÇA DA UNIÃO EUROPEIA

Existe a necessidade de vários passos serem seguidos antes da projecção de uma força.⁹² A Figura D mostra os passos do Processo de Planeamento Estratégico e Militar.



Figura D.1: Visão Geral do Processo de Planeamento Estratégico e Militar.

Fonte: Adaptado de Lindstrom (2007, p. 20).

Primeiro, um Crisis Management Concept (CMC) é necessário, pois o CMC detalha os objectivos gerais da UE para a execução da operação. O Council General Secretariat prepara o CMC, com indicações do Secretary General/High Representative e da Presidência da UE, entre outros. O processo é coordenado com a Comissão Europeia. O Political and Security Committee (PSC) avalia o CMC baseando-se na formulação do EUMC e do Committee for Civilian Aspects of Crisis Management antes que ele seja enviado ao Conselho da UE para aprovação, uma vez aprovado, o CMC é a base para uma acção conjunta da UE. (Lindstrom, 2007).

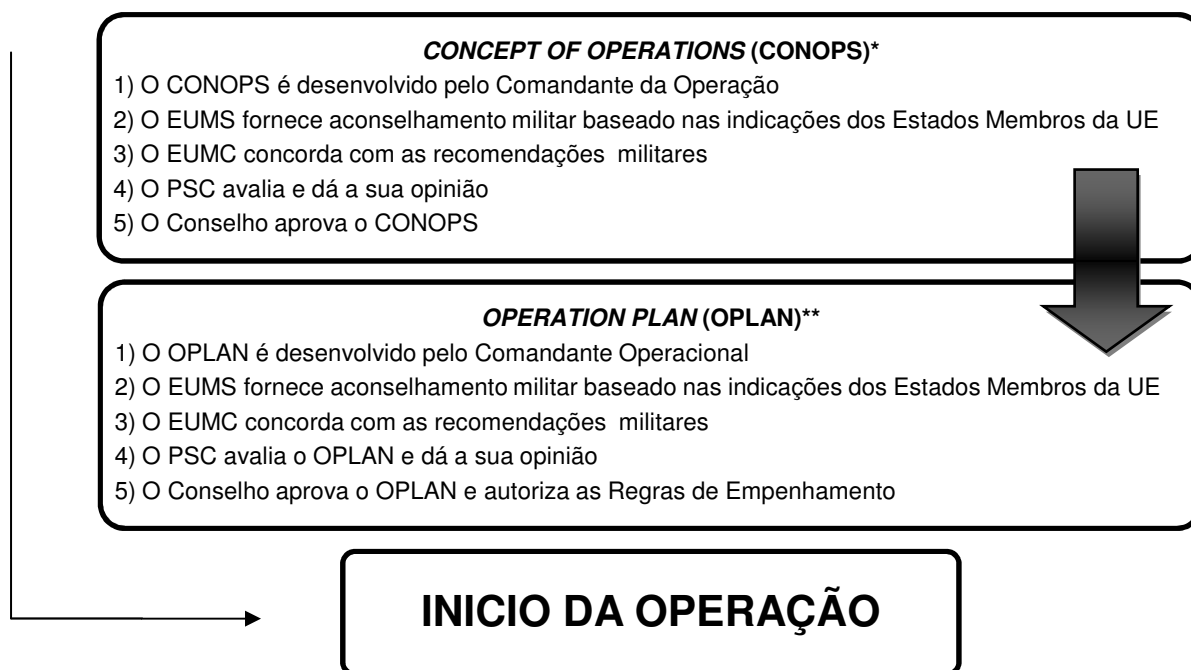
Em segundo, um conjunto de Military Strategic Options (MSOs) são desenvolvidas apresentando diferentes opções militares, incluindo o risco, os requisitos da força e a estrutura de comando e controlo associadas a cada opção. O PSC solicita ao EUMC, para este requerer ao EUMS para desenvolver as MSOs. Se uma operação envolver aspectos civis, os adequados órgãos competentes desenvolverão separadas opções estratégicas civis ou opções estratégicas policiais. O PSC avalia todas as opções estratégicas, recomendando ao Conselho Europeu qual a da sua preferência, além disto, também sugere possíveis Quartéis-gerais e Comandantes de Operações e da Força, baseado no conselho dos planificadores militares. Após o Conselho ter seleccionado um específico MSO, o PSC requer ao EUMC para desenvolver uma Initiating Military Directive (IMD) para fornecer ao Comandante Operacional orientações militares específicas. O EUMC solicita ao EUMS para elaborar as directivas, antes do EUMC autorizar as directivas para o Comandante Operacional, a IMD é aprovada pelo PSC. Nesta fase, o processo de planeamento operacional começa. Devido a específicos constrangimentos de tempo, este processo interactivo global pode ser reduzido. (Lindstrom, 2007).

⁹² "O Processo de planeamento Estratégico aqui descrito não tem em conta o processo de tomada de decisão que ocorre dentro dos Estados Membros da UE, que variam de País para País. Por exemplo, em alguns Países são introduzidas mais indicações parlamentares do que noutros." (Lindstrom, 2007, p.19).

O processo do Planeamento Operacional (Figura D.2) inicia-se com o draft do Comandante Operacional que é elaborado em colaboração com o EUMS materializando o Concept of Operations (CONOPS). Uma vez completado, o EUMC dá o seu parecer sobre o documento antes que seja avaliado pelo PSC e posteriormente levado ao Conselho Europeu para aprovação. Uma vez aprovado, o PSC requer ao EUMC, para este solicitar ao Comandante Operacional para executar o processo de geração da força. (Lindstrom, 2007).

O Comandante Operacional desenvolve um Operation Plan (OPLAN) e um pedido de Regras de Empenhamento. Consistente com os passos anteriores o EUMS fornece aconselhamento militar baseado nas indicações dos Estados Membros da UE. Cabe ao EUMC concordar com as recomendações antes de serem apresentadas ao PSC para avaliação, depois do PSC dar a sua opinião, os documentos seguem para o Conselho para aprovação. Uma vez aprovado o OPLAN e autorizadas as regras de empenhamento, a operação pode ser iniciada.⁹³ Alguns passos na fase do planeamento operacional podem ser ignorados ou simplificados, possivelmente com base em pareceres do EUMC, dependendo também da situação. (Lindstrom, 2007)

Para uma operação com um BG da UE, algumas fases podem não ser necessárias ou consolidadas, por exemplo, a partir do momento que o BG se encontra em prontidão não é necessário o processo de geração da força. (Lindstrom, 2007).



* Durante a etapa do CONOPS, uma Declaração Inicial de Requisitos é igualmente desenvolvida.

** As Regras de Empenhamento são elaboradas durante a etapa do PLANOP.

Figura D.2: Processo de planeamento operacional de emprego de um Battlegroup.

Fonte: Adaptado de Lindstrom (2007, p. 21).

⁹³ A informação apresentada é baseada numa apresentação feita pelo Estado-Maior Militar da UE para o Colégio Europeu de Segurança e Defesa em Outubro de 2005. (Lindstrom, 2007, p. 21).

APÊNDICE E

CERTIFICAÇÃO E TREINO DE UM BATTLEGROUP

O processo de certificação permite aos planificadores militares, avaliar se os militares têm conhecimentos, equipamento e o treino necessário para cumprir os objectivos da missão atribuída. Para standardizar o processo de certificação, a UE desenvolveu normas e critérios, aplicáveis a todas as forças que compõem o BG. Sempre que os Estados-Membros considerem que as normas e os critérios são demasiado amplos, existem três formas de continuar a desenvolver normas, processos de certificação e requisitos de treino para os BG da UE:

1. Confiar em normas pré-existentes, processos de certificação e orientações de treino, podendo existir a nível nacional ou ao nível multinacional. (e.g. NATO)
2. Desenvolver normas específicas, processos de certificação e programas de treino mais detalhados para os BG da UE. No entanto, actualmente, não existe consenso entre os Estados-Membros da UE, acerca das actuais necessidades.
3. Deixar que os países contribuintes, para os BG da UE, definam normas, processos de certificação e necessidades de treino mais específicos, aplicáveis aos seus respectivos BG da UE. (Lindstrom, 2007).

Neste momento, os componentes para cada uma destas opções são usados no processo de treino e certificação, embora esteja em ênfase a terceira opção. A nível geral, a UE oferece orientação sobre nove categorias de normas, critérios e recomendações para os BG da UE, estas são: “disponibilidade, flexibilidade, empregabilidade, projecção, prontidão, conectividade, sobrevivência, capacidade médico-sanitária da força e interoperabilidade”. (Lindstrom, 2007, p. 24).

Cabe aos países contribuintes do BG da UE interpretar o EUMC acerca das normas padronizadas. No caso de um BG da UE multinacional, os Estados-Membros que contribuem, são responsáveis por definir e assegurar os padrões de certificação. Em muitos casos, no entanto, pode ser entendida como uma responsabilidade primária da *framework nation*, enquanto os países contribuintes são responsáveis por certificar as suas contribuições, cabe à *framework nation* certificar o BG da UE como um todo. Além disso, o EUMC controla o processo de certificação do BG com a assistência do EUMS, ao nível da UE. (Lindstrom, 2007).

Os planificadores da UE, recomendam que os países que contribuem com forças para os BG devem confiar em normas e critérios já existentes da NATO para estimular a interoperabilidade e evitar a duplicação. (Lindstrom, 2007)

No que respeita ao treino, os Estados-Membros, são livres para o definir de acordo com as suas necessidades, desde que conduza a uma certificação bem-sucedida e cumpra os

critérios e normas dos BG. Como resultado diferentes exercícios são organizados para fornecer treino sob condições realistas, de acordo com o espectro de missões do BG da UE. (Lindstrom, 2007).

APÊNDICE F

O NOVO CONCEITO DE *NATO RESPONSE FORCE*

F.1. A ORIGEM

Na reunião dos Ministros das Defesas, dos países da NATO em 12 de Junho de 2009, foi acordado a implementação do novo conceito de NRF, de acordo com a proposta do Supreme Headquarters Allied Power Europe (SHAPE). (Supreme Allied Commander Europe [SACEUR], 2009).

A revisão do conceito da NRF é baseada em dois pressupostos fundamentais. O primeiro, assenta no pressuposto, de que as nações proporcionarão forças e recursos para trazer a nova NRF para uma base sustentável, incluindo a disponibilidade para fornecer e agregar capacidades para estimular o processo de geração da força. O segundo é assumido, que a revisão do processo de planeamento de defesa da NATO vai suportar a NRF com a determinação de objectivos e de tarefas para a força e o desenvolvimento de capacidades a longo prazo e que as metas voluntárias de cada país e a dimensão da força, seja desenvolvido pelos HQ da NATO que vão trabalhar para suportar o processo de geração da força e o mecanismo de agregação das capacidades. (SACEUR, 2009).

F.2. MISSÕES E TAREFAS

A missão revista da NRF é a seguinte: “to provide a rapid demonstration of force and the early establishment of a NATO military presence in support of na Article 5 or Crisis Response Operation”. (SHAPE, 2009, p. A-1). Para este fim, o comandante operacional da NRF deve preparar-se para executar um leque de tarefas, sem prioridade de execução. As tarefas são as seguintes: contribuir para a preservação da integridade territorial dos Estados; operações de demonstração de força; operações de apoio à paz; operações de embargo; operações de socorro de emergência em caso de desastres naturais; protecção de infra-estruturas críticas; operações de segurança; como parte de uma força maior, a NRF pode ser usada para conduzir operações, como força inicial. (SACEUR, 2009).

Estas tarefas não são consideradas exclusivas ou prescritivas. De acordo com a vontade política, maior ênfase será dado à dissuasão e à defesa colectiva, através do planeamento, treino, avaliação, certificação a exercer regularmente pelos elementos adequados da NRF dentro e fora do território da Aliança. (SACEUR, 2009).

A IRF será a vanguarda da resposta da NATO, para responder a contingências do Artigo 5, bem como a outras operações da NRF. (SACEUR, 2009).

F.3. MUDANÇAS ESTRUTURAIS

Para continuar a ser o instrumento militar, credível e flexível, da gestão de crises da NATO a NRF será composta por três elementos: C2 operacional (baseado num JFC e no seu HQ principal projectável), pela Immediate Response Force (IRF), e por Response Forces Pool (RFP). (SACEUR, 2009).

A NRF continuará a ser moldada de acordo com a tarefa que irá realizar, dependendo da situação. (SACEUR, 2009).

F.3.1. *Immediate Response Force*

A IRF é baseada na missão que irá realizar, de forma a proporcionar uma rápida demonstração de força e de estabelecimento precoce da presença militar, a IRF é uma força que pode começar a sua projecção entre sete a trinta dias, após o aviso. A sua capacidade será adaptada e revista tendo em conta as lições retiradas das operações e dos exercícios. (SACEUR, 2009).

Para todas as operações, a primeira resposta para operações do Artigo 5 e de Não - Artigo 5 (Crisis Response Operations - CRO) será por parte da IRF. Esta vai oferecer os elementos indicados, a partir dos quais, se gera uma resposta capaz, credível e coerente. Uma IRF terá a seguinte constituição:

- a. **Tactical C2:** Os meios tácticos de C2 serão essencialmente fornecidos pelas nações, designados por Graduated Readiness Forces (Land/Maritime/Air) HQs (GRF (L/M/A)).
- b. **Land:** Os meios terrestres, serão constituídos por uma unidade de escalão brigada, com três batalhões de infantaria, com apoio de combate e apoio de serviços. Os elementos que compõem esta força são gerados e mantidos pela nação que possui o HQ do Land Component Command (LCC). Esta nação será responsável pela coordenação da componente terrestre para cada rotação ligada ao GFR (L) HQ.
- c. **Air:** Os meios aéreos incluirão, elementos de combate, apoio de combate e apoio de serviços. A nação que fornece o Air Component Command (ACC) é responsável pela geração e manutenção através de afiliações de capacidades.
- d. **Maritime:** Os meios marítimos serão baseados no actual rotacional Standing Naval Maritime Groups e Standing Naval Maritime Mine Counter Measure Groups. Estes grupos são gerados através do planeamento operacional, anual, do SHAPE que elabora um cronograma com dois anos de antecedência. Os meios marítimos, que são oferecidos para a NRF, serão confirmados na Global Force Generation Conference (GFGC).
- e. **Special Operations Forces (SOF):** Estes meios terão a seguinte constituição, um Combined Joint Force Special Operations Component Command (CJFSOCC)

HQ, um Special Operations Task Group (SOTG) e um Special Operations Aviation Task Units (SOATU), com aeronaves de asa fixa e rotativa. A nação que fornece o CJFSOCC HQ vai ser a lead nation, gerando e mantendo o SOTG e o SOATU, sendo suportado pelo NATO Special Operations Forces Coordination Centre (NSCC).

- f. Chemical, Biological, Radiological and Nuclear Task Force (CBRN TF):** Fornece uma capacidade autónoma, que pode fazer parte da NRF, mas também pode ser projectada em separado. A TF será gerada separadamente por uma lead nation em conformidade com o planeamento de rotação, a longo prazo, suportado pelo SHAPE. Esta TF pode participar na IRF como um todo, ou alternativamente, atribuir elementos para operações e exercícios.
- g. Joint Logistic Support Group (JLSG):** Geração de uma força de apoio logístico com os respectivos multiplicadores de potencial, para um teatro conjunto, incluindo a recepção, preparação e subsequente movimento. Esta força será organizada pela aplicação do princípio, em que as nações para além de fornecerem elementos de combate e apoio de combate, devem fornecer uma parte da componente logística. (SACEUR, 2009).

F.3.2. Response Forces Pool

A RFP vai ser constituída por um amplo espectro de capacidades, englobando C2, unidades de combate, apoio de combate e apoio de serviços. A RFP, terá diferentes níveis de prontidão, de acordo com as nações que fornecem as forças, que pode variar entre dez dias, ou menos; dez e trinta dias; trinta e sessenta dias. (SACEUR, 2009).

As forças dentro da RFP irão ter um status definido: NRF Designated, serão forças, capacidades e HQs nomeados em Notice to Move (NTM), que tenham concluído o processo de certificação e estão disponíveis para todo o leque de possíveis operações ou para uma operação em específico; NRF Earmarked, serão forças, capacidades e HQs nomeados em NTM, que tenham sido treinadas segundo os padrões do ACO podendo vir a ser disponibilizadas para operações. (SACEUR, 2009)

Os Estados-membros vão nomear forças para a RFP, tendo em conta que as forças serão nomeadas por um período e sob condições, de acordo com as possibilidades dos Estados-membros. A RFP pode conter:

- a. Land Forces:** Pode conter os diferentes tipos de forças terrestres, pesadas, médias e ligeiras, dependendo do tipo de força que os Estados-membros decidirem contribuir. As forças designadas terão necessidade de operarem de forma conjunta e combinada, sendo suportadas pelos multiplicadores das forças terrestre, como é o caso da aviação ligeira do Exército. A partir das contribuições podem ser formados grupos de forças de diferentes países, que realizarão treino e operações conjuntos.

- b. Air Forces:** Contém meios de combate aéreo e respectivo apoio, bem como meios para estabelecer e activar bases aéreas em locais para onde as forças serão projectadas, capacidade de defesa anti-aérea a partir de terra e apoio logístico. Os Estados-membros podem juntar-se para acordar as suas contribuições, como é o caso da utilização do mesmo tipo de aeronaves.
- c. Maritime Forces:** A escolha dos meios navais cabe aos Estados-membros abrangendo meios estratégicos, que vão desde os porta-aviões aos submarinos nucleares a embarcações menores, incluindo apoio logístico naval e terrestre.
- d. Special Operations Forces (SOF):** A visibilidade dos meios fornece ao NSCC a oportunidade para coordenar os elementos SOF, potenciando o seu efeito.
- e. Theatre Level Combat Support:** Consiste em multiplicadores de potencial que não são fornecidos com os elementos da IRF, sendo de alto valor e por vezes escassos, como unidades de OpPsico, CIMIC e outras áreas especializadas.
- f. Theatre Level Combat Service Support:** A RFP oferece a oportunidade aos Estados-membros para contribuírem com unidades de apoio de serviços, que são escassos, nomeadamente para operações em que a NRF actua sozinha. A atribuição destes meios proporcionará uma maior visibilidade permitindo maior multinacionalidade de soluções logísticas.
- g. Strategic Lift:** Meios de projecção marítima e aérea são necessários para projectar as forças da IRF e da RFP.

Os elementos atrás descritos permitirão ao SHAPE fornecer estruturas para a RFP e determinar se esta se encontra sub-capacitada, com muitas forças em baixo estado de prontidão ou em baixo estatuto, fornecendo feedback aos Estados-membros. Isto permite que os Estados-membros reavaliem as suas ofertas e alterem-nas de maneira a garantir a capacitação da RFP. Além disto uma RFP adequada permite a identificação e substituição de elementos no caso de uma IRF ser usada numa crise. (SACEUR, 2009).

F.4. CAPACIDADE LOGÍSTICA

Foi reconhecido que a exigência logística actual da NRF para todas as forças serem projectadas com trinta dias de mantimentos é desnecessária e irrealista. Os requisitos logísticos para apoio inicial serão determinados caso a caso, através do planeamento entre os Estados-membros contribuintes com forças. (SACEUR, 2009).

Como requisito mínimo, os Estados-membros devem planear a projecção de mantimentos para três dias, para uso imediato. A fim de manter os mantimentos num mínimo aceitável, será necessário encontrar soluções de suporte comercial e multinacional, desde o início da projecção da força, para isto é necessário existirem mecanismos aprovados em tempo útil para reduzir os tempos de reacção das nações e da respectiva indústria. (SACEUR, 2009).

F.5. TREINO DA NATO RESPONSE FORCE

A NRF vai continuar a passar por um período de treino e certificação de prontidão para combate antes de ser colocada em stand-by. O ciclo de treino da NRF vai durar entre vinte e quatro a trinta meses, começando com uma fase de preparação nacional de seis a doze meses, seguida de uma fase de preparação conjunta e multinacional de seis meses, antes do período de stand-by que durará doze meses, durante o qual os níveis de prontidão terão de ser mantidos. (SACEUR, 2009).

O treino ao nível da unidade continua a ser uma responsabilidade dos estados-membros, a que as unidades pertencem ou da framework nation. Este período de treino inicia-se seis a doze meses antes da fase de preparação conjunta e multinacional. (SACEUR, 2009).

No Quadro F são apresentadas as alterações na NRF segundo o modelo de análise do Plano de Operações.

Quadro F: Alterações na NATO Response Force segundo o modelo do Plano de Operações.

MODELO DE ANÁLISE	NRF	Alterações na NRF
Composição e articulação das forças	Força conjunta e combinada de cerca de 25 000 militares	A força continua a ser conjunta, no entanto agora está subdividida de acordo com os Níveis de Prontidão (IRF e RFP). O objectivo é ter um núcleo inicial (IRF) sem lacunas (13000 homens).
Situação	Pressupostos: Unanimidade política (decisão por consenso no NAC)	Pressupostos: Unanimidade política (decisão por consenso no NAC) O conceito da NATO possui uma força pronta para actuar manteve-se, apenas sofreu “pequenos” ajustes, nomeadamente na Missão, na “divisão em níveis”, de acordo com os níveis de prontidão e o período de <i>Standby</i> , a partir de 2011. Ainda está em discussão fontes de financiamento para as Unidades a projectar.
Missão	As missões da NRF reflectem primariamente, os requisitos para uma resposta rápida na fase inicial de uma situação de crise. Existem assim 3 situações: 1º , como força de projecção inicial auto-sustentável numa resposta a crise, tal como: - NEO; - Apoio à gestão subsequente (inclui CBRN ou crises humanitárias); - CRO, incluindo <i>peacekeeping</i> ; - Operações de Apoio ao Contra-Terrorismo; - Operações de Embargo. 2º , como força inicial, possibilitar a entrada de outras forças de seguimento numa determinada JOA desde início, num ambiente hostil, com ou sem apoio do país hospedeiro (exemplo imposição de paz); 3º , como força de projecção para demonstração de força no apoio à solução de situações de impasse diplomático das nações membros (resposta rápida em operações de apoio diplomático de acordo com a situação).	“Estabelecer uma rápida demonstração de força e o adiantado estabelecimento da presença militar da NATO em suporte do Artigo 5 ou Operações de Resposta a crise.” Para este fim, existe diversas tarefas, que o comandante operacional da NRF, deve estar preparado, sem ordem de prioridade: a. Contribuir para a preservação da integridade do território b. Demonstração de força c. Operações de apoio à paz d. Operações de Embargo e. Assistência a desastres f. Protecção de infra-estruturas críticas g. Operações de segurança h. Como parte de uma força maior, a NRF pode também ser usada para conduzir operações como força inicial.

Apêndices

<p align="center">Conceito de Operação</p>	<p>Projectados em 5 a 30 dias e manterem-se no terreno até 6 meses (extensível por aumento da força ou por rotação)</p>	<p>IRF: 7 a 30 dias RFP: entre menos de 10 dias e os 60 dias Esta força pode ser mantida no terreno, até 12 meses.</p>
<p align="center">Apoio Logístico</p>	<p>Capacidade logística autónoma por 30 dias; não conta com apoio de <i>host nation</i></p>	<p>Capacidade logística determinada conforme a situação, tendo como mínimo 72 horas de mantimentos para uso imediato. Sendo assim necessário arranjar soluções comerciais no exterior. Assim, os países terão que equacionar as situações: Existe possibilidade de <i>Host Nation Support</i>? Acordos com outras Nações? Contratos com empresas presentes no TO? Tudo isto são situações possíveis, que só podem ser equacionadas quando conhecido o TO e a situação nele existente.</p>
<p align="center">Comando e Transmissões</p>	<p>Os Comandantes de cada nível são conhecidos e fazem parte da estrutura C2 da NATO Estratégico: SACEUR Operacional: JFC Tático: Cmdt das componentes</p>	<p>Estratégico: SACEUR Operacional: JFC Tático: Cmdt das Componentes</p>

Fonte: Estado-Maior do Exército, 2010.

APÊNDICE G

ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Nome: Fernando Cunha

Posto: Capitão

Data: 05 de Julho de 2010

Local: Regimento de Cavalaria nº6, Braga

A INTEGRAÇÃO DO ERec EM NRF E EM *BATTLEGROUPS*

1) Será o aprontamento dos ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não, que lacunas devem ser supridas?

Da minha experiência pessoal, penso que o treino do ERec está adequado para a integração neste tipo de forças, pelo facto de ao longo do ano se efectuar treino nos diversos espectros de operações.

Existe sempre um período de treino de operações convencionais (Reconhecimento puro), e também um período de treino mais voltado para as operações de resposta a crise (FND). Obviamente que sempre que uma NRF ou *Battlegroup* é formado, existe um ciclo de treino que é iniciado normalmente sempre com um nivelamento, seguido de treino convencional e por último das operações de resposta a crise.

2) O tempo em *stand-by* não será uma condicionante para o ERec? Se sim porquê?

Do meu ponto de vista não, pois o período de *stand-by*, é aproveitado para dar continuidade à instrução ministrada durante as fases de treino nacional e internacional. Só poderemos considerar uma condicionante pelo facto de ser uma força que naquele período está impedida de efectuar outro tipo de missões que não a da NRF ou *Battlegroup* em que estiver integrada.

3) Será necessária a aquisição de novos equipamentos (protecção NBQ; RCIED; viaturas; radares; etc.) para o ERec? Se sim de que tipo?

Penso que não se forem concretizados os fornecimentos das viaturas PANDUR com os equipamentos previstos que trazem este tipo de protecção. Poderemos ter problemas ao nível do equipamento de protecção individual NBQ. Esse sim não existe de momento.

APÊNDICE H

ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA

Nome: Jorge Rainha

Posto: Major

Data: 13 de Julho de 2010

Local: Quartel da Cavalaria, Campo Militar de Santa Margarida

A INTEGRAÇÃO DO EREC EM NRF E EM *BATTLEGROUPS*

1) Será o aprontamento dos ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não, que lacunas devem ser supridas?

O ERec efectua o seu ciclo de treino de acordo com a directiva da BrigMec, e de acordo com a tipologia de missões que lhe estão atribuídas. A integração do ERec num *Battlegroup* num poderá ser fora daquilo que esta preconizado como missão do Esquadrão, ou seja, a integração do ERec deve ser em função do que se pretende para esse *Battlegroup* e das capacidades das forças que integram esse mesmo *Battlegroup*. Claro que é possível realizar ajustamentos para conferir ao ERec mais capacidade em determinadas áreas, mas de um modo genérico, julgo que não se pode dizer existam lacunas conceptuais.

2) O tempo em *stand-by* não será uma condicionante para o ERec? Se sim porquê?

Da minha experiência adquirida na participação no NRF5, julgo que o tempo em *stand-by* não será uma condicionante, o tempo passado em *stand-by* pode e deve ser aproveitado para manter ou melhorar a proficiência da unidade ou para desenvolver outras capacidades que eventualmente se julguem necessárias.

3) Será necessária a aquisição de novos equipamentos (protecção NBQ; RCIED; viaturas; radares; etc.) para o ERec? Se sim de que tipo?

Os equipamentos existentes cumprem a sua função, claro que em determinadas áreas poder-se-á melhorar o existente. Julgo que a aquisição de novos equipamentos deve ser vista a luz da missão a desempenhar sob pena de se desperdiçar recursos (por exemplo, os equipamentos de protecção NBQ têm prazos de validade, pelo que a sua compra para se ter em stock no esquadrão não faz muito sentido em função dos custos que acarreta).

Os equipamentos que acarretem elevados investimentos e prazos de vida útil limitada, devem no entanto ser disponibilizados como pack's para instrução dos militares do esquadrão.

APÊNDICE I

ENTREVISTA AO COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA

Nome: Fernando Lopes

Posto: Capitão

Data: 29 de Abril de 2010

Local: Regimento de Cavalaria nº3, Estremoz

A INTEGRAÇÃO DO EREC EM NRF E EM *BATTLEGROUPS*

1) Será o aprontamento dos ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não, que lacunas devem ser supridas?

De uma forma geral considero que o treino que este ERec possui, se adequa facilmente aos objectivos destas forças, no entanto, todo o treino adicional que se proporcionar ao nível dos combates modernos, é sempre bem-vindo: controlo de tumultos, combate urbano, guerra electrónica, IED, etc.

2) O tempo em *stand-by* não será uma condicionante para o ERec? Se sim porquê?

É com certeza uma condicionante, uma vez que para além do tempo que este tipo de forças passa em treino intensivo (12 meses), até agora ainda nenhuma das forças portuguesas do Exército que estiveram em NRF, marchou para um Teatro de Operações, o que é deveras desmotivador para o pessoal que integra estas forças.

O que tem acontecido é que, à primeira oportunidade as Brigadas têm constituído as FND com as suas forças que estiveram em NRF, como forma de as recompensar pelo seu esforço.

3) Será necessária a aquisição de novos equipamentos (protecção NBQ; RCIED; viaturas; radares; etc.) para o ERec? Se sim de que tipo?

Não considero que seja necessário substituir os equipamentos, de uma forma geral, à disposição das forças que integram as NRF e *Battlegroups*, mas qualquer circunstância é boa para justificar a aquisição de novo armamento e equipamento.

APÊNDICE J

ENTREVISTA AO OFICIAL DE OPERAÇÕES DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO⁹⁴

Nome: Paulo Marques

Posto: Tenente-Coronel

Data: 11 de Abril de 2010

Local: Regimento de Cavalaria nº6, Braga

A INTEGRAÇÃO DO EREC DA BRIGINT NA NRF 11

1) O tempo em standby foi uma condicionante para o ERec? Se sim porquê?

O ERec não chegou a completar o seu processo completo de aprontamento, não tendo chegado à fase de *stand-by* (ficou só pelo aprontamento nacional). No entanto, parece-me que esta fase não deverá ser vista como uma condicionante para as forças pois, normalmente e no caso nacional é uma constante, as forças passam por um processo de constituição/formação/aprontamento, que de certa forma é algo moroso, e quando se chega a esta fase as forças terão atingido um patamar de preparação que se poderia considerar o desejável para a totalidade de todas as forças do Exército e, infelizmente, a maior parte delas dificilmente chegará a um ponto próximo desse estado.

Não nos podemos esquecer que as reduzidas disponibilidades orçamentais/materiais e de pessoal, são limitações estruturantes para o Exército, de um modo em geral e, normalmente, só quando do aprontamento de forças para constituir como FND ou algo semelhante como a NRF ou *Battlegroup*, se conseguem contornar essas limitações.

2) Quais as modificações orgânicas, que foram introduzidas no ERec, para integrar este tipo de força?

Penso que já falamos disto em pormenor, aliás deves ter esses elementos e agora não tenho os elementos todos na minha posse. Mas deves estar recordado que os efectivos eram cerca de 140 militares, mantinham-se os 3 pelotões embora mais pequenos. Aos morteiros já não me recordo, mas penso que eram só uma secção a 2 bocas fogo. Mas recordo-me de te ter enviado um ppt com a orgânica do ERec (Anexo HH).

⁹⁴ O Tenente-Coronel Paulo Marques era Oficial de Operações da Brigada de Intervenção aquando da integração do ERec da BrigInt na NRF 11. Actualmente ocupa o cargo de Comandante do Grupo de Auto Metralhadoras, no Regimento de Cavalaria Nº6 em Braga.

3) Será necessária a aquisição de novos equipamentos (protecção NBQ; RCIED; viaturas; radares; etc.) para o ERec? Se sim de que tipo?

È claro que sim uma vez que as unidades, pelas restrições apresentadas, não dispõem de todos os materiais orgânicos. E alguns desses só depois de se saber qual o TO onde serão empregues poderão ser comprados. Imagina ir para um país africano com altas temperaturas com uma DIF como se via para o KOSOVO terá de haver algum cuidado na preparação.

A própria tipologia de alguns equipamentos depende do tipo de TO, por exemplo para o Afeganistão os RCIED têm um peso muito maior que num TO do tipo africano, por ex.

4) Será o aprontamento do ERec adequado para a integração neste tipo de forças? Se não, que lacunas devem ser supridas?

Os requisitos/capacidades que as forças devem ter são conhecidos através dos CJSOR (penso que tens esse doc), onde está a indicação genérica, dos efectivos mínimos, tipo de material (ligeiro/médio/pesado, em termos de tipologia de viaturas, etc). Em função disso os países oferecem/disponibilizam as suas unidades/forças comprometendo-se a cumprir e atingir esses requisitos.

Nem sempre todas as forças cumprem, na íntegra, a totalidade dos requisitos mas isso não se passa só em Portugal. Depois, por outro lado, se considerarmos o caso do ERec que, organicamente tem cerca de 200 militares, não sei agora os efectivos correctos, passar a ter só 140 é claro que algumas lacunas vai haver, as missões a desempenhar e as capacidades respectivas não podem ser as mesmas que com 200 militares.

5) O ERec não foi projectado? Porque razões?

Porque foi interrompida a preparação e retirada a oferta nacional do ERec para integrar a NRF 11.

Mas atenção mesmo que continuasse a preparação e entrasse em stand-by nada garantia que ia ser projectado. Todas as forças estão disponíveis mas podem nunca ser projectadas.

ANEXOS

ANEXO K

ESTRUTURA DE UMA NATO RESPONSE FORCE

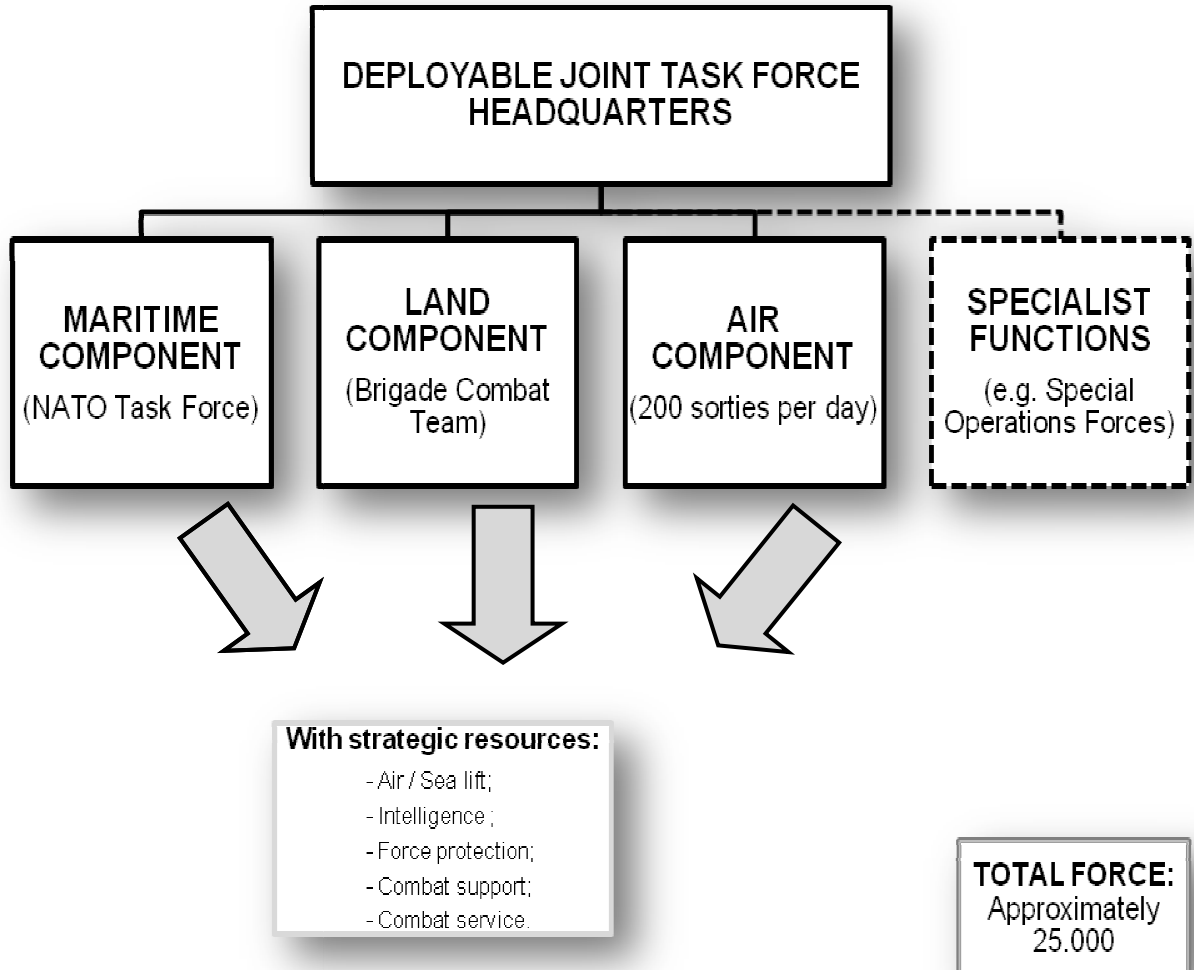


Figura K: Estrutura de uma *NATO Response Force*.

Fonte: Adaptado de Favero *apud* NATO (2009, p. 98)

ANEXO L

Headline Goal 2010

Approved by General Affairs and External Relations Council on 17 May 2004

Endorsed by the European Council of 17 and 18 June 2004

A. The 2010 Headline Goal

1. The European Union is a global actor, ready to share in the responsibility for global security. With the adoption by the European Council in December 2003 of the European Security Strategy, it affirmed the role it wants to play in the world, supporting an international order based on effective multilateralism within the UN. In this context of new dangers but also new opportunities, Member States' strong commitment to give the enlarged European Union the tools to make a major contribution to security and stability in a ring of well governed countries around Europe and in the world is stronger than ever. The EU has the civilian and military framework needed to face the multifaceted nature of these new threats. The availability of effective instruments including military assets will often play a crucial role at the beginning of a crisis, during its development and/or in the post conflict phase.

2. Member States have therefore decided to set themselves a new Headline Goal, reflecting the European Security Strategy, the evolution of the strategic environment and of technology. Lessons learned from EU-led operations will also be taken into account. Building on the Helsinki Headline and capability goals and recognising that existing shortfalls still need to be addressed, Member States have decided to commit themselves to be able by 2010 to respond with rapid and decisive action applying a fully coherent approach to the whole spectrum of crisis management operations covered by the Treaty on the European Union. This includes humanitarian and rescue tasks, peace-keeping tasks, tasks of combat forces in crisis management, including peacemaking. As indicated by the European Security Strategy this might also include joint disarmament operations, the support for third countries in combating terrorism and security sector reform. The EU must be able to act before a crisis occurs and preventive engagement can avoid that a situation deteriorates. The EU must retain the ability to conduct concurrent operations thus sustaining several operations simultaneously at different levels of engagement.

3. Interoperability but also deployability and sustainability⁹⁵ will be at the core of Member States efforts and will be the driving factors of this goal 2010. The Union will thus need forces, which are more flexible, mobile and interoperable, making better use of available resources by pooling and sharing assets, where appropriate, and increasing the responsiveness of multinational forces.

4. The ability for the EU to deploy force packages at high readiness as a response to a crisis either as a stand-alone force or as part of a larger operation enabling follow-on phases, is a key element of the 2010 Headline Goal. These minimum force packages must be military effective, credible and coherent and should be broadly based on the Battlegroups concept. This constitutes a specific form of rapid response, and includes a combined arms battalion sized force package with Combat Support and Combat Service Support. Rapid reaction calls for rapid decision making and planning as well as rapid deployment of forces. On decision making, the ambition of the EU is to be able to take the decision to launch an operation within 5 days of the approval of the Crisis Management Concept by the Council. On the deployment of forces, the ambition is that the forces start implementing their mission on the ground, no later than 10 days after the EU decision to launch the operation. Relevant air and naval capabilities would be included. The need for reserve forces should be taken into account. These high readiness joint packages (battlegroups) may require tailoring for a specific operation by the Operation Commander. They will have to be backed up by responsive crisis management procedures as well as adequate command and control structures available to the Union. Procedures to assess and certify these high readiness joint packages will require to be developed. The development of EU Rapid Response elements including Battlegroups, will strengthen the EU's ability to respond to possible UN requests.

5. Member States have identified the following indicative list of specific milestones within the 2010 horizon:

a) as early as possible in 2004, in conformity with the December 2003 European Council Conclusions and in line with the Presidency note annexed, the establishment of a civil-military cell within the EUMS, with the capacity rapidly to set-up an operation centre for a particular operation;

b) the establishment of the Agency in the field of defence capability development, research, acquisition and armaments (European Defence Agency) in the course of 2004.

⁹⁵ Interoperability can be broadly defined as the ability of our armed forces to work together and to interact with other civilian tools. It is an instrument to enhance the effective use of military capabilities as a key enabler in achieving EU's ambitions in Crisis Management Operations. Similarly, deployability involves the ability to move personnel and materiel to the theatre of operations, while sustainability involves mutual logistic support between the deployed forces.

This will also support, as appropriate, the fulfilment of the commonly identified shortfalls in the field of military equipment;

c) the implementation by 2005 of EU Strategic lift joint coordination, with a view to achieving by 2010 necessary capacity and full efficiency in strategic lift (air, land and sea) in support of anticipated operations;

d) specifically for Airlift the transformation of the EACC into the EAC by 2004 is welcomed, as is the intention on the part of some Member States who so wish to develop a European Airlift command fully efficient by 2010;

e) the complete development by 2007 of rapidly deployable battlegroups including the identification of appropriate strategic lift, sustainability and debarkation assets;

f) the availability of an aircraft carrier with its associated air wing and escort by 2008;

g) to improve the performance of all levels of EU operations by developing appropriate compatibility and network linkage of all communications equipment and assets both terrestrial and space based by 2010;

h) to develop quantitative benchmarks and criteria that national forces declared to the Headline Goal have to meet in the field of deployability and in the field of multinational training;

B. Process

6. This Headline Goal 2010 will generate the necessary analysis, adaptation and development of scenarios in view of the development of new Headline Goal Catalogues as required by the EU Capability Development Mechanism⁹⁶ (including a clear categorisation of capabilities to tasks), incorporation of rapid response capability⁹⁷ and further improvement of C2 capabilities on operations.

7. To achieve these objectives the EU will apply a systemic approach in the development of the necessary military capabilities, aiming at creating synergies between Member States' forces in order to enhance the ability of the EU to respond more rapidly and effectively to crises.

8. This approach requires Member States' to voluntarily transform their forces by progressively developing a high degree of interoperability, both at technical, procedural and conceptual levels. Without prejudice to the prerogatives of Member States over defence matters, a co-ordinated and coherent development of equipment compatibility, procedures,

⁹⁶ Doc. 6805/03 + COR 1

⁹⁷ Of which some are civil crisis management instruments, and notably police components, that can be deployed together with military components and temporarily under military responsibility (ESDP Presidency Report to the Nice European Council), foreseeing also an integrated planning process. Such instruments will enhance the overall capability to respond to crisis management.

concepts, command arrangements and defence planning is a primary objective. In this regard, commonality of security culture should also be promoted. Deployability, sustainability and other crucial requirements such as force availability, information superiority, engagement effectiveness and survivability will play an immediate pivotal role.

9. Interoperability must be considered in a broad framework including military, civilian and civil-military aspects. The EU will further strengthen the coordinated use of its civil and military capabilities acknowledging that modern Crisis Management Operations typically require a mixture of instruments. Work will be undertaken to consider interoperability issues including between the military and civilian assets in civil protection operations⁹⁸. Moreover the EU will promote the principle of interoperability in the field of military capabilities with its partners, notably NATO and the UN, and its regional partners, in line with the European Security Strategy. The strength and effectiveness of the OSCE and the Council of Europe has also a particular significance for the EU.

10. Strengthening the United Nations is a European priority. Real world experience, with the successful termination of operation ARTEMIS in the Democratic Republic of Congo, has shown the potential for the EU to conduct operations in support of UN objectives. Work with the UN DPKO at an institutional level could also be beneficial in this respect and as a valuable means to strengthen EU-UN relationship. The development of EU Rapid Response elements including Battlegroups, will strengthen the EU's ability to respond to possible UN requests.

11. As underlined by the European Security Strategy and demonstrated by operation CONCORDIA in FYROM, the EU-NATO permanent arrangements, in particular Berlin Plus, enhance the operational capability of the EU and provide the framework for the strategic partnership between the EU and NATO in crisis management. The establishment of a small EU cell at SHAPE and of NATO liaison arrangements at the EUMS as early as possible in 2004 will improve the preparation of EU operations having recourse to NATO assets and capabilities under the Berlin plus arrangements. This will also enhance transparency between the EU and NATO embodying this partnership. Furthermore, promoting the further use of agreed standards⁹⁹ will reduce unnecessary duplication and produce more effective forces for both the EU and NATO. In this framework the EU-NATO capability Group will continue to play a central role in accordance with its mandate as defined in the Capability Development Mechanism. Complementarity and mutual reinforcement of EU and NATO initiatives in the field of rapid response should be ensured.

⁹⁸ Doc. 15564/03, para. 4.

⁹⁹ In line with para. 53 of the Capability Development Mechanism on consistent standards with NATO.

C. Way Ahead

12. The relevant bodies of the Council and the European Defence Agency when established will develop the necessary set of benchmarks and milestones in order to evaluate progress towards the achievement of these objectives notably in the field of interoperability, deployability and the other crucial requirements identified above. Work will proceed in the field of equipment, forces and command and control based on a systemic and coherent approach.

13. In the field of equipment, the 2010 perspective should allow Member States to harmonise their respective future requirements and calendars in order to achieve a convergent fulfilment of capability needs.

14. In the field of forces:

- all the forces contributed to the EU will be categorised on the basis of their combat effectiveness and operational readiness in relation to the range of possible tasks;
- concerning Rapid Response, suitable force package requirements, taking also into account the agreed EU Battlegroups concept, should be identified at the beginning of the second semester of 2004 in view of allowing Member States to start contributing to the constitution of high readiness joint packages. In full respect with the voluntary nature of the process, the contributions should indicate when and for what period the force package would be available to the EU;
- from 2005 onwards the EU will launch an evaluation process in order to scrutinise, evaluate and assess Member States' capability commitments, including Rapid Response;
- qualitative requirements, such as interoperability, deployability and sustainability, as well as quantitative ones for the forces will need to be identified in greater detail;
- forces available will be tested through HQ exercises as well as opportunities offered by national and multinational field exercises. In particular, Rapid Response elements will need to undertake regular realistic training, including multinational exercises;
- the collection of existing operational doctrines will be complemented with common concepts and procedures on the basis of work conducted in the framework of the European Capability Action plan and in coherence with NATO.

15. In the field of Command and Control, the ability to plan and conduct operations will be reinforced in the light of the December 2003 European Council Conclusions and by developments in the the European Capability Action Plan. Specifically:

- the work of the ISTAR Information Exchange framework Project Group will contribute to the development of an EU information-sharing policy and associated framework for implementation by 2010, with an interim architecture by 2006;

- the work of the Space Based Assets Project Group will contribute to the development of an EU space policy by 2006.

16. Under the auspices of the Council and in the framework of its responsibilities for the political direction of the development of military capabilities the PSC, based on the opinion of the EUMC and in liaison, as appropriate, with the European Defence Agency, will direct the necessary steps leading to the more precise definition of the Headline Goal 2010 based on the elements set out in this paper and of the milestones identified in para 5. Taking into account the comprehensive Spring 2004 military capability assessment (Single Progress Report, Capability Improvement Chart) further progress will also be required on the recognised shortfalls and deficits from the 2003 Headline Goal. Implementing this Headline Goal 2010 will include the following steps:

- in 2004 : by the beginning of the second semester, preparatory development work on high readiness joint packages requirements in the framework of EU Rapid Response should be finalised.

Under broad guidance of the PSC, the necessary planning assumptions and scenarios preliminary to the definition of the military requirements necessary to fulfil the 2010 horizon should be elaborated by the EUMC in an iterative process with the PSC. In this framework focussed military scenarios could be presented for political approval.

Work should also start on the capability evaluation process, notably on the definition of the necessary benchmarks and criteria.

By the end of the year, framework nation or multinational high readiness joint packages should be contributed to the EU as an intermediate phase on rapid response development.

A Conference on military capabilities will be organised in the second semester of 2004;

- by the beginning of 2005 : establishment of a list of detailed capability target criteria;
- by mid 2005 : finalisation of the Requirements Catalogue 2005, including Rapid Response, in accordance with the EU Capability Development Mechanism. The capability evaluation process could be already launched;

- by the end of 2005 : a bidding process¹⁰⁰ could be launched in view of the production of the Force Catalogue and Progress Catalogue. The database of military assets and capabilities relevant to the protection of civilian population against the effects of terrorist attacks, including CBRN, would be maintained in connection with the Force Catalogue, produced in accordance with the EU Capability Development Mechanism;

¹⁰⁰ See in particular the relevant paragraphs of and the annex to the Capability Development Mechanism concerning ESDP information requirements and the interaction with NATO.

- by 2007, complete development of rapidly deployable battlegroups including the identification of appropriate strategic lift, sustainability and debarkation assets;
- between 2006 and 2010 the normal iterations described in the Capability Development Mechanism will continue to take place with the involvement of the European Defence Agency¹⁰¹, as appropriate. Building on the Headline Goal 2010, a longer term vision beyond 2010 will be formulated with the objective of identifying trends in future capability developments and requirements and increasing convergence and coherence.

Fonte: Council of the European Union (2004), *Headline Goal 2010* (disponível na Web em <http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cmsUpload/2010%20Headline%20Goal.pdf>. Acedido em 14 de Maio de 2010).

¹⁰¹ Agency in the field of defence capability development, research, acquisition and armaments.

ANEXO M

**OS TREZE *BATTLEGROUPS* EUROPEUS INICIAIS,
APROVADOS AQUANDO DA CONFERÊNCIA DE
NOVEMBRO DE 2004**

EUBG commitments by country
France
Italy
Spain
United Kingdom
France, Germany, Belgium, Luxembourg and potentially Spain
France and Belgium
Germany, the Netherlands and Finland
Germany, Austria and the Czech Republic
Italy, Hungary and Slovenia
Italy, Spain, Greece and Portugal
Poland, Germany, Slovakia, Latvia, and Lithuania
Sweden, Finland and including Norway as a third state
United Kingdom and the Netherlands

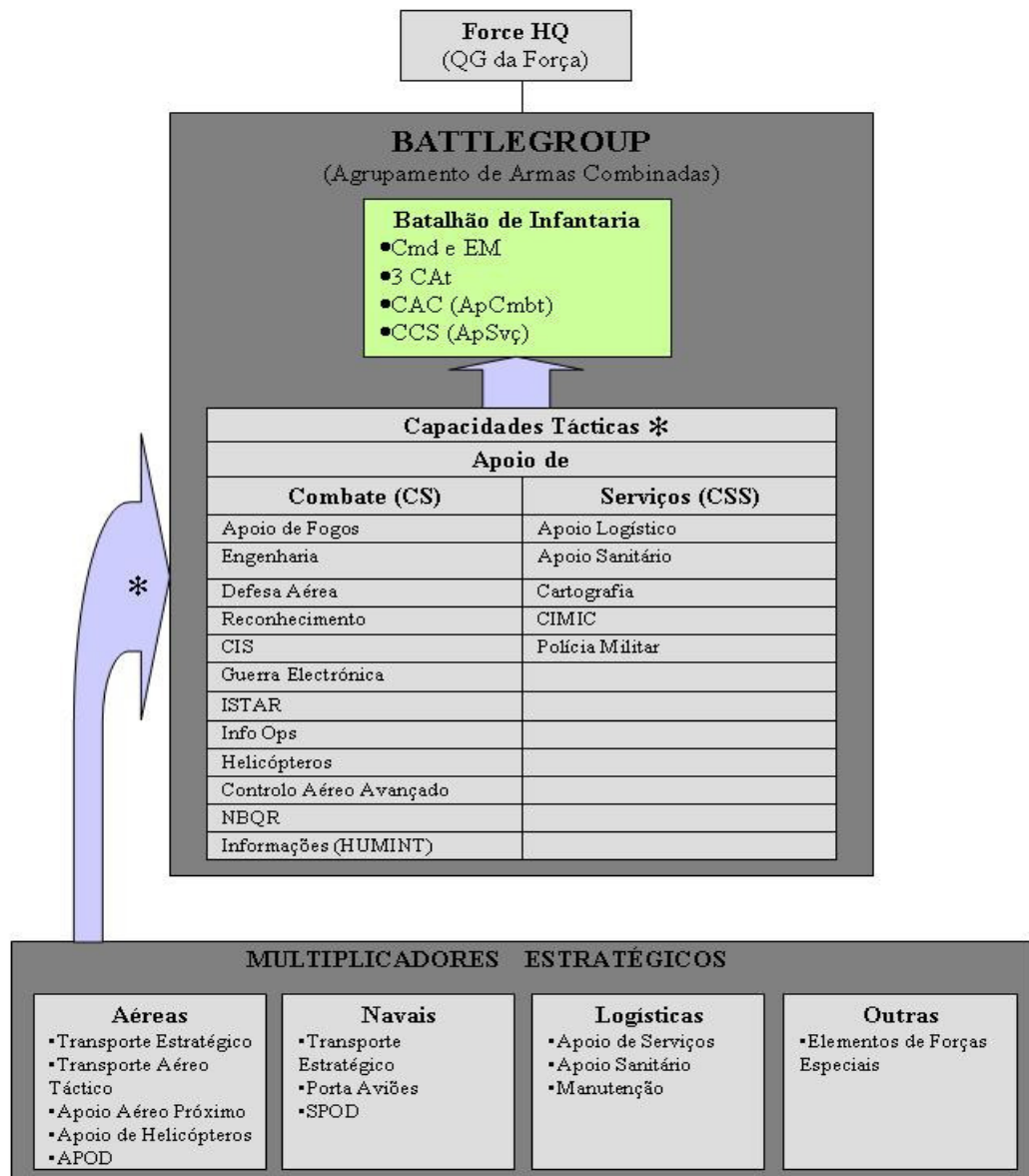
Note: These do not accurately reflect actual EU Battlegroup formations. The information is provided for reference purposes.

Figura M: Os treze *Battlegroups* europeus iniciais, aprovados aquando da conferência de Novembro de 2004.

Fonte: Lindstrom (2007, p. 79).

ANEXO N

ORGANIGRAMA GERAL DE UM BATTLEGROUP DA UNIÃO EUROPEIA



* Atribuição em função das características da operação

Figura N: Organograma geral de um *Battlegroup* da União Europeia.

Fonte: Cameira (2007, p. 61).

ANEXO O

CENÁRIOS POSSÍVEIS PARA A UTILIZAÇÃO DE UM *BATTLEGROUP*

Quadro O: Cenários possíveis para a utilização de um *Battlegroup*.

The following table contains an outline of the Illustrative Scenarios considered:

A	B	C	D	E
Separation Of Parties by Force (SOPF)	Stabilisation, Reconstruction and Military Advice to third countries (SR)	Conflict Prevention (CP)	Evacuation Operation in a non permissive environment (EO)	Assistance to Humanitarian Operations (HA)
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Basis:</u> Separation Of Parties by Force (SOPF) (HHC 02) ▪ Tasks of combat forces in crisis management, including peacemaking ▪ Secure Lines Of Communications (LOCs) 	(will cover failed states) <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Basis:</u> Steady State (SS) (HHC 02) ▪ Peace Keeping ▪ Advice + Training ▪ Election Monitoring ▪ Institution Building including Security Sector Reform 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Basis:</u> Conflict Prevention (CP) (HHC 02) ▪ Preventive Engagement including preventive deployment ▪ Joint Disarmament Operations ▪ Embargo Operations ▪ Counter Proliferation 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Basis:</u> Evacuation Operation (EO) (HHC 02) ▪ Non-combattant Evacuation Operation (NEO) 	(includes Disaster Relief Operations and Migratory Movements) <ul style="list-style-type: none"> ▪ <u>Basis:</u> Humanitarian Operations (HA) (HHC 02) ▪ Prevent Atrocities ▪ Consequence Management

Note: All these tasks may contribute to the fight against terrorism, including by supporting third countries in combating terrorism in their territories.

Fonte: EUMC (2005, p. 15).

ANEXO P

COMPARAÇÃO DA NATO RESPONSE FORCE E BATTLEGROUPS SEGUNDO O MODELO DE ANÁLISE DO PLANO DE OPERAÇÕES

Quadro P: Comparação da *NATO Response Force* e *Battlegroups* segundo o modelo de análise do Plano de Operações.

MODELO DE ANÁLISE	Pontos Comuns	Pontos Divergentes	
		<i>NATO Response Force</i>	<i>Battlegroups</i>
Composição e articulação das forças	Carácter multinacional da força.	Força conjunta e combinada de cerca de 25 000 militares.	Força essencialmente terrestre de 1 500 militares (de carácter nacional ou de uma <i>framework nation</i>).
Situação	Em TO, consideram como “forças amigas” o mesmo tipo de entidades, agências e organizações.	Pressupostos: -Unanimidade política (decisão por consenso no NAC)	Pressupostos: -Unanimidade no Conselho (permite a abstenção de Estados membros)
Missão	Missões de <i>Petersberg</i>	Espectro completo das missões da Aliança (pode incluir a luta contra o terrorismo)	Missões de <i>Petersberg</i> , mais as missões identificadas na Estratégia Europeia de Segurança
Conceito de Operação	Projectação rápida de uma componente terrestre.	Projectados em 5 a 30 dias e manterem-se no terreno até seis meses (extensível por aumento da força ou por rotação).	Projectados em 15 dias e manterem-se no terreno pelo menos por 30 dias (extensível a 120 dias por rotação)
Apoio Logístico	Países contribuintes responsáveis pela projectação da força e do seu custo.	Capacidade logística autónoma por 30 dias; não conta com apoio de <i>host nation</i> .	Reconhece que o apoio logístico depende da capacidade e vontade da(s) <i>host nation(s)</i> e dos recursos locais disponíveis
Comando e transmissões	Conceitos e procedimentos comuns Estrutura de comando a três níveis: estratégico, operacional e tático.	Os Cmdt's de cada nível são conhecidos e fazem parte da estrutura C2 da NATO -Estratégico: SACEUR -Operacional: JFC -Tático: Cmdt das componentes	Os Cmdt's de cada nível são “acordados” em antecipação no processo de criação da força: -Estratégico: Operational Commander -Operacional: Field commander -Tático: Cmdt das componentes

Fonte: Adaptado de Freire (2005, p. C/1).

ANEXO Q

ESPECTRO DE OPERAÇÕES QUE O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO PODE CONDUZIR NO ÂMBITO DO ARTIGO 5º E “NÃO ARTIGO 5º”

O emprego do ERec num TO em operações de alta intensidade deve ter em linha de conta as suas missões específicas (conduzir operações de reconhecimento e segurança com a finalidade de preservar a capacidade de combate da Brigada) podendo, dentro da tipologia de operações OTAN no âmbito do Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, pode participar num largo espectro de operações. Assim, neste âmbito, o ERec:

- 1) Conduz missões de Reconhecimento, efectuando Reconhecimento de um ou mais itinerários, Reconhecimento de zona e Reconhecimento de área;
- 2) Conduz missões de segurança, vigilância e participa em missões de Guarda e de Cobertura, se integrado numa unidade de reconhecimento de escalão superior, quer nacional ou multinacional;
- 3) Conduz acções de Segurança da Área da Retaguarda (SAR), podendo ainda neste âmbito, actuar como força de intervenção;
- 4) Conduz Operações Defensivas, como economia de forças, defesa de um sector ou de uma posição de combate ou de uma determinada área de terreno;
- 5) Conduz Operações Ofensivas, como reconhecimento em força, se integrado numa unidade de escalão superior, ou ataque imediato;
- 6) Conduz Operações de Retardamento em prol da unidade à qual está atribuída ou quando integra uma unidade de escalão superior;
- 7) Conduz Operações de Transição, como em marcha para o contacto, força de cobertura quando integra uma unidade de escalão superior, guardas de flanco ou substituição de unidades ao contacto.

A utilização do ERec num TO com operações de média ou baixa intensidade, integrando uma operação OTAN “não Artigo 5º” - CRO poderá:

- 1) Participar em Operações de Apoio à Paz (OAP):
 - (a) Operações de Manutenção de Paz, nomeadamente em TO de elevada exigência;
 - (b) Operações de Imposição de Paz, devendo esta tipologia de operações ser considerada de emprego prioritário no contexto das OAP;
 - (c) Prevenção de Conflitos, através da presença dissuasora.
- 2) Noutras Operações e Tarefas de Resposta a Crises:
 - (a) Operações Humanitárias (não OAP);
 - (b) Operações de NEO.

Fonte: EME, 2009a, p. 5

ANEXO R

CAPACIDADES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO

Quadro R: Capacidades dos Esquadrões de Reconhecimento.

CAPACIDADES	ERec BrigInt	ERec BrigMec	ERec BrigRR
a. Capacidade para localizar e identificar alvos, quaisquer que sejam as condições de visibilidade.	X	X	X
b. Capacidade para obter informação sobre o dispositivo inimigo, sem se empenhar.	X	X	X
c. Capacidade para regular fogos de artilharia.	X	X	X
d. Capacidade para monitorizar a actividade do inimigo.	X	X	X
e. Capacidade para confirmar notícias obtidas por outros meios.	X	X	X
f. Capacidade para avaliar danos.	X	X	X
g. Capacidade para fornecer informação de uma forma segura e em tempo útil.	X	X	X
h. Capacidade para integrar o sistema ISTAR (Intelligence, Surveillance, Target Aquisition and Reconnaissance).	X	X	X
i. Capacidade para efectuar missões de vigilância e reconhecimento (patrulhas, escoltas, segurança, postos de observação) na linha de contacto e dentro do alcance de apoio da artilharia.	X	X	X
j. Capacidade para confirmar e adquirir alvos.	X	X	X
k. Capacidade para detectar alvos a 24 Km e identificar alvos a 18 Km, utilizando sistemas montados em veículos, em linha de vista e em quaisquer condições de visibilidade.	X	X	X
l. Capacidade para actuar de forma independente até ao nível de secção.	X	X	X
m. Capacidade para coordenar e controlar a circulação.	X	X	

n. Capacidade para utilizar armas de fogo directo contra forças inimigas de infantaria e de blindados.	X	X	
o. Capacidade para destruir forças inimigas de blindados, utilizando sistemas de armas anti-carro.	X	X	
p. Capacidade para conduzir operações de resposta a crises (CRO).	X	X	X
q. Capacidade para através da mobilidade, flexibilidade, comunicação e reacção rápida garantir a segurança de um flanco ou a segurança da área da retaguarda.	X	X	X
r. Capacidade para actuar em condições de extremo calor ou frio e em todo o tipo e condições de terreno.	X	X	X
s. Capacidade para participar em operações Conjuntas/Combinadas.	X	X	X
t. Capacidade para actuar integrado num ambiente em rede (NNEC – NATO Network Enabled Capability).	X	X	X
u. Capacidade para integrar o sistema JISR (Joint Intelligence Surveillance and Reconnaissance).	X	X	X
v. Capacidade para obter / partilhar informação em “tempo real /próximo do real” que contribua para o BFSA (Blue Force Situation Awareness – Percepção Situacional das Forças Amigas).	X	X	X
w. Capacidade para partilhar a COP (Common Operational Picture – Imagem Operacional Comum) com as unidades subordinadas até ao escalão Secção (mesmo que actuando apeadas).	X	X	X
x. Capacidade para adquirir/bater objectivos obtidos pelos diferentes meios de recolha integrados no sistema JISR.	X	X	X

y. Capacidade para obter, de dia ou de noite e em condições de visibilidade limitada, imagens (fotos ou vídeo) de objectivos ou actividades de interesse e disseminação das mesmas e de dados complementares para um centro de processamento/análise/integração de uma forma atempada, eficiente e segura.	X	X	X
z. Capacidade para efectuar reconhecimento de itinerários e áreas, fornecendo informações sobre a actividade do inimigo e outros factores relevantes. Inclui a natureza e os estado do itinerário, a localização dos obstáculos, a natureza do terreno, habitações, etc.	X	X	X
aa. Capacidade para manter actualizada, de forma automática, a rede de Comando, Operações e Logística relativamente á situação da Classe III e V, bem como os danos existentes relativos a combate e a não combate.	X	X	X
bb. Capacidade para transportar 3 DOS.	X	X	X
cc. Capacidade para rápida readaptação a uma vasta área, garantindo a cobertura das comunicações, da mobilidade e a protecção das guarnições.	X	X	X
dd. Capacidade para garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito CBRN.	X	X	X
ee. Capacidade para garantir protecção adequada de pessoal e equipamento contra RCIED.	X	X	X
ff. Capacidade para reconhecer e emitir sinais de identificação de forças amigas para evitar o fratricídio.	X	X	X
gg. Capacidade orgânica para garantir apoio logístico e sanitário.	X	X	X

Fonte: Adaptado de EME (2009a, 2009b, 2009c, pp. 3-4).

ANEXO S

POSSIBILIDADES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO

Quadro S: Possibilidades dos Esquadrões de Reconhecimento.

POSSIBILIDADES	ERec BrigInt	ERec BrigMec	ERec BrigRR
a. Prepara-se para conduzir toda a tipologia de operações em todo o espectro de operações militares nomeadamente:			
1. Contribuir para o esforço da pesquisa da Brigada através da pesquisa de notícias e acções de informações;	X	X	X
2. Conduzir em economia de forças, operações defensivas e ofensivas em terreno e condições meteorológicas que facilitem o emprego dos seus meios orgânicos;	X	X	X
3. Conduzir acções de Segurança da Área da Retaguarda (SAR);	X	X	X
4. a) Participar em operações aeromóveis;			X
4. b) Participar em operações aeromóveis e anfíbias;	X	X	
5. Participar em operações de estabilização e apoio e outras operações de resposta a crises (CRO);	X	X	X
6. Participar em operações de combate ao terrorismo e de contra-insurreição;	X	X	X
7. Estabelecer o contacto, informar e eliminar, dentro das suas capacidades, toda a resistência inimiga que possa afectar o movimento;	X	X	X
8. Manter o contacto com o inimigo ou a ligação entre forças amigas;	X	X	X
9. Determinar a traficabilidade do itinerário ou zona e a adequabilidade para o movimento das nossas tropas;	X	X	X
10. Reconhecer todo o terreno que o inimigo pode utilizar para afectar o movimento, tal como pontos de estrangulamento, locais de emboscada, zonas de embarque, zonas de aterragem e zonas de lançamento;	X	X	X
11. Reconhecer todas as áreas edificadas, áreas contaminadas e itinerários laterais ao longo do itinerário de reconhecimento;	X	X	

12. Conduzir operações de reconhecimento de Itinerário, área e zona;			X
13. Avaliar e classificar todas as pontes, passagens superiores e inferiores e aquedutos, ao longo do itinerário ou na área;	X	X	
14. Identificar locais de passagem a vau e possíveis pontos de passagem ou de contornamento, para os obstáculos existentes (incluindo áreas edificadas) ao longo do itinerário ou na área;	X	X	
15. Relatar para o escalão superior todas as informações relativas ao reconhecimento de itinerário ou da zona, se possível, incluindo um mapa esquemático ou um transparente do itinerário ou da zona;	X	X	X
16. Penetrar na zona de segurança do inimigo e determinar a sua dimensão;	X	X	
17. Identificar a localização e dispositivo das posições principais inimigas;	X	X	
18. Determinar as fraquezas no dispositivo inimigo a explorar.	X	X	X
b. Participar nas diferentes fases de empenhamento dos Planos do Exército no âmbito das Outras Missões de Interesse Público (OMIP), assim como no accionamento dos respectivos meios, quando e na forma que lhe for determinado;	X	X	X
c. Participar em projectos de cooperação técnico-militar, no âmbito da sua tipologia de força, conforme definido superiormente.	X	X	X

Fonte: Adaptado de EME (2009a, 2009b, 2009c, pp. 2-3).

ANEXO T

LIMITAÇÕES DOS ESQUADRÕES DE RECONHECIMENTO

Quadro T: Limitações dos Esquadrões de Reconhecimento.

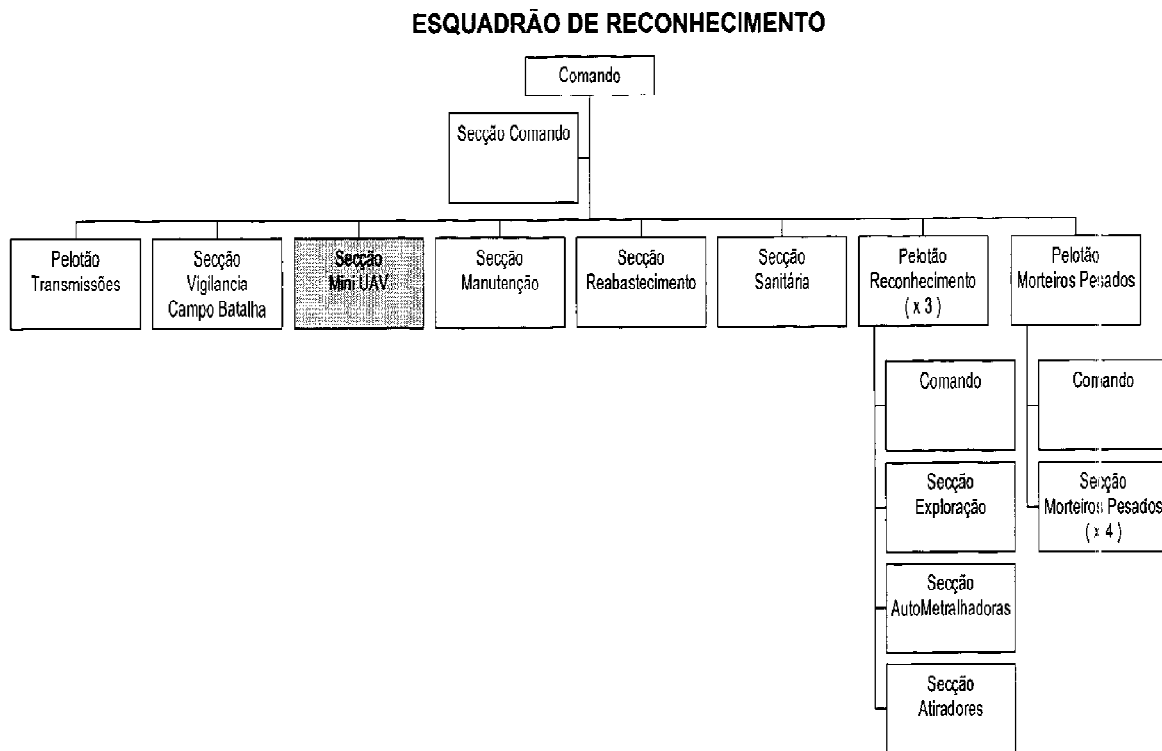
LIMITAÇÕES	ERec BrigInt	ERec BrigMec	ERec BrigRR
1. Sobrevivência face a ameaça blindada.	X		X
2. Grande consumo das classes III, V e IX.	X	X	X
3. Reduzida capacidade de Comando e Controlo quando desmontado.	X		X
4. Terreno impeditivo a Unidades montadas.	X	X	X
5. Projecção estratégica da força limitada pelo equipamento pesado.	X	X	

Fonte: Adaptado de EME (2009a, 2009b, 2009c, pp. 5-6).

ANEXO U

ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Figura U: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção.

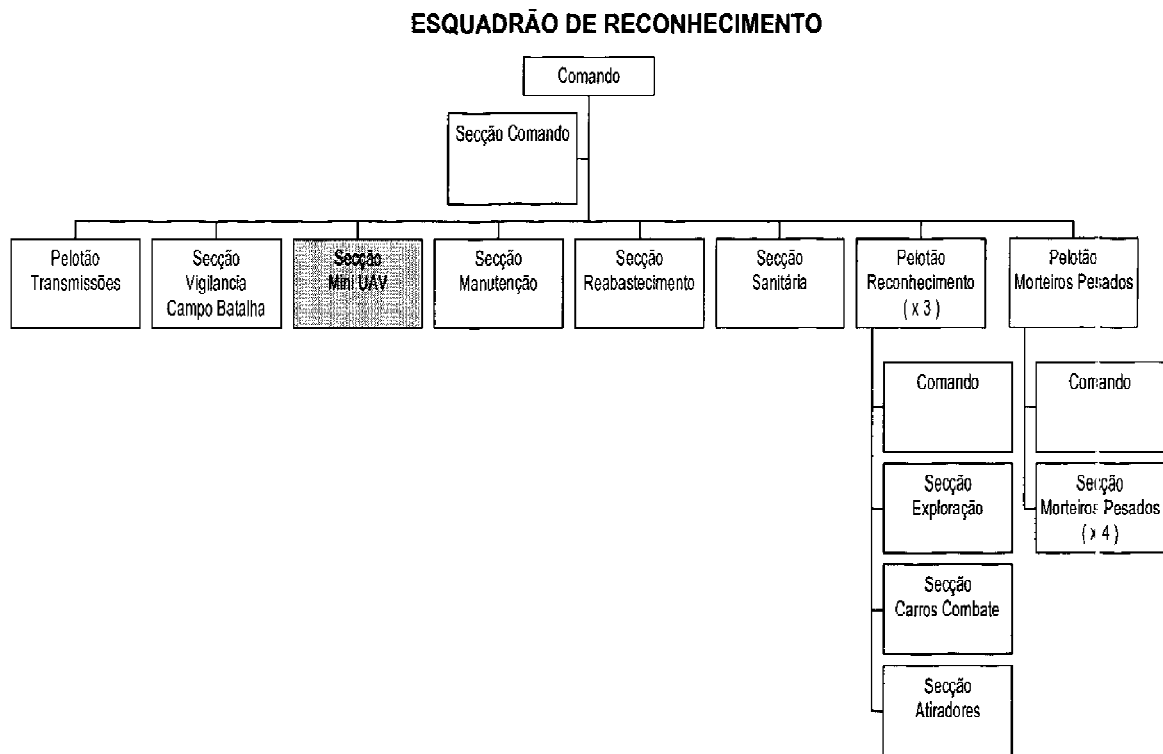


Fonte: EME (2009b, p. 2).

ANEXO V

ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA

Figura V: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada.

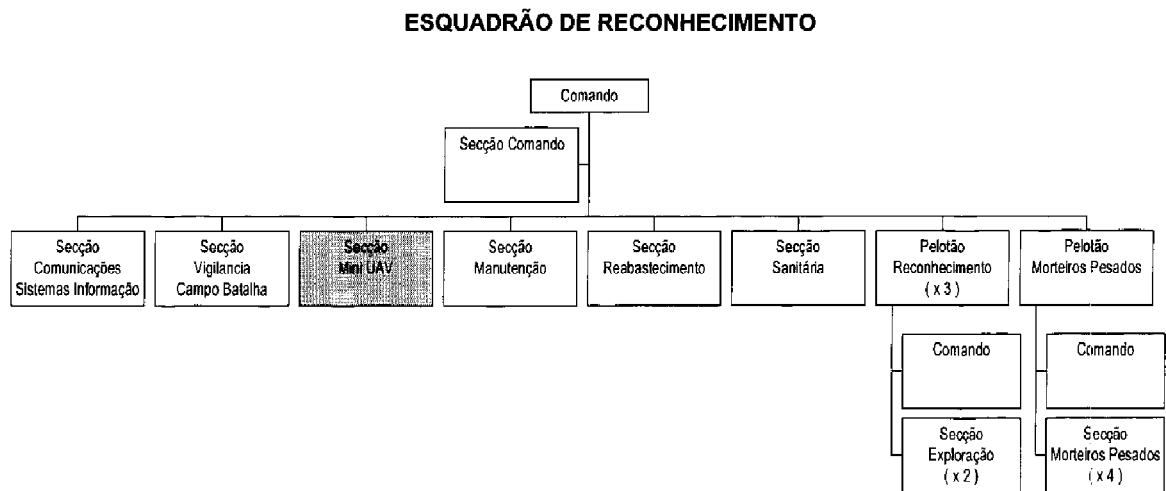


Fonte: EME (2009a, p. 2).

ANEXO W

ORGANIGRAMA DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA

Figura W: Organigrama do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reacção Rápida.



Fonte: EME (2009c, p. 2).

ANEXO X

ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO (HEAVY – ARMOURÉD RECCE / CAVALRY COMPANY)

Elaborado com base no CJSOR 3.0¹⁰²

ELEMENTOS ESTRUTURANTES	SIM, possui	NÃO, possui	O que possui actualmente
a. Ter, no mínimo, 10 viaturas blindadas de reconhecimento (lagartas ou rodas)	X		Tenho actualmente 18 Viaturas Blindadas, 04 V-150 e 14 da família Chaimite (V-200 e V-600), todas elas de rodas obviamente. 07 das Chaimites estão de momento INOP. Ainda não foi fornecida ao EREC nenhuma PANDUR, devido às versões específicas que o EREC irá receber, serem as últimas a ser fornecidas.
b. Ter, no mínimo, 3 Pelotões de Manobra	X		Tenho actualmente os 3 PelRec activos.
c. Ter, no mínimo 120 Militares	X		O EREC tem neste momento 05 Oficiais, 31 Sargentos e 131 Praças, sendo um total de 167 militares. O EREC está actualmente a 91% em Pessoal.

¹⁰² A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

d. Comando do ERec	X		O Comando do EREC está completo.
e. Secção de Manutenção	X		Faltam 02 Sargentos mecânicos na Secção de Manutenção.
f. Secção de Reabastecimento	X		A Secção de Reabastecimento contempla também uma equipa de alimentação.
g. Secção Anti-Carro/Morteiro		X	Não tenho Secção Anti-Carro, pois esse papel é desempenhado pelas Secções de Auto-Metralhadoras dos Pelotões. Por outro lado, também não tenho Secção de Morteiro, mas sim 01 Pelotão de Morteiros Pesados, com 04 Secções de Morteiros.

LISTA DE CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porque?
1. Ser capaz de realizar Operações em terreno urbano (MOUT), se suportado pela Infantaria.	X		
2. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas, bem como operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta de acordo com a L 0048 (Cold and Extreme Hot/Dry Climate Capability for Deployable Forces (Land)), e operações em todo o terreno em condições adversas.		X	Essencialmente por limitações de material, não existe de momento material adequado para o treino nas condições referidas.
3. Ter capacidade de combater em ambientes de alta intensidade e manobrar em todo o tipo de terreno, excepto terreno montanhoso e em selva.	X		
4. Ser capaz de atacar, defender ou executar movimentos retrógrados em coordenação com outros Batalhões ou Companhias, com sistemas de armas orgânicos.	X		
5. Ser capaz de receber e integrar apoio de combate de unidades de: artilharia, engenharia, reconhecimento, NBQR e Guerra Electrónica.	X		
6. Ser capaz de conduzir operações de contra insurreição, apoio à paz e outras operações (tais como patrulhamentos, controlo de multidões em ambientes menos exigentes) usando outros sistemas e doutrinas.	X		
7. Ser capaz de vigiar, negar o acesso, ocupar e defender áreas (normalmente com apoio de Infantaria).	X		
8. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 3 dias de combate (excepto para munições).	X		

<p>9. a. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico).</p>		X	<p>Falta de equipamento adequado. As máscaras que actualmente ainda temos, são as M17A2 (velhinhas e na maioria INOP) que não chegam nem par 50% do efectivo, as ARFA existem apenas nas FND, e se não estou em erro na Companhia NBQ da EPE. Este problema do equipamento NBQ, é um problema do Exército em geral. Com os fatos, põe-se o mesmo problema, existem alguns do modelo mais antigo, mas em número muito reduzido.</p> <p>Para sermos correctos, teríamos de assumir que o ERec não possui actualmente equipamento de protecção NBQ, apenas tem uma dotação de treino. A política actual é haver treino, e só em caso de necessidade ser fornecido o material.</p>
<p>9. b. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico contra RCIED (Engenhos explosivos improvisados accionados por controlo remoto).</p>		X	<p>Só será possível quando forem fornecidas as viaturas PANDUR, visto já estarem equipadas nesse sentido.</p>
<p>10. Ser capaz de conduzir reconhecimento de área, de itinerários e NBQR.</p>		X	<p>Novamente por falta de equipamento.</p> <p>Para o Reconhecimento NBQ, não é necessário nenhuma viatura especial, apenas o equipamento de protecção individual e os equipamentos de detecção NBQ, para efectuar a análise e as leituras de presença de agentes ou radioactividade na região a reconhecer</p>

11. Ter a capacidade de ser rapidamente reorientada, e cobrir áreas alargadas, através do uso das comunicações.	X		
12. Ser capaz de confrontar infantaria e forças blindadas ligeiras.	X		
13. Ser capaz de se empenhar contra forças blindadas opositoras, usando armas ACar em viatura ou apeadas.	X		
14. Ser capaz de conduzir vigilância do Campo de Batalha, aquisição de alvos e correcção de tiro.	X		
15. Potenciar as capacidades de mobilidade, flexibilidade, comunicações e reacção rápida, para garantir a vigilância, guarda de flanco e segurança de área da retaguarda de uma força de escalão superior.	X		
16. Possibilidade de ser usada como parte de uma Brigada ou Divisão.	X		
17. Capacidade de coordenação e controlo de movimentos.	X		
18. Ser capaz de fornecer facilidades de ligação, para operações blindadas, mecanizadas, de artilharia e da engenharia.		X	Não é completamente impossível, mas sempre com desfalque dos Pelotões, visto não existir pessoal com esse tipo de função em QOP.

Fonte: Elaborado com base no CJSOR 3.0.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigInt, Capitão de Cavalaria Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

ANEXO Y

ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO (*MEDIUM – MEDIUM RECCE / CAVALRY COMPANY*)

Elaborado com base no CJSOR 3.0¹⁰³

Elementos Estruturantes ¹⁰⁴	SIM, possui	NÃO, possui	O que possui actualmente
a. Ter, no mínimo, 10 viaturas blindadas de rodas com torre	X		Tenho de momento apenas 04, enquanto o QOM comporta 06 Auto Metralhadoras. Existem também em QO mais 06 viaturas com canhão 30mm.

¹⁰³ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

¹⁰⁴ Os elementos estruturantes para este tipo de força são iguais aos do *Heavy – Armoured Recce*, excepto o que se encontra referido. Neste tipo de força (*Medium*) o elemento estruturante “Ter, no mínimo, 10 viaturas blindadas de reconhecimento (lagartas ou rodas)” pertencente ao tipo de força *Heavy* não se aplica.

LISTA DE CAPACIDADES¹⁰⁵	SIM	NÃO	Se não, porque?
1. Ser rapidamente transportado pela aviação táctica.		X	Será possível com treino.
2. Ter capacidade de combater em operações de alta intensidade e manobrar em todo o tipo de terreno se devidamente apoiado por multiplicadores de combate.	X		
3. Ser capaz de realizar operações como força inicial.	X		
4. De uma forma geral, possuir armamento ligeiro e capacidade ACar, mas podendo incluir sistemas de armas blindados.	X		
5. Ser capaz de adquirir e destruir alvos, de dia ou de noite, tanto parado como em movimento.		X	Será obviamente possível assim que forem fornecidas as viaturas da família PANDUR, visto as actuais V-200 e V-150 não têm aparelhos de visão nocturna.

Fonte: Elaborado com base no CJSOR 3.0.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigInt, Capitão de Cavalaria Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

¹⁰⁵ As capacidades para este tipo de força são iguais aos do *Heavy – Armoured Recce*, excepto as que se encontram referidas. As capacidades 1 e 3 do *Heavy – Armoured Recce*, apenas se aplicam a este.

ANEXO Z

REQUISITOS DE UMA *RECCE UNIT* – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Elaborado com base no *Requirement Catalogue 05*¹⁰⁶

Números de Referência para Pessoal e Viaturas	O que possui actualmente
a. Número de Pessoal – 80 militares	O ERec tem neste momento 05 Oficiais, 31 Sargentos e 131 Praças, sendo um total de 167 militares. O ERec está actualmente a 91% em Pessoal.
b. Número de Viaturas de Reconhecimento – 13 viaturas	Tenho actualmente 18 Viaturas Blindadas, 04 V150 e 14 da família Chaimite (V200 e V600), todas elas de rodas obviamente. 07 das Chaimites estão de momento INOP. Ainda não foi fornecida ao ERec nenhuma PANDUR, devido às versões específicas que o ERec irá receber, serem as últimas a ser fornecidas.

¹⁰⁶ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DA CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porquê?
1. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas e ser projectada taticamente sob todas as condições climatéricas, bem como executar operações em todo o terreno sob condições adversas.		X	Essencialmente por limitações de material, não existe de momento material adequado para o treino nas condições referidas.
2. Ser capaz de realizar operações de reconhecimento até 150 km à frente das linhas amigas para detectar forças oponentes 24 horas por dia.	X		
3. Ser capaz de se deslocar independentemente, operando sem apoio e com o mínimo risco de detecção.		X	Nos dias de hoje o mínimo risco de detecção é quase impossível, principalmente se pensarmos nas novas viaturas (PANDUR) a dificuldade de dissimular uma viatura deste tipo.
4. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR.		X	Falta de equipamento adequado. As máscaras que actualmente ainda temos, são as M17A2 (velhinhas e na maioria INOP) que não chegam nem par 50% do efectivo, as ARFA existem apenas nas FND, e se não estou em erro na Companhia NBQ da EPE. Este problema do equipamento NBQ, é um problema do Exército em geral. Com os fatos, põe-se o mesmo problema, existem alguns do modelo mais antigo, mas em número muito reduzido. Para sermos correctos, teríamos de assumir que o ERec não possui actualmente equipamento de protecção NBQ, apenas tem uma dotação de treino. A política actual é haver treino, e só em caso de necessidade ser fornecido o material.
5. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 5 dias (CDOS).	X		

Fonte: Elaborado com base no RC 05.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigInt, Capitão de Cavalaria Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

ANEXO AA
REQUISITOS DE UMA RECCE UNIT (ARMOURED) –
ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE
INTERVENÇÃO

Elaborado com base no *Requirement Catalogue 05*¹⁰⁷

Números de Referência para Pessoal e Viaturas	O que possui actualmente
a. Número de Pessoal – 80 militares	O ERec tem neste momento 05 Oficiais, 31 Sargentos e 131 Praças, sendo um total de 167 militares. O ERec está actualmente a 91% em Pessoal.
b. Número de Viaturas de Reconhecimento Blindadas – 13 viaturas	Tenho actualmente 18 Viaturas Blindadas, 04 V150 e 14 da família Chaimite (V200 e V600), todas elas de rodas obviamente. 07 das Chaimites estão de momento INOP. Ainda não foi fornecida ao ERec nenhuma PANDUR, devido às versões específicas que o ERec irá receber, serem as últimas a ser fornecidas.

¹⁰⁷ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DE CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porque?
1. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas, bem como operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta, bem como em operações em todo o terreno em condições adversas.		X	Essencialmente por limitações de material, não existe de momento material adequado para o treino nas condições referidas.
2. Ser capaz de confrontar infantaria e forças blindadas ligeiras.	X		
3. Ser capaz de se empenhar contra forças blindadas opositoras, usando armas Anti-Carro.	X		
4. Ser capaz de conduzir vigilância do Campo de Batalha, aquisição de alvos e correcção de tiro.	X		
5. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico).		X	Falta de equipamento adequado. As máscaras que actualmente ainda temos, são as M17A2 (velhinhas e na maioria INOP) que não chegam nem par 50% do efectivo, as ARFA existem apenas nas FND, e se não estou em erro na Companhia NBQ da EPE. Este problema do equipamento NBQ, é um problema do Exército em geral. Com os fatos, põe-se o mesmo problema, existem alguns do modelo mais antigo, mas em número muito reduzido. Para sermos correctos, teríamos de assumir que o ERec não possui actualmente equipamento de protecção NBQ, apenas tem uma dotação de treino. A política actual é haver treino, e só em caso de necessidade ser fornecido o material.
6. Maximizar as capacidades de mobilidade, flexibilidade, comunicações e reacção rápida, para garantir a vigilância, guarda de flanco e segurança de área da retaguarda de uma força de escalão superior.	X		

7. Ter a capacidade de ser rapidamente reorientada na sua missão e cobrir áreas alargadas, através do emprego das comunicações.	X		
8. Ser capaz de conduzir reconhecimento de área, de itinerários e NBQR.		X	Novamente por falta de equipamento. Para o Reconhecimento NBQ, não é necessária nenhuma viatura especial, apenas o equipamento de protecção individual e os equipamentos de detecção NBQ, para efectuar a análise e as leituras de presença de agentes ou radioactividade na região a reconhecer
9. Capacidade de coordenação e controlo de movimentos.	X		
10. Ser capaz de fornecer meios de ligação para coordenação de operações blindadas, mecanizadas, de artilharia e da engenharia.		X	Não é completamente impossível, mas sempre com desfalque dos Pelotões, visto não existir pessoal com esse tipo de função em QOP.
11. Ser capaz de conduzir operações de contra insurreição, apoio à paz e outras operações (tais como patrulhamentos, controlo de multidões em ambientes menos exigentes) usando outros sistemas e doutrinas.	X		
12. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 3 dias de combate (excepto para munições).	X		

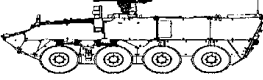

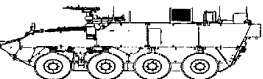





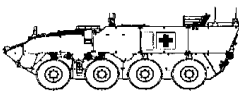
Fonte: Elaborado com base no RC 05.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigInt, Capitão de Cavalaria Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

ANEXO BB

VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Assinale com um X as viaturas que **EXISTEM** no ERec:

Cmd e Sec Cmd			
 1 CAP (Cmndt) (P+E) 1 CABO (ApontMetr) (E+P) 1 CABO (CBCondVBR) (E)	<input type="checkbox"/>	 1 SUBALT (2°Cmndt) (P+E) 1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)	<input checked="" type="checkbox"/>
 1 1SAR (SargOpInfo) (E+P) 1 1SAR (SargAdj) (E+P) 1 SOLD (CondVBR) (E)	<input type="checkbox"/>	 1 SAJ (AdjCmndt) (E+P) 1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)	<input checked="" type="checkbox"/>
Pel Tm			
(1) SUBALT (CmndPel) (1) 1SAR (SargPel)	<input type="checkbox"/>	(1) 1SAR (CmndtSec) <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="width: 45%;"> Eq Gestão  1 1SAR (CmndEqGestão) (E c/ LG) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E) </div> <div style="width: 45%;"> Eq Comutação  1 2SAR (CmndEqComutação) (E) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E) </div> </div>	<input checked="" type="checkbox"/>
Sec Tm			
		 1 1SAR (CmndSecTm) (E c/ LG) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)	<input type="checkbox"/>
Sec San			
 (1) 1SAR (CmndtSec) (E+P) 1 CABO (CBSocorr/Cond) (E+P)	<input type="checkbox"/>	 1 CABO (CmndtEsqEvac) (E+P) 1 SOLD (Socorr) (E+P) 1 SOLD (Socorr/Cond) (E+P)	<input type="checkbox"/>

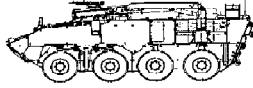
Sec Man



1 SAJ (CmtdSec) (E c/ LG)
1 SOLD (MecViatRodas/Cond) (E)



1 2SAR (SargMec) (E)
1 CABO (CBMecArmLig) (E)
1 CABO (CBElectrAuto) (E)
1 SOLD (MecViatRodas/Cond) (E)



1 1SAR (SargMec) (E+P)
1 CABO (CBMecViatRodas) (E)
1 CABO (OpVBRrecup/Cond) (E)



1 1SAR (SargMec) (E+P)
1 CABO (CBMecViatRodas/Cond) (E)

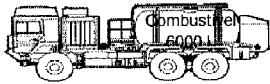


Sec Reab

Eq Reab



1 SAR (CmtdSec/CmtdEqReab) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRad) (E)



1 CABO (CBOpReab/Cond) (E)



Eq Alim



1 2SAR (SargAlim) (E c/ LG)
1 CABO (CBCoz) (E)
2 SOLD (Coz) (E)
1 SOLD (Coz/Cond) (E)



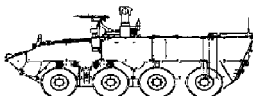
1 SOLD (OpReab/Cond) (E)



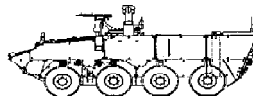
1 SOLD (OpReab/Cond) (E)



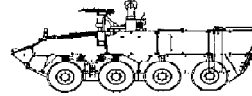
Sec VCB



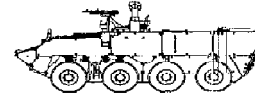
1 1SAR (CmtdSec VCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondVBR) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondVBR) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondVBR) (E)



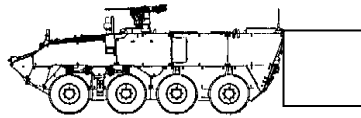
1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondVBR) (E)



Pelotões de Reconhecimento

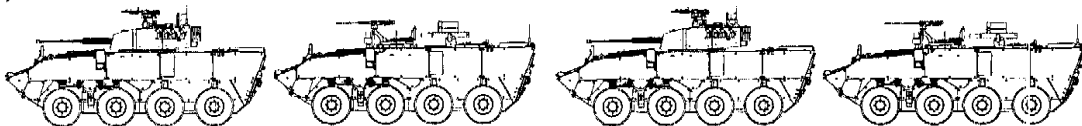
Pel Rec (x 3)

Cmd



- 1 SUBALT (2°Cmdt) (P+E)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (CondVBR) (E)

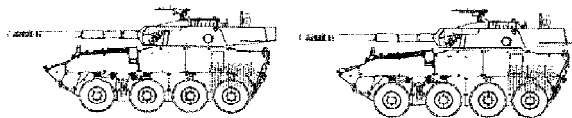
SecExpl



- | | | | |
|-------------------------|---------------------------------|-------------------------|---------------------------------|
| 1 1SAR (CmndtSec) (E+P) | 1 CABO (ChViat) (E+P) | 1 2SAR (CmndtEsq) (E+P) | 1 CABO (ChViat) (E+P) |
| 1 CABO (ApCnh) (E+P) | 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P) | 1 CABO (ApCnh) (E+P) | 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P) |
| 1 SOLD (CondVBR) (E) | 1 SOLD (MunSistMissilAcar) (E) | 1 SOLD (CondVBR) (E) | 1 SOLD (MunSistMissilAcar) (E) |
| | 1 SOLD (CondVBR) (E) | | 1 SOLD (CondVBR) (E) |



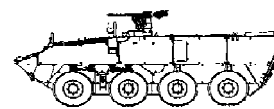
Sec AM



- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1 1SAR (CmndtSec) (E+P) | 1 2SAR (Ch Viat) (E+P) |
| 1 CABO (ApAM) (E+P) | 1 CABO (ApAM) (E+P) |
| 1 SOLD (MunAM) (E) | 1 SOLD (MunAM) (E) |
| 1 SOLD (CondVBR) (E) | 1 SOLD (CondVBR) (E) |

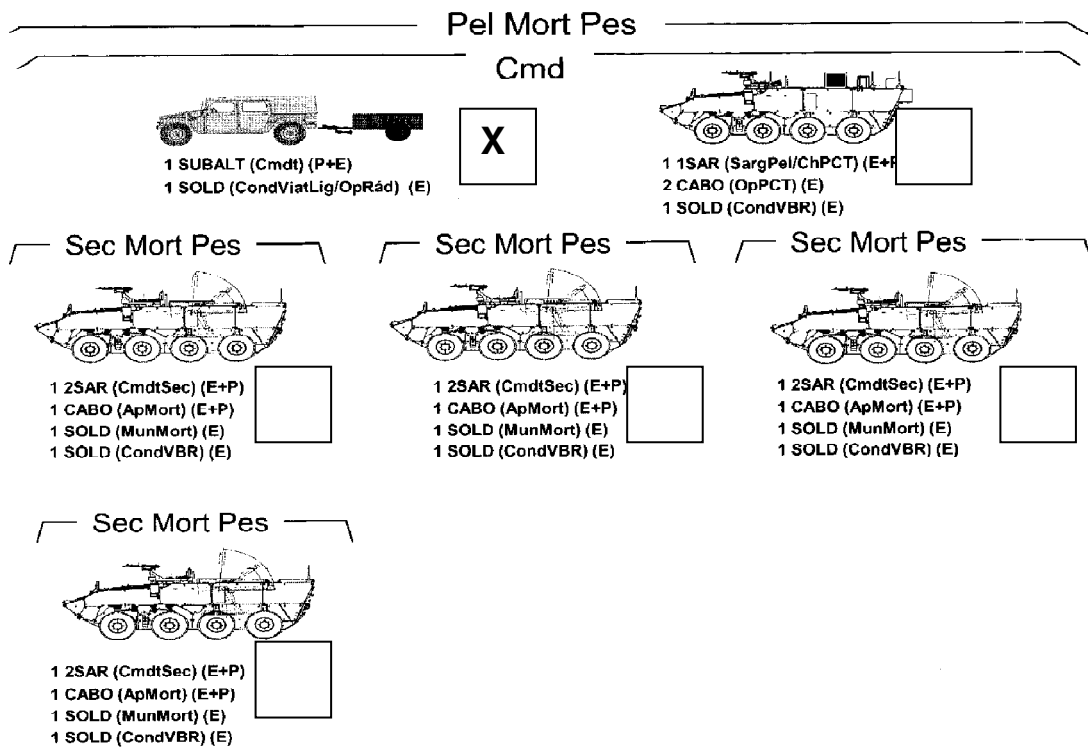


Sec Al



- 1 2SAR (CmndtSec) (E)
- 1 CABO (CmndtEsq) (E)
- 1 CABO (ApMet) (E)
- 1 SOLD (MunMet) (E)
- 2 SOLD (At/Granad) (E c/ LG)
- 3 SOLD (At) (E)
- 1 SOLD (CondVBR) (E)





Notas:

Acerca destas viaturas, tal como já tinha sido frisado, o ERec/BrigInt ainda não recebeu nenhuma viatura da família PANDUR, e encontra-se ainda equipado com V-200, V-600 (14 viaturas da família Chaimite) e V-150 (04 viaturas) em número suficiente apenas para equipar 2 PelRec e PelMort, sendo que algumas se encontram com avarias graves e não se prevê a sua reparação devido ao fornecimento das PANDUR e ao descomissionamento das viaturas Chaimite V200.

Muitas das limitações actuais, prendem-se somente com a falta de fornecimento das viaturas da família PANDUR. Prazos de entrega não existem neste momento relativamente às viaturas específicas para o ERec, pelo facto de serem todas versões diferentes da versão base.

Fonte: Elaborado com base no Quadro Orgânico do ERec – BrigInt (05 de Agosto de 2009). Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigInt, Capitão de Cavalaria Fernando Cunha, em 12 de Março de 2010.

ANEXO CC

CARACTERISTICAS DA BLINDAGEM DA VIATURA

PANDUR II

Blindagem com placas e Aço e de Cerâmica do tipo ADD-ON.

- Num total de peso de 1800 Kg. Existem 8 placas de aço soldadas (espessura de 5mm e 15mm), 13 de aço aparafusado (espessura de 4mm, 5mm e 8mm) e 63 de cerâmica aparafusada (20mm de espessura). (p. 1-8)

A estrutura básica do casco permite protecção balística para ameaças de nível 1 e protecção anti-mina para ameaças de nível 2^a (STANAG 4569)

- Protecção balística nível 1: munições 7,62 mm disparadas a 30 m e rebentamentos de granadas 155mm a 100m. Protecção anti-mina nível 2^a: mina AC de 6 Kg detonadas sobre os rodados.

As placas de blindagem (ADD-ON) garantem protecção balística de nível 2, 3 e 4 e protecção anti-mina para ameaças de nível 3^a (STANAG 4569)

- Protecção balística nível 4: munições 14,5 mm AP disparadas a 200m e rebentamentos de granadas 155 mm a 25 m. Protecção anti-mina 3^a: mina AC de 8 Kg detonadas sob os rodados.

Fonte: Escola Prática de Cavalaria (2008, p. 1-1).

ANEXO DD

**ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA
MECANIZADA (HEAVY – ARMOURED RECCE / CAVALRY
COMPANY)**

Elaborado com base no CJSOR 3.0¹⁰⁸

Elementos Estruturantes	SIM, possui	NÃO, possui	O que possui actualmente
a. Ter, no mínimo, 10 viaturas blindadas de reconhecimento (lagartas ou rodas)	X		
b. Ter, no mínimo, 3 Pelotões de Manobra	X		Dois PelRec e um PelMort O 3ºPelRec está desactivado por falta de pessoal
c. Ter, no mínimo 120 Militares	X		Oscilou entre 120 e 140 militares
d. Comando do ERec	X		
e. Secção de Manutenção	X		
f. Secção de Reabastecimento	X		
g. Secção Anti-Carro/Morteiro		X	Possui PelMortPes (PCT e 4 M106) O Cmdt PelMorPes não tinha jeep. Acontece que nós temos jeeps a mis para o quadro orgânico, logo passa a haver um para ele

¹⁰⁸ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DE CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porque?
1. Ser capaz de realizar Operações em terreno urbano (MOUT), se suportado pela Infantaria.	X		
2. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas, bem como operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta de acordo com a L 0048 (Cold and Extreme Hot/Dry Climate Capability for Deployable Forces (Land)), e operações em todo o terreno em condições adversas.	X		Atenção ao que consideram condições extremamente adversas. Como Unidade blindada apresenta limitações em determinados tipos de terreno.
3. Ter capacidade de combater em ambientes de alta intensidade e manobrar em todo o tipo de terreno, excepto terreno montanhoso e em selva.	X		
4. Ser capaz de atacar, defender ou executar movimentos retrógrados em coordenação com outros Batalhões ou Companhias, com sistemas de armas orgânicos.	X		
5. Ser capaz de receber e integrar apoio de combate de unidades de: artilharia, engenharia, reconhecimento, NBQR e Guerra Electrónica.	X		
6. Ser capaz de conduzir operações de contra insurreição, apoio à paz e outras operações (tais como patrulhamentos, controlo de multidões em ambientes menos exigentes) usando outros sistemas e doutrinas.	X		
7. Ser capaz de vigiar, negar o acesso, ocupar e defender áreas (normalmente com apoio de Infantaria).	X		

<p>8. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 3 dias de combate (excepto para munições).</p>	<p>X</p>		
<p>9. a. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico).</p>	<p>X</p>		<p>O ERec apresenta algumas limitações actualmente em equipamentos NBQ (existem em número suficiente, mas como o caso das sobretotas que existem em quantidade suficiente, mas em números pequenos) e alarmes.</p> <p>O M113 não fornece protecção adequada a nível BQ. Também apresenta muitas borrachas danificadas, dificultando o isolamento.</p> <p>Temos as mascaras M17.</p>
<p>9. b. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico contra RCIED (Engenhos explosivos improvisados accionados por controlo remoto).</p>	<p>X</p>		<p>Unidade é blindada logo garante maior protecção que outras Unidades.</p> <p>Para além da blindagem não possui nenhum equipamento, tipo CREW ou blindagens adicionais utilizado pelos Americanos para maior protecção das viaturas</p> <p>Não temos mais nenhum meio ou equipamento adicional relativamente a blindagem.</p>
<p>10. Ser capaz de conduzir reconhecimento de área, de itinerários e NBQR.</p>	<p>X</p>		
<p>11. Ter a capacidade de ser rapidamente reorientada, e cobrir áreas alargadas, através do uso das comunicações.</p>	<p>X</p>		
<p>12. Ser capaz de confrontar infantaria e forças blindadas ligeiras.</p>	<p>X</p>		

13. Ser capaz de se empenhar contra forças blindadas opositoras, usando armas ACar em viatura ou apeadas.	X		
14. Ser capaz de conduzir vigilância do Campo de Batalha, aquisição de alvos e correcção de tiro.	X		Possui Secção VCB Os radares estão todos operacionais. Características gerais são de identificação alvos móveis de 5 a 10 Km.
15. Potenciar as capacidades de mobilidade, flexibilidade, comunicações e reacção rápida, para garantir a vigilância, guarda de flanco e segurança de área da retaguarda de uma força de escalão superior.	X		
16. Possibilidade de ser usada como parte de uma Brigada ou Divisão.	X		
17. Capacidade de coordenação e controlo de movimentos.	X		
18. Ser capaz de fornecer facilidades de ligação, para operações blindadas, mecanizadas, de artilharia e da engenharia.	X		

Fonte: Elaborado com base no CJSOR 3.0.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigMec, Major de Cavalaria Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

ANEXO EE

REQUISITOS DE UMA *RECCE UNIT* – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA MECANIZADA

Elaborado com base no *Requirement Catalogue 05*¹⁰⁹

Números de Referência para Pessoal e Viaturas	O que possui actualmente
a. Número de Pessoal – 80 militares	Oscilou entre 120 e 140 militares.
b. Número de Viaturas de Reconhecimento – 13 Viaturas	13 Viaturas M113 2 Viaturas M577 Posto de Comando 4 Viaturas M113 com radar 6 Viaturas M113 com Sistema Lança - Míssil TOW 4 Viaturas M106, com Morteiro 10,7 6 Carros de Combate Leopard 2 A6

¹⁰⁹ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DA CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porquê?
1. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas e ser projectada taticamente sob todas as condições climatéricas, bem como executar operações em todo o terreno sob condições adversas.	X		Atenção ao que consideram condições extremamente adversas. Como Unidade blindada apresenta limitações em determinados tipos de terreno.
2. Ser capaz de realizar operações de reconhecimento até 150 km à frente das linhas amigas para detectar forças oponentes 24 horas por dia.			O ERec doutrinariamente actua dentro do alcance de apoio da Brigada. Ter este facto em atenção. Doutrinariamente o ERec actua dentro do alcance do apoio da Brigada. Se a Brigada dispuser de meios capazes de garantir apoio a 150 Km, pode, senão não pode.
3. Ser capaz de se deslocar independentemente, operando sem apoio e com o mínimo risco de detecção.			Ver resposta anterior.
4. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR.	X		O ERec apresenta algumas limitações actualmente em equipamentos NBQ (existem em número suficiente, mas como o caso das sobrebotas que existem em quantidade suficiente, mas em números pequenos) e alarmes. O M113 não fornece protecção adequada a nível BQ. Também apresenta muitas borrachas danificadas, dificultando o isolamento. Temos as mascaras M17.
5. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 5 dias (CDOS).	X		Desde que seja reforçado com viaturas (exemplo auto tanques, etc)

Fonte: Elaborado com base no RC 05.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigMec, Major de Cavalaria Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

ANEXO FF
REQUISITOS DE UMA *RECCE UNIT (Armoured)* –
ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA
MECANIZADA

Elaborado com base no *Requirement Catalogue 05*¹¹⁰

Números de Referência para Pessoal e Viaturas	O que possui actualmente
c. Número de Pessoal – 80 militares	Oscilou entre 120 e 140 militares.
d. Número de Viaturas de Reconhecimento blindadas – 13 viaturas	13 Viaturas M113 2 Viaturas M577 Posto de Comando 4 Viaturas M113 com radar 6 Viaturas M113 com Sistema Lança - Míssil TOW 4 Viaturas M106, com Morteiro 10,7 6 Carros de Combate Leopard 2 A6

¹¹⁰ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DE CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porque?
1. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas, bem como operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta, bem como em operações em todo o terreno em condições adversas.	X		Atenção ao que consideram condições extremamente adversas. Como Unidade blindada apresenta limitações em determinados tipos de terreno.
2. Ser capaz de confrontar infantaria e forças blindadas ligeiras.	X		
3. Ser capaz de se empenhar contra forças blindadas opositoras, usando armas Anti-Carro.	X		
4. Ser capaz de conduzir vigilância do Campo de Batalha, aquisição de alvos e correcção de tiro.	X		Possui secção VCB.
5. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico).	X		O ERec apresenta algumas limitações actualmente em equipamentos NBQ (existem em número suficiente, mas como o caso das sobrebotas que existem em quantidade suficiente, mas em números pequenos) e alarmes. Temos as mascaras M17. O M113 não fornece protecção adequada a nível BQ. Também apresenta muitas borrachas danificadas, dificultando o isolamento.
6. Maximizar as capacidades de mobilidade, flexibilidade, comunicações e reacção rápida, para garantir a vigilância, guarda de flanco e segurança de área da retaguarda de uma força de escalão superior.	X		
7. Ter a capacidade de ser rapidamente reorientada na sua missão e cobrir áreas alargadas, através do emprego das comunicações.	X		
8. Ser capaz de conduzir reconhecimento de área, de itinerários e NBQR.	X		
9. Capacidade de coordenação e controlo de movimentos.	X		
10. Ser capaz de fornecer meios de ligação para coordenação de operações blindadas, mecanizadas, de artilharia e da engenharia.	X		

11. Ser capaz de conduzir operações de contra insurreição, apoio à paz e outras operações (tais como patrulhamentos, controlo de multidões em ambientes menos exigentes) usando outros sistemas e doutrinas.	X		
12. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 3 dias de combate (excepto para munições).	X		








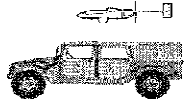
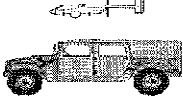



Fonte: Elaborado com base no RC 05.

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigMec, Major de Cavalaria Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

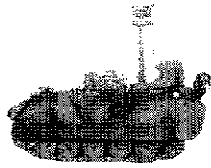
ANEXO GG

VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE MECANIZADA

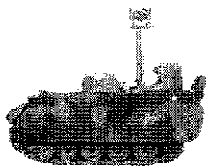
Assinale com um X as viaturas que **EXISTEM** no ERec:

Cmd e Sec Cmd	
 1 CAP (CmndtComp) (P+E) 1 CABO (ApontMetr) (E+P) 1 CABO (CBCondViatFamM113) (E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>
 1 SAJ (SargOpInfo) (E+P) 1 1SAR (SargAdj) (E+P) 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>
 1 SUBALT (2°Cmndt) (P+E) 1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>
 1 SAJ (AdjCmndt) (E+P) 1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>
Pel Tm	
Cmd	Sec C2 e Gestão
(1) SUBALT (CmndtPel) (1) 1SAR (SargPel)	(1) 1SAR (CmndtSec) <div style="border: 1px solid black; width: 150px; height: 40px; margin: 5px auto;"></div> Eq Gestão  1 1SAR (CmndEqGestão) (E c/ LG) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)
<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; margin: 5px auto;"></div>	Eq Comutação  1 2SAR (CmndEqComutação) (E) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)
	Sec Tm  1 1SAR (CmndSecTm) (E c/ LG) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)
Sec Min UAV	
 (1) 1SAR (CmndtSec/Eq)(E) (1) CABO (OpMinUAV/Cond)(E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px;"></div>
 (1) 2SAR (ChEq) (E) (1) CABO (OpMinUAV/Cond)(E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px;"></div>
 (1) 2SAR (ChEq) (E) (1) CABO (OpMinUAV/Cond)(E)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px;"></div>
Sec San	
 (1) 1SAR (CmndtSec) (E+P) (1) CABO (CBSocorr/Cond) (E+P)	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>
	 1 CABO (CmndtEsqEvac) (E+P) 1 SOLD (Socorr) (E+P) 1 SOLD (Socorr/Cond) (E+P)
	<div style="border: 1px solid black; width: 40px; height: 40px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; font-size: 24px; font-weight: bold;">X</div>

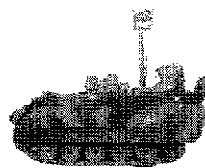
Sec VCB



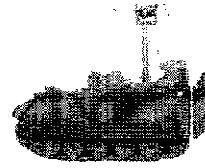
1 1SAR (CmdtSec VCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



Pel Mort Pes

Cmd



1 SUBALT (Cmdt) (P+E)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)



1 1SAR (SargPel/ChPCT) (E+P)
2 CABO (OpPCT) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



Sec Mort Pes



1 2SAR (CmdtSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (MunMort) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



Sec Mort Pes



1 2SAR (CmdtSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (MunMort) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



Sec Mort Pes



1 2SAR (CmdtSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (MunMort) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



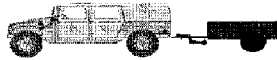
Sec Mort Pes



1 2SAR (CmdtSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (MunMort) (E)
1 SOLD (CondViatFamM113) (E)



Sec Man



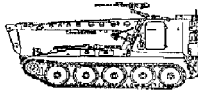
1 SAJ (CmndtSec) (E c/ LG)
1 SOLD (MecViatRodas/Cond) (E)



1 CABO (CBMecTorre) (E)
1 CABO (CBMecArmLig) (E)
1 CABO (CBElectrAuto/Cond) (E)



1 1SAR (SargMec) (E+P)
1 CABO (CBMecViatLagartas) (E)
1 CABO (CBMecViatLagartas/Cond) (E)



1 1SAR (SargMec) (E+P)
1 CABO (CBMecViatLagartas) (E)
1 CABO (CBMecViatLagartas/Cond) (E)

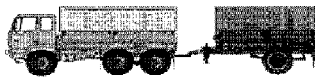


1 1SAR (SargMec) (E)
1 CABO (CBMecViatRodas/Cond) (E)



Sec Reab

Eq Reab



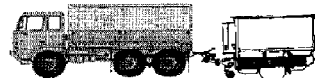
1 SAR (CmndtSec/CmndtEqReab) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)



1 CABO (CBOpReab/Cond) (E)



Eq Alim



1 2SAR (SargAlim) (E c/ LG)
1 CABO (CBCoz) (E)
2 SOLD (Coz) (F)
1 SOLD (Coz/Cond) (E)



1 SOLD (OpReab/Cond) (E)



1 SOLD (OpReab/Cond) (E)



1º Pelotão de Reconhecimento

Pel Rec (x 3)

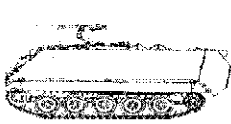
Cmd



X

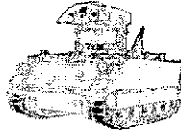
- 1 SUBALT (2ºCmdt) (P+E)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)

SecExpl



- 1 SAR (CmndtSec) (E+P)
- 1 SOLD (At/Granad) (E c/ LG)
- 1 SOLD (CondViatFamM113)

X



- 1 CABO (ChViat) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (MunSistMissilAcar) (E)
- 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)

X



- 2 SAR (CmndtEsq) (E+P)
- 1 SOLD (At/Granad) (E c/ LG)
- 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)

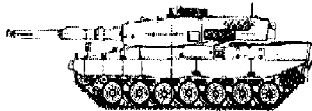
X



- 1 CABO (ChViat) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (MunSistMissilAcar) (E)
- 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)

X

Sec CC



- 1 SAR (CmndtSec) (E+P)
- 1 CABO (ApCC) (E+P)
- 1 SOLD (MunCC) (E)
- 1 CABO (CondCC) (E+P)

X



- 2 SAR (Chefe CC) (E+P)
- 1 CABO (ApCC) (E+P)
- 1 SOLD (MunCC) (E)
- 1 CABO (CondCC) (E+P)

X

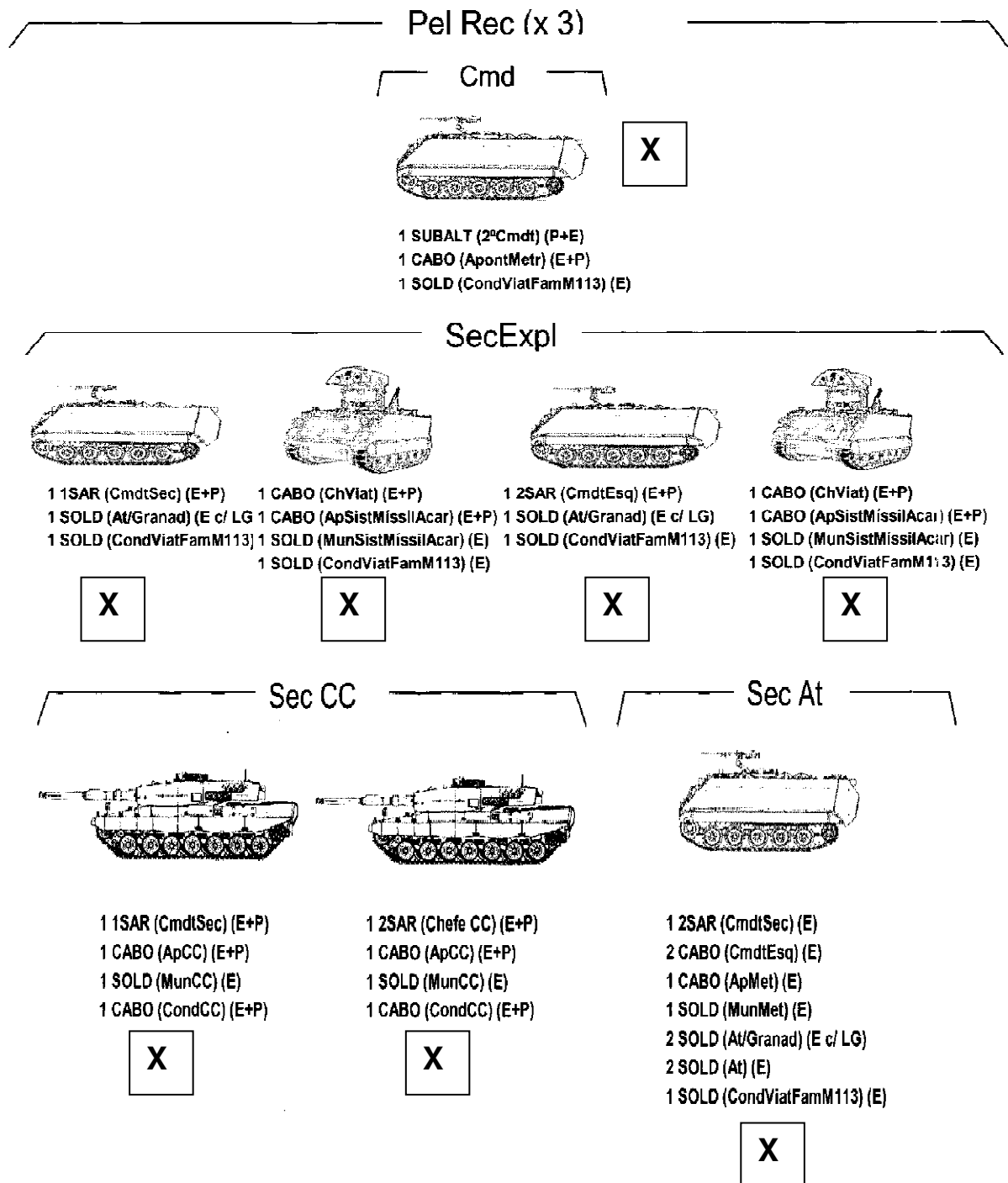
Sec At



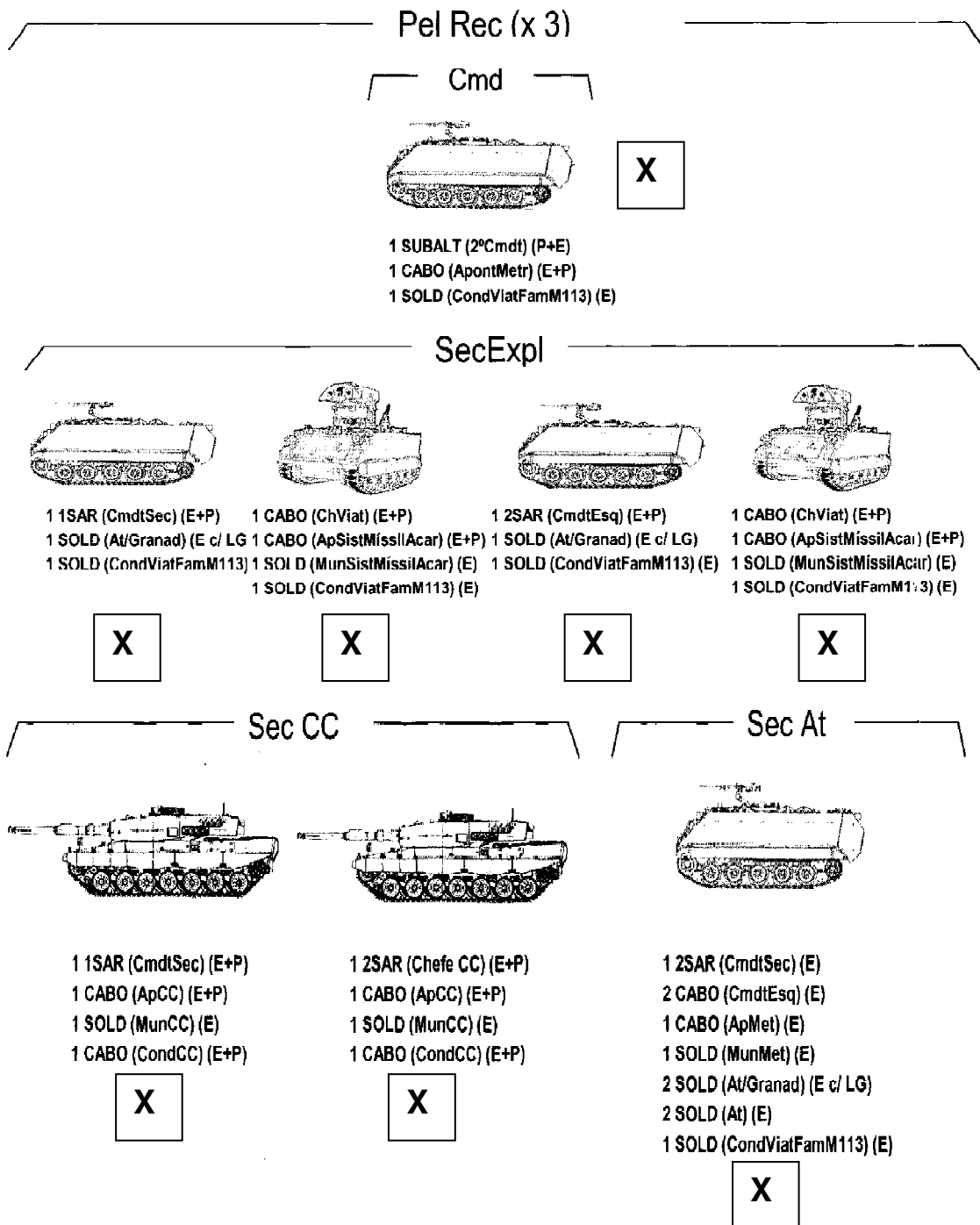
- 1 SAR (CmndtSec) (E)
- 2 CABO (CmndtEsq) (E)
- 1 CABO (ApMet) (E)
- 1 SOLD (MunMet) (E)
- 2 SOLD (At/Granad) (E c/ LG)
- 2 SOLD (At) (E)
- 1 SOLD (CondViatFamM113) (E)

X

2º Pelotão de Reconhecimento



3º Pelotão de Reconhecimento



Fonte: Elaborado com base no Quadro Orgânico do ERec – BrigMec (29 de Junho de 2009).

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigMec, Major de Cavalaria Paulo Serrano, em 05 de Fevereiro de 2010.

ANEXO HH

**ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA
REACÇÃO RÁPIDA (*LIGHT – RECCE / CAVALRY
COMPANY*)**

Elaborado com base no CJSOR 3.0¹¹¹

Elementos Estruturantes	SIM, possui	NÃO, possui	O que possui actualmente
a. Ter, no mínimo, 10 viaturas blindadas de reconhecimento (rodas) com blindagem ligeira.	X		
b. Ter, no mínimo, 3 Pelotões de Manobra.	X		
c. Ter, no mínimo, 120 Militares.		X	108 Militares
d. Comando do ERec	X		
e. Secção de Manutenção	X		
f. Secção de Reabastecimento	X		
g. Secção Anti-Carro/Morteiro	X		Possui um Pelotão morteiros médios.

¹¹¹ A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DE CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porquê?
1. Capacidade de ser aerotransportado na sua totalidade.	X		
2. Ser capaz de ser colocado por helicópteros, em qualquer terreno para ganhar vantagem, da sua mobilidade táctica, velocidade e capacidade de reacção, assumindo o controlo de terreno vital.	X		
3. Ter capacidade de combater em operações de alta intensidade e manobrar em todo o tipo de terreno se devidamente apoiado por multiplicadores de combate.	X		
4. Ser capaz de realizar operações como força inicial.	X		
5. Ser especialmente capaz de conduzir Operações de Apoio à Paz, onde seja necessário um número significativo de Infantaria.	X		
6. Ser capaz de conquistar, manter e controlar terreno com apoio apropriado.	X		
7. De uma forma geral, ter armamento mais ligeiro, que as unidades médias de reconhecimento, mas mantendo a sua capacidade Anti-Carro. Possui menos mobilidade e protecção que as unidades médias.	X		

<p>8. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas, bem como operar em condições de temperatura baixa e extremamente alta de acordo com a L 0048 (Cold and Extreme Hot/Dry Climate Capability for Deployable Forces (Land)), bem como operações em todo o terreno sob condições adversas.</p>	<p>X</p>		
<p>9. Ser capaz de atacar, defender ou executar movimentos retrógrados em coordenação com outros Batalhões ou Companhias, com sistemas de armas orgânicos.</p>	<p>X</p>		
<p>10. Ser capaz de receber e integrar apoio de combate de unidades de artilharia, engenharia, reconhecimento, NBQR e Guerra Electrónica.</p>	<p>X</p>		
<p>11. Ser capaz de adquirir alvos de dia/noite e entrar em combate tanto parado como em movimento.</p>	<p>X</p>		
<p>12. Ser capaz de vigiar, negar o acesso, ocupar e defender áreas (normalmente com apoio de Infantaria).</p>	<p>X</p>		
<p>13. Ser capaz de conduzir operações de contra-insurreição, apoio à paz e outras operações (tais como patrulhamentos, controlo de multidões em ambientes menos exigentes) usando outros sistemas e doutrinas.</p>	<p>X</p>		
<p>14. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 3 dias de combate (excepto para munições).</p>	<p>X</p>		

<p>15. a. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico).</p>	<p>X</p>		<p>Existe quase a totalidade de equipamento NBQ para o pessoal do ERec, em termos de máscaras e fatos e a máscara é a M17.</p>
<p>15. b. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico contra RCIED (Engenhos explosivos improvisados accionados por controlo remoto).</p>		<p>X</p>	<p>As VBL Rec PANHARD M-11 do Exército Português não estão equipadas com o módulo de Sobreprotecção PL 127 que é vendido pela PANHARD que confere alguma protecção suplementar contra IED's, no entanto este tipo de viatura mesmo equipada com o módulo pouca protecção oferece contra este tipo de engenhos se a sua potência for elevada.</p>
<p>16. Ser capaz de conduzir reconhecimento de área, de itinerários e NBQR.</p>	<p>X</p>		<p>Reconhecimentos em ambiente NBQR sim, se as viaturas estiverem equipadas todas elas com o módulo de protecção BQ para filtragem do ar e se tiverem equipamentos de reconhecimento NBQR como as viaturas FOX do US Army ou FUCHS do Exército Alemão.</p>
<p>17. Capacidade de ser projectado por meios de transporte aéreo táctico</p>	<p>X</p>		
<p>18. Maximizar as capacidades de mobilidade, flexibilidade, comunicações e reacção rápida, para garantir a vigilância, guarda de flanco e segurança de área da retaguarda de uma força de escalão superior.</p>	<p>X</p>		
<p>19. Ter a capacidade de ser rapidamente reorientada na sua missão e cobrir áreas alargadas, através do emprego das comunicações.</p>	<p>X</p>		<p>Desde que as VBL Rec tenham estejam equipadas com o Equipamento Rádio VHF/HF 525</p>

20. Possibilidade de ser usada como parte de uma Divisão ou Corpo de Exército.	X		
21. Capacidade de coordenação e controlo de movimentos.	X		

Fonte: Elaborado com base no CJSOR 3.0

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigRR, Capitão de Cavalaria Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

APÊNDICE II

REQUISITOS DE UMA *RECCE UNIT* – ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA

Elaborado com base no *Requirement Catalogue 05*¹¹²

Números de Referência para Pessoal e Viaturas	O que possui actualmente
a. Número de Pessoal – 80 militares	108 Militares
b. Número de Viaturas de Reconhecimento – 13 viaturas	6 Viaturas Panhard M11 2 Viaturas Panhard M11, com radar 4 Viaturas Panhard M11, com sistema Lança-mísseis MILAN

¹¹² A tradução é da responsabilidade do autor da tese.

LISTA DA CAPACIDADES	SIM	NÃO	Se não, porquê?
1. Ser capaz de conduzir operações expedicionárias conjuntas e combinadas e ser projectada taticamente sob todas as condições climatéricas, bem como executar operações em todo o terreno sob condições adversas.	X		
2. Ser capaz de realizar operações de reconhecimento até 150 km à frente das linhas amigas para detectar forças oponentes 24 horas por dia.	X		Desde que seja garantido apoio de comunicações adequado pelo escalão superior.
3. Ser capaz de se deslocar independentemente, operando sem apoio e com o mínimo risco de detecção.	X		
4. Ser capaz de garantir protecção adequada para o pessoal e equipamento orgânico no âmbito NBQR.	X		Existe quase a totalidade de equipamento NBQ para o pessoal do ERec, em termos de máscaras e fatos e a máscara é a M17.
5. Ser capaz de conduzir operações de uma forma independente durante 5 dias (CDOS).	X		

Fonte: Elaborado com base no RC 05.

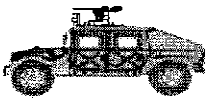



Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigRR, Capitão de Cavalaria Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

ANEXO JJ

VIATURAS QUE EXISTEM ACTUALMENTE NO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA BRIGADA DE REACÇÃO RÁPIDA




Assinale com um X as viaturas que **EXISTEM** no ERec:

Cmd e Sec Cmd

 <p>1 CAP (Cmdt) (P+E) 1 CABO (ApontMetr) (E+P) 1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)</p>	<input checked="" type="checkbox"/>	 <p>1 SUBALT (2ºCmdt) (P+E) 1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)</p>	<input checked="" type="checkbox"/>
 <p>1 1SAR (SargOpInfo) (E+P) 1 1SAR (SargAdj) (F+P) 1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)</p>	<input type="checkbox"/>	 <p>1 SAJ (AdjCmdt) (E+P) 1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)</p>	<input checked="" type="checkbox"/>

Sec Comunicações e Sistemas Informação

(1) 1SAR (CmdtSec)

	<i>Eq C2 e Gestão</i>	
<input type="checkbox"/>	 <p>1 1SAR (CmdEqGestão) (E c/ LG) 1 CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)</p>	 <p>1 2SAR (CmdEqComutação) (E) (1) CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)</p>
<input type="checkbox"/>		<p><i>Eq Tm</i></p> <p>1 1SAR (CmdSecTm) (E c/ LG) (1) CABO (CBOpTele) (E) 1 SOLD (OpTele) (E)</p>

Sec VCB



1 1SAR (CmdtSec VCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatLig) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatLig) (E)



1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatLig) (E)



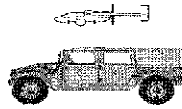
1 2SAR (ChViatVCB) (E+P)
1 CABO (OpRadar) (E)
1 SOLD (CondViatLig) (E)



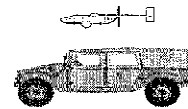
Sec Min UAV



(1) 1SAR (CmdtSec/Eq)(E)
(1) CABO(OpMinUAV/Cond)(E)



(1) 2SAR (ChEq) (E)
(1) CABO(OpMinUAV/Cond)(E)



(1) 2SAR (ChEq) (E)
(1) CABO(OpMinUAV/Cond)(E)



Sec Man



1 SAJ (CmdtSec) (E c/ LG)
1 SOLD (MecViatRodas/Cond) (E)



1 1SAR (SargMec) (E+P)
1 CABO (CBMecViatRodas/Cond) (E)



1 2SAR (SargMec) (E)
(1) CABO (CBMecViatRodas) (E)
1 CABO (CBMecArmLig) (E)
1 CABO (CBElectrAuto) (E)
1 SOLD (MecViatRodas/Cond) (E)



Sec San



(1) 1SAR (CmdtSec) (E+P)
(1) CABO (CBSocorr/Cond) (E+P)



1 CABO (CmdtEsqEvac) (E+P)
(1) SOLD (Socorr) (E+P)
1 SOLD (Socorr/Cond) (E+P)



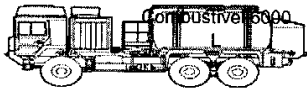
Sec Reab

Eq Reab



X

(1) SAR (CmndSec/CmndEqReab) (E)
(1) SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)



X

(1) CABO (CBOPReab/Cond) (E)



X

(1) SOLD (OpReab/Cond) (E)



X

(1) SOLD (OpReab/Cond) (E)

Eq Alim



X

1 2SAR (SargAlim) (E c/ LG)
1 CABO (CBCoz) (E)
2 SOLD (Coz) (E)
1 SOLD (Coz/Cond) (E)

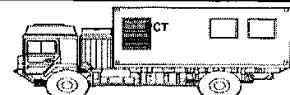
Pel Mort Pes

Cmd



X

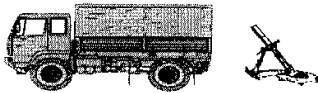
1 SUBALT (Cmnd) (P+E)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)



X

1 1SAR (SargPel/ChPCT) (E+P)
2 CABO (OpPCT/Cond) (E)

Sec Mort Pes



1 2SAR (CmndSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (OpMort) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)

Sec Mort Pes



1 2SAR (CmndSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (OpMort) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)

Sec Mort Pes



1 2SAR (CmndSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (OpMort) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)

Sec Mort Pes



1 2SAR (CmndSec) (E+P)
1 CABO (ApMort) (E+P)
1 SOLD (OpMort) (E)
1 SOLD (CondViatPes/OpRád) (E)

1º Pelotão de Reconhecimento

Pel Rec

Cmd

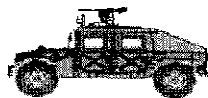


1 SUBALT (2ºCmdt) (P+E)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)



1 1SAR (SargPel) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)

SecExpl



1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

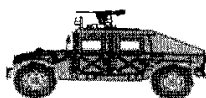


1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

SecExpl



1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)



1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

2º Pelotão de Reconhecimento

Pel Rec

Cmd



1 SUBALT (2ºCmdt) (P+E)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)



1 1SAR (SargPel) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)

SecExpl



1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)



1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

SecExpl



1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)



1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
1 CABO (ApontMetr) (E+P)
1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
1 CABO (CBCondViatLig/OpRád) (E)



1 2SAR (ChEsq) (E+P)
1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

3º Pelotão de Reconhecimento

Pel Rec

Cmd



- 1 SUBALT (2ºCmdt) (P+E)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)



- 1 1SAR (SargPel) (E+P)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád) (E)

SecExpl



- 1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
- 1 CABO (CBCCondViatLig/OpRád) (E)



- 1 2SAR (ChEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

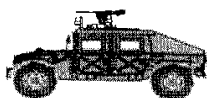


- 1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
- 1 CABO (CBCCondViatLig/OpRád) (E)



- 1 2SAR (ChEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

SecExpl



- 1 1SAR (CmdtSec/CmdtEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
- 1 CABO (CBCCondViatLig/OpRád) (E)



- 1 2SAR (ChEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)



- 1 2SAR (CmdtEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApontMetr) (E+P)
- 1 SOLD (Atirador) (E c/LG)
- 1 CABO (CBCCondViatLig/OpRád) (E)



- 1 2SAR (ChEsq) (E+P)
- 1 CABO (ApSistMissilAcar) (E+P)
- 1 SOLD (CondViatLig/OpRád/Mun) (E)

Notas:

a) As viaturas presentes neste QO são HUMMVEE, mas o que existe no Esquadrão são PANHARD M11.

b) O que encontra sublinhado será activado em treino ou emprego operacional do Esquadrão.

c) As restantes VBL Rec PANHARD M-11 que perfaziam o QO de 15FEV06 encontram-se 18 no TO do KOSOVO para onde este Esquadrão vai pela 3ª vez, como um todo, em Setembro de 2010, constituindo-se como uma das Unidades de Manobra do RI 15, em Tomar; e ainda algumas que se encontram à carga do DGME e que ainda se encontram nas OGME a realizar o OVERHAUL, para entrarem novamente em canal e regressarem ao ERec/BrigRR.

d) As viaturas do PelMort não existem, mas quando treinamos o PelMort vamos buscar as IVECO 4X4 dos PelRec para os transportar. Os Morteiros existem, são 4 MortMed Americanos M937 81mm e fazemos tiro com eles no CMSM, tal como com as restantes armas colectivas do Esquadrão: Browning 12,7mm, Browning 7,62mm, Browning .30, Míssil MILAN.

e) O 3º PelRec existe em termos de pessoal e equipamento individual, mas como as VBL Rec PANHARD M-11 são poucas e estão distribuídas ao Comando e ao 1º e 2º PelRec, mas quando o 3º PelRec treina com viaturas, vai buscá-las aos outros Pelotões.

Fonte: Elaborado com base no Quadro Orgânico do ERec – BrigRR (03 de Dezembro de 2009).

Questionário efectuado ao Comandante do ERec da BrigRR, Capitão de Cavalaria Fernando Lopes, em 13 de Março de 2010.

ANEXO KK

ALTERAÇÕES ORGANICAS NA *NATO RESPONSE FORCE*

11

Quadro KK.1: Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento (BRAGA) – 15 de Fevereiro de 2006.

	OFICIAIS	SARGENTOS	PRAÇAS	TOTAL
Cmd e Sec Cmd	2	5	9	16
Sec Man	0	4	8	12
Sec de Reab	0	2	8	10
Sec San	0	0	4	4
Sec VCB	0	4	8	12
Pel Mort Pes	1	5	16	22
Pel Rec (x3)	3	15	84	102
TOTAL	6	35	137	178

Fonte: Adaptado de EME (2006, p. 5).

Quadro KK.2: Quadro Orgânico do Esquadrão de Reconhecimento proposto para a *Nato Response Force 11*

	OFICIAIS	SARGENTOS	PRAÇAS	TOTAL
Cmd e Sec Cmd	2	5	9	16
Sec Man	0	5	7	12
Sec de Reab Tpt	0	2	10	12
Sec San	0	2	4	6
Sec VCB	0	2	4	6
Sec Mort Med	0	5	11	16
Pel Rec (x3)	3	15	54	72
TOTAL	5	36	99	140

Fonte: Adaptado de EME (2007, p. 3).

ANEXO LL

ESTRUTURA ORGÂNICA DA *MEDIUM RECCE COY* (BRAGA)

Cmd



1 CAP (CMDT) (P)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)

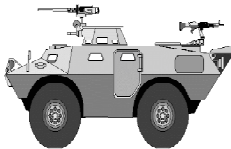


1 TEN (Adjunto) (E)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)

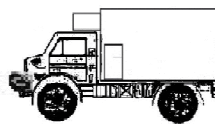


1 SAJ (Adj Cmdt) (E)
1 Praça (Escl/CAR) (E c/ LG)

Sec de Cmd



1 SAJ (Sarg Op) (E)
1 SAR (Aux) (E)
1 Praça (Cond VBPC) (P)



1 SAR (Sarg Tms) (E)
1 Praças (Op RAPC) (E)
1 Praça (RT) (E)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)



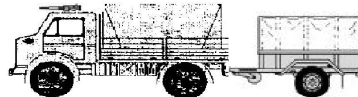
1 SAR (Ch VBTP) (E)
1 Praça (At Expl) (E)
1 Praça (Cond VBTP) (P)

OF	SAR	Praça
2	5	9

Sec Man



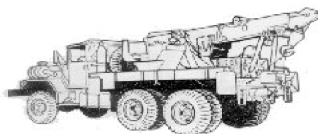
1 SAJ MVBR (Cmdt) (E)
1 Praça (CAR/Escrit) (E c/ LG)



1 SAR (Mec Torre) (2) (E)
1 Praça (Mec Torre) (E)
1 Praça (Mec Viat Auto) (E)
1 Praça (CAR/Mec Viat Auto) (E c/ LG)



1 SAR (Radiomontador) (2) (E)
1 1/2SARG (MecArmLig)
1 Praça (Mec Electr Auto) (E)
1 Praça (CAR/Mec Viat Auto) (E c/ LG)



1 SAR (Mec Viat Auto) (E)
1 Praça (Op Viat PSocorro) (E c/ LG)

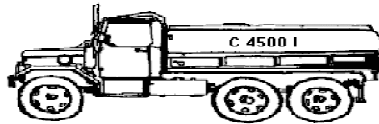
OF	SAR	Praça
-	5	7

Sec Reab Tpt

Eq Reab



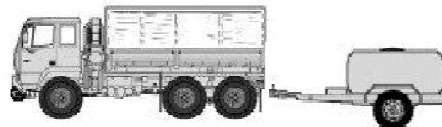
1 1SAR (CMDT) (E)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)



1 Praça (Esc Comb Lub) (E)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)



1 Praça (ServMun) (E)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)



1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)

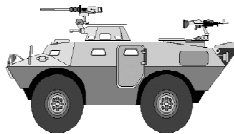
Eq Alim



1 2SAR (Sarg Alim) (E)
3 Praças (Coz) (3) (E)
1 Praças (Coz) c/ carta cond Tipo C (E c/ LG)

OF	SAR	Praça
-	2	10

Sec VCB



1 1SAR (CMDT) (E)
1 Praça (Op Sist VCB) (E)
1 Praça (Cond VBTP) (P)



1 2SAR (Ch Eq VCB) (E)
1 Praça (Op Sist VCB) (E)
1 Praça (Cond VBTP) (P)

OF	SAR	Praça
-	2	4

Sec San

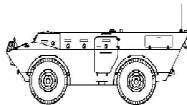


1 1SAR (Cmndt) (P)
1 2SAR (Socorrista) (P)
3 Praça (Socorrista) (P)
1 Praça (CAR/RT) (E c/ LG)

OF	SAR	Praça
-	2	4

SecMortMed

Cmd



1 1SAR (CmndtSec) (E)
1 1/2SAR (SargPCT) (E)
1 Praça (Calc PCT) (E)
1 Praça (Cond VBR) (P)

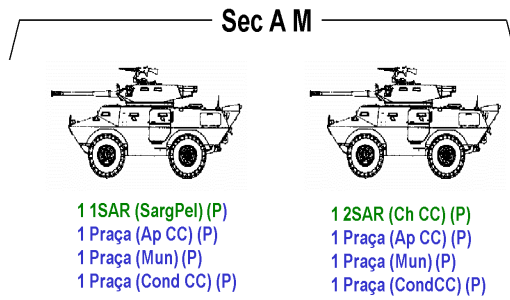
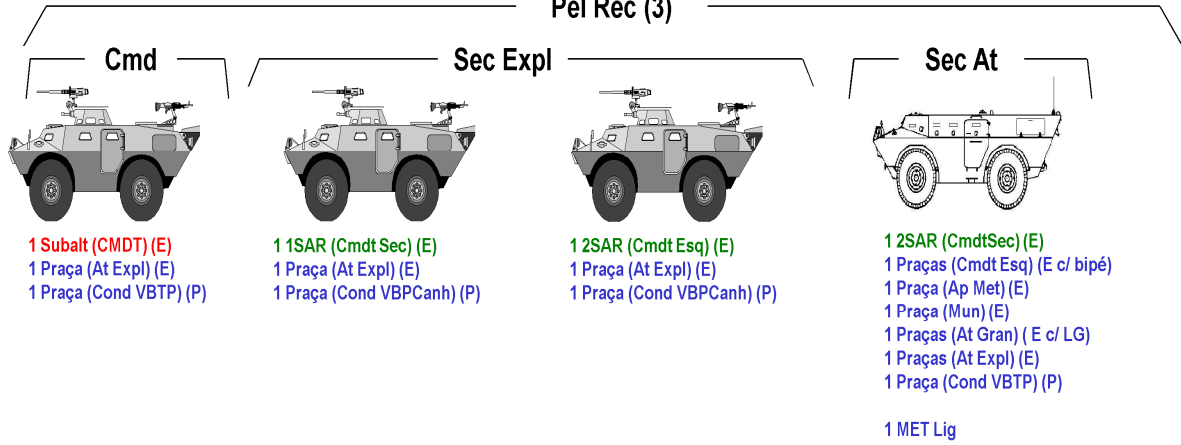
OF	SAR	Praça
	5	11

EqMortMed (3)



3 2SAR (Cmndt) (E)
3 Praça (Ap) (P)
3 Praça (Mun) (E c/ LG)
3 Praça (Cond VBTP) (P)

Pel Rec (3)



OF	SAR	Praça
1	5	18

Fonte: Marques (2007).

ANEXO MM

TIPOS DE MÍSSEIS *TUBE LAUNCHED, OPTICALLY TRACKED, WIRE COMMAND LINK*

Quadro MM: Tipos de Mísseis TOW

Tipo de Míssil ¹¹³	Alcance	Penetração de Blindagem
BGM-71A/B	65m – 3,750m	600mm
BGM-71C	65m – 3,750m	800mm
BGM-71D	65m – 3,750m	900mm
BGM-71E	65m – 3,750m	1,000mm, com uma camada de <i>Explosive Reactive Armour</i> (ERA)

Fonte: Pakistan Military Consortium

¹¹³ Actualmente no Exército Português são utilizados o BGM-71A e o BGM-71D. (DSM)